



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS- ICHL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO – PPGL**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LITERÁRIOS**

**MUDANÇAS E TRANSIÇÕES NA INGLATERRA NO SÉCULO XX EM *HOWARDS*  
*END*, DE E. M. FORSTER**

**ALEXANDRE MENEZES DE AGUIAR**

**Manaus**

**2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS- ICHL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO – PPGL**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LITERÁRIOS**

**ALEXANDRE MENEZES DE AGUIAR**

**MUDANÇAS E TRANSIÇÕES NA INGLATERRA NO SÉCULO XX EM *HOWARDS*  
*END*, DE E. M. FORSTER**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Amazonas, Como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras/ Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Lajosy Silva

**Manaus**

**2015**

## ERRATA

<b>Folha</b>	<b>Linha</b>	<b>Onde se lê</b>	<b>Leia-se</b>
19	Na primeira linha da citação	À serviço da Cruz Vermelha	Ao serviço da Cruz Vermelha
19	Na 4ª e 6ª linha da citação	A palavra Egito	Egipto
20	Na 6ª linha da citação	E estes servem o suficiente como	E estes servem o suficiente como (Sem repetição desta frase)

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ALEXANDRE MENEZES DE AGUIAR**

Dissertação aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Prof. Dr. Lajosy Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha (Membro)  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof. Dr. Fúlvio Torres Flores (Membro)  
Universidade Federal do Vale do São Francisco

---

Prof. Dr. João Luiz de Souza (Suplente)  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof. Dr. Esteban Reyes Celedon (Suplente)  
Universidade Federal do Amazonas

## **DEDICATÓRIA**

Ao Cristo Jesus por todas as bênçãos conquistadas em minha vida. A ele toda honra e adoração.

À minha mãe, Marilete Menezes de Oliveira, que teve toda paciência do mundo para me ajudar nos momentos de estresse.

À Gizele Gondim, que me apoiou e estando ao meu lado durante esses dois anos de muito estudo e dedicação exclusiva ao programa.

Ao meu orientador, professor Dr. Lajosy Silva, que foi meu professor no curso de especialização e no programa de Mestrado em Letras. Agradeço a você por suas preciosas orientações, por sua amizade e confiança no meu trabalho. Esta dissertação de Mestrado é uma conquista nossa porque trabalhamos juntos arduamente durante esses dois anos. Obrigado, meu amigo.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Lajosy Silva, pelas preciosas orientações que me concedeu durante esses dois anos de curso. Obrigado pelas riquíssimas intervenções e sugestões. Nosso trabalho está concluído.

À Prof. Dr.<sup>a</sup> Lileana, pelas maravilhosas aulas de Literatura Fantástica. Foi muito bom estudar com a senhora durante as disciplinas de créditos do curso e por fazer parte de minha banca de qualificação.

Ao Prof. Dr. Guedelha, pelas contribuições preciosas na minha qualificação e pela destreza em conduzir as aulas no curso de Pós Graduação.

Ao Prof. Dr. Esteban, pelo seu comprometimento com todos nós mestrando do curso de Pós-Graduação em Letras. Aprendemos muito com o senhor e fico feliz por ter sido seu aluno.

Ao Prof. Dr. Sérgio Freire, pelas maravilhosas aulas de Linguística que tivemos.

À Prof. Dr.<sup>a</sup> Nereide Santiago, pelas aulas de teatro que foram excelentes.

Aos amigos do Mestrado em Letras.

À Angélica Gonçalves, secretária do Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado da Universidade Federal do Amazonas – Ufam, por nos atender com eficiência e dedicação.

À Gizele Gondim de Souza, pela paciência nos momentos de dificuldade e estresse que tive nesses dois anos de curso.

À professora Regina Marinho, pelas excelentes aulas de Língua Inglesa durante o estágio.

## EPÍGRAFE

*Only Connect*

(FORSTER, 2012, p. 185)

The personality of a writer does become important after we have read his book and begin to study it. When the glamour of creation ceases, when the leaves of the divine tree are silent, when the co-partnership [between writer and reader] is over, then a book changes its nature, and we can ask ourselves questions about it such as “what is the author’s name?” “where did he live?” “was he married?” “which was his favorite flower?” Then we are no longer reading the book, we are studying it and making it subserve our desire for information. Study is only a serious form of gossip. It teaches us everything about the book except the central thing, and between that and us it raises a circular barrier which only the wings of the spirit can cross.

E. M. Forster ‘Anonymity: An inquiry` 1925.

## **EPIGRAFE**

*Only Connect*

(Forster, 1992, p. xxii)

‘Only Connect’: this motto served as an epigraph to Forster’s previous, *Howards End*. It referred there, in part, to the human error of keeping the self in compartments and not admitting the link between the ‘prose’ and the ‘passion’ in life, the ‘beast’ and ‘monk’ in every human.



## RESUMO

Esta dissertação de mestrado faz uma análise histórico-literária do romance *Howards End*, do escritor inglês E. M. Forster. O primeiro capítulo apresenta a vida do autor, assim como suas viagens ao exterior e os romances publicados. No segundo, faremos uma análise da narrativa; enfatizando os fatos, as personagens e os elementos descritos pelo autor. Por fim, no terceiro, compararemos *Howards End* com *On Beauty*, de Zadie, e faremos uma abordagem dos fatos, das personagens, e elementos descritos nessas obras. *Howards End* foi publicado em 1910 durante a época Eduardiana, quando o período conhecido como Era Vitoriana se encerra. Nesse momento de intensa transição na Inglaterra havia o conflito entre o “novo” e o “velho”, já que a Inglaterra não possuía mais controle sobre suas colônias, e questões políticas e econômicas na Europa parecem surgir com a ascensão de regimes totalitários na Alemanha e Itália. Na narrativa, há a resistência ao novo representado pelas irmãs Schlegel que são intelectuais e emancipadas, filhas de mãe inglesa e pai alemão e, do outro lado, a imposição das tradições representadas pelo clã Wilcox, assim como a integração de outro núcleo, os Bast, de origem proletária e marginalizada naquela sociedade. O conflito inicial se dá quando a matriarca dos Wilcox, por um gesto simbólico de amizade, decide deixar sua velha casa de campo, Howards End para a irmã mais velha Schlegel (Margaret), sem que essa tome conhecimento da decisão. As famílias têm seus destinos entrecruzados a partir desse conflito que é o cerne de boa parte da obra de E. M. Forster, quando ele parece sugerir que as relações interpessoais representam a única possibilidade de compreensão de um mundo caótico.

**Palavras-chaves:** E. M. Forster; Proletários; Transformações socioeconômicas; Junte apenas; Emancipação feminina; Relações Pessoais.

## ABSTRACT

This master's dissertation completes a historical-literary analysis of the novel *Howards End*, written by the English novelist E. M. Forster. The first chapter presents the author's life, as well as his travels abroad and novels published. Secondly, we analyze the narrative; emphasize the facts, characters and symbolic elements described by the author. Finally, the third chapter, we compare *Howards End* with *On Beauty* by Zadie Smith, approaching the facts, characters and symbolic elements written in these works. *Howards End* was published in 1910 during the Edwardian time, when the Victorian era is over. There was a conflict in England during this time of intense transition between the "new" and "old", since England has no longer control over its colonies and political and economic questions in Europe seem to increase with totalitarian regimes in German and Italy. In the narrative, there is a resistance to the new changes represented by the sisters Schlegels who are intellectual and emancipated, daughters of an English mother and a German father. On the other hand, the impositions of traditions represented by the clan Wilcox, as well as the integration of another nucleus, the Basts, originally proletarians in that society. The initial conflict begins when the matriarch of the Wilcox, for a symbolic gesture of friendship, decides to leave her old cottage house, Howards End, to the old sister (Margaret), without letting her know about this decision. The families have their paths crossed with that conflict which is the core of most parts of the novel of E. M. Forster, as he seems to suggest that personal relationships represent the only possibility to comprehension of a chaotic world.

**Key words:** E. M. Forster; Proletarians; Socioeconomic transformations; Only connect; feminine emancipation.

## ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1: A residência dos Wilcoxes..... 87
- Figura 2: Na cena, Paul Wilcox e Helen Schlegel iniciam um breve relacionamento de amor. Eles permanecem, juntos por um período muito curto no romance e terminam com a partida de Paul para a Nigéria.. ..... 88
- Figura 3: O telegrama enviado por Helen Schlegel a sua irmã Margaret. Na ocasião, Helen conta a sua irmã a grande decepção que teve com a família dos Wilcoxes e diz que eles são uma fraude.....89
- Figura 4: Na cozinha, Maragret lê o telegrama enviado por sua irmã e fica chocada com a notícia de que ela estava noiva. Na ocasião, a tia Juley fica surpresa com as palavras da sobrinha e decide ir à Howards End romper o noivado.....91
- Figura 5: A família Wilcox reunida. No carro, Henry Wilcox e seu filho Charles se despedem de Ruth. Esse é o exato momento que ocorre o término do relacionamento entre o Paul e HelenSchelgel.....93
- Figura 6: O momento em que Henry Wilcox visita a residência das Schlegels. O patriarca encontra Leonard Bast na casa das irmãs e fica enciumado. A partir daí, E. M. Forster entrecruza os caminhos dos ricos e proletários no romance.....94
- FIGURA 7: O almoço oferecido por Margaret a sua nova amiga Ruth Wilcox. Nesse momento, todos os convidados reunidos ouvem atentamente as palavras da matriarca que expõe sua concepção sobre a população alemã.....99
- Figura 8: As irmãs Schlegels e Tibby. A representação das mulheres emancipadas e intelectuais..... 101
- Figura 9: Na cena, Jacky Bast reencontra Henry Wilcox e relembra o seu relacionamento extra conjugal com ele há dez anos atrás. .... 103

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I E. M. FORSTER: UMA APRESENTAÇÃO SOBRE SUA OBRA E CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
1.1 Formação e produção literária.....	17
1.2 A construção das personagens.....	20
1.2.1 As definições de personagem flat e round.....	22
1.3 O período Eduardiano e a continuação de um Império.....	23
1.4 O conflito de uma identidade inglesa: as colônias e a relação com o Império.....	24
1.5 Os temas: as relações interpessoais e as transformações socioeconômicas.....	26
1.6 Junte apenas: a crença do autor.....	27
CAPÍTULO II <i>HOWARDS END</i> , ANÁLISE DAS PERSONAGENS E CLASSES SOCIAIS DA ERA EDUARDIANA.....	29
2.1 Os Wilcoxes: o tradicionalismo inglês.....	31
2.1.1 Henry Wilcox.....	33
2.1.2 Ruth Wilcox.....	39
2.1.3 Charles e Dolly Wilcox.....	47
2.1.4 Paul Wilcox.....	51
2.2 A família Schlegel e a emancipação feminina.....	52
2.2.1 Margaret Schlegel.....	57
2.2.2 Helen Schlegel.....	60
2.2.3 Theodore “Tibby Schlegel”.....	62
2.3 Os Bastards.....	64
CAPÍTULO III <i>HOWARDS END</i> : ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA E RELEITURA.....	75
3.1 E. M. Forster e James Ivory: uma parceria artística.....	75
3.2 Uma análise comparativa da obra e o filme.....	77
3.3 <i>Howards End</i> e <i>On Beauty</i> de Zadie Smith: uma releitura e análise comparativa.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	107

## INTRODUÇÃO

O romancista E. M. Forster escreveu *Howards End* em 1910, em uma época em que o país passava por constantes transformações socioeconômicas. O romance é uma reconstrução das principais transições que a Inglaterra enfrenta em 1910.

E. M. Forster entrecruza o caminho de três famílias que fazem a representação simbólica das respectivas classes sociais da época em voga. Elas são responsáveis por apresentar os conflitos vividos entre proletários e ricos que se confrontavam por suas diferenças econômicas e intelectuais. Com o propósito de desenvolver a questão social exposta em *Howards End*, o autor introduz sua personagem, Leonard Bast (proletário), que reside em uma área desfavorecida em Londres e que passa por diversas dificuldades.

À medida que a narrativa acontece, o proletário passa a vivenciar o caos que todo operário enfrentava no dia a dia em busca de estabilidade financeira e ingresso nos eventos sociais da burguesia. Em um concerto de ópera, Leonard Bast conhece a família das irmãs Schlegels e passa a frequentar a residência delas. A partir daí, nasce uma relação de amizade, que antes de tudo simboliza a união das respectivas classes sociais. As irmãs Margaret e Helen representam a emancipação feminina e o multiculturalismo, pois elas são filhas de uma inglesa com um alemão, fato que traz outro ponto de análise para a obra. A Inglaterra é conhecida como multicultural, mas existe uma tentativa de apagar o reconhecimento das diferenças, as individualidades que compõem esse país, uma vez que ele possui um diálogo com suas colônias e impactos com outras culturas, como fica bem evidente em outro romance do autor, *A passage to India* (Uma passagem para a Índia) 1924.

A ascensão social é discutida em *Howards End*, que descreve claramente o desejo dessa classe de alcançar melhores condições trabalhistas e oportunidades que os favoreçam. É importante lembrar que a estratificação social é um fato na Inglaterra, quando diferentes classes não se misturam, apontando para a frase inicial mencionada (*Junte Apenas*) no início do romance. A crença do autor de que a única saída para toda a sociedade seria através das relações interpessoais é evidenciada no relacionamento entre as irmãs Schlegels e a matriarca Ruth Wilcox, que se compadece delas quando vê a residência ser ameaçada de demolição por conta da construção de novos apartamentos no bairro e que decide entregar sua própria residência, *Howards End*.

Como introdução ao contexto histórico anterior ao período Eduardiano, *Howards End* faz menção aos conflitos políticos entre ingleses e alemães por meio de suas personagens. Sentados à mesa, Ruth Wilcox descreve a importância das relações interpessoais como única forma de unir toda a sociedade. E. M. Forster cita por diversas vezes situações em que haja conflitos envolvendo ricos e proletários a fim de ratificar sua temática humanitária. Os Wilcoxes, família rica e próspera, fazem oposição aos proletários e não aceitam a inserção deles em seu meio social. Para eles, os trabalhadores são vistos como ferramentas de trabalho e o infortúnio deles é uma mera consequência da batalha do dia a dia.

Nesse ponto, a epígrafe de E. M. Forster passa a ter uma representação relevante, pois mostra a insistência do autor em unificar a sociedade em todos os seus aspectos. Assim, temos um panorama dos principais acontecimentos ocorridos no início do século XX que são discutidos até os dias de hoje. O romance aborda a questão do tradicionalismo vitoriano, conjunto de valores e convenções morais que a sociedade impunha aos ingleses naquela época e traz uma reflexão para todos.

Em um período no qual havia uma resistência contra o sufrágio feminino, E. M. Forster mostra as contínuas lutas das mulheres em busca do seu reconhecimento social no trabalho, em casa e nos demais segmentos da sociedade. Essa importante conquista das mulheres é discutida nas palavras da personagem Ruth Wilcox, que diz não ter o menor interesse em votar. E. M. Forster expõe a submissão de algumas mulheres que viviam para o lar, em contraste com mulheres modernas e cultas como as irmãs Schlegel.

A alegoria da casa, *Howards End* fornece ao leitor detalhes peculiares do estilo de vida da sociedade daquela época. É por meio dessas expressivas definições que contextualizaremos o perfil social inglês dos moradores no período vitoriano, os quais obtiveram significativo crescimento econômico e social nessa época. O romance faz uma abordagem dessas mudanças e transições que mudaram a história do país e uma reflexão ao humanismo, temática recorrente no romance.

## CAPÍTULO I

### E. M. FORSTER: UMA APRESENTAÇÃO SOBRE SUA OBRA E CONTEXTO HISTÓRICO

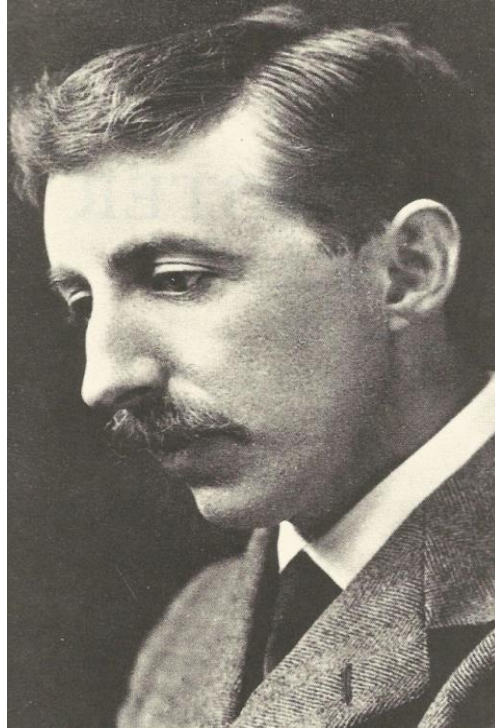


Figura 1: Fotografia do romancista E. M. Forster. Publicação por Nicola Beauman em *E. M. Forster a Biography*, New York, 1994.

O escritor inglês Edward Morgan Forster nasceu em 1879, em meio a uma miscigenação de galeses e ingleses. Na adolescência, ele teve sua educação totalmente voltada aos cuidados de sua mãe e tias, após a morte de seu pai. A formação do escritor foi bem consolidada e digna de elogios. E. M. Forster cursou o ginásio no colégio Tonbridge, onde passou a fazer inúmeras amizades importantíssimas. Entre as muitas amizades que conheceu, havia futuros membros do famoso *Bloomsbury Group*, formado por Virginia Woolf, John Maynard Keynes e Lytton Strachey. Era um grupo coletivo de amigos e parentes que trabalhavam ou estudavam juntos, perto de *Bloomsbury*, em Londres, durante a primeira metade do século XX (1956).<sup>1</sup> Esse grupo se reunia como outros intelectuais para valorizar a arte, assim como propagar a crítica estética na literatura e demais expressões artísticas. Além de influenciar na arte, o grupo também levantava questões sobre o Movimento Modernista e temas relevantes para a época, como o sufrágio, o pacifismo e a sexualidade.

---

<sup>1</sup>ROSENBAUM, S. P. *The Bloomsbury Group- A Collection of Memoirs and Commentary* (1995, p. 5).

E. M. Forster estudou em *King's College*, onde futuramente lhe outorgariam o título de membro honorário em 1946. Ao deixar Cambridge, por volta de 1901, E. M. Forster viajou por várias cidades da Europa por aproximadamente um ano. Suas viagens foram incontestavelmente decisivas para desenvolver a narrativa de seus romances, pois trouxeram experiências, ideias e observações sobre o estilo de vida, costumes e convenções sociais que determinadas cidades ou países possuíam, como podemos observar em sua estada na Índia e Itália, resultando respectivamente nos romances *A room with a view (Uma janela para o amor)* 1908 e *A passage to India (Uma passagem na Índia)* 1924. Baseando-se nessas experiências, E. M. Forster passou a transpor suas personagens a esses lugares que visitou. O autor parece descrever a desarmonia causada pelos próprios ingleses, quando, de forma contraditória por serem tão metódicos, acabam causando mais confusão ao ignorarem a cultura de outros países.

Ao regressar à Inglaterra, o romancista passou a redigir textos e fazer leituras, as quais favoreceram a conclusão do seu primeiro romance *Where the angels fear to tread (Onde os anjos temem pisar)* 1905, onde E. M. Forster faz um paralelo entre a sociedade inglesa e a italiana, por meio dos protagonistas Lilia e Gino, conforme é descrito abaixo:

Ela refletiu principalmente em seu casamento. A cerimônia tinha sido apressada e cara, e a cerimônia, todas essas não eram as mesmas na igreja da Inglaterra. Lilia não tinha religião em si mesma; mas por horas de vez em quando ela era tomada por um temor vulgar como se ela não fosse casada corretamente, e que sua posição social no país em que vivia seria obscuro como era em sua situação<sup>2</sup> (FORSTER, 1947, p. 56).<sup>3</sup>

Após sua viagem pela Europa, Forster escreveu o segundo romance, com o título *The longest journey (A mais longa jornada)* 1907, fazendo alusão a sua viagem pela Europa e observações. Como consequência, escreveu *A room with a view (Uma janela para o amor)* 1908, romance que o tornou conhecido no âmbito literário e, posteriormente, *Howards End (O retorno a Howards)* 1910, trabalho que marcou sua carreira como escritor. Tais publicações fizeram-no conhecido e prestigiado na época, consolidando, assim, sua carreira como escritor, romancista e ensaísta.

---

<sup>2</sup> Todas as traduções nessa dissertação foram feitas por mim.

<sup>3</sup> “She reflected chiefly about her marriage. The ceremony had been hastily and expensive, and the rites, whatever they were, were not those of the church of England. Lilia had no religion in her; but for hours at a time she would be seized with a vulgar fear that she was not married properly, and that her social position in the next world might be as obscure as it was in this” (FORSTER, 1947, p. 56).



Em meados de 1912, Forster viajou à Índia, onde desenvolveu laços harmoniosos com vários amigos, entre eles, Sir Syed Ahmed Khan, membro de uma família distinta. O autor começou a trabalhar no serviço público, no qual desfrutava de certa liberdade política. Logo Forster teve a permissão de observar o Raj<sup>4</sup> e escutar os anglo-indianos, bem como suas queixas e discriminações vividas nesse período de ocupação. Com isso, surge o romance *A passage to India* (1924), que concedeu ao escritor duas distintas premiações: o Prix femina vie heureuse e o memorial de James Tait Black Embora o romance *Maurice* (*Maurício*) tenha sido escrito em 1913, mas, por causa da sua temática homossexual, o mesmo só seria publicado em 1974, três anos após a morte de E. M. Forster.

A notável forma humanista de escrever seus romances o tornou uma celebridade literária no mundo todo, pois ele parecia mais preocupado com o caos e as transformações sociais na virada do século XIX para o XX, e o impacto dessas mudanças nas relações interpessoais, ainda mais, com o liberalismo e o capitalismo se fortalecendo como filosofia econômica e política. O impacto negativo do imperialismo e da colonização britânica pode ser claramente visível nos países que ele visitou. E. M. Forster desenvolvia seus romances interligando os contextos históricos e sociais, mesmo que tudo ocorra a partir das relações interpessoais, ou seja, o microcosmo das personagens se expande para compreendermos o período e não se limita a psicologismos da vida cotidiana.

E. M. Forster dedicou sua vida à Literatura, e ao utilizá-la, ele metaforicamente ilustrava conceitos raciais, sociais e políticos, que eram recorrentes da época. Sua famosa coletânea crítica *Aspects of the romance* (*Aspectos do romance*) 1927 foi publicado no período em que ele estava em Cambridge.

*Aspects of romance* é uma coletânea de conferências e ensaios proferidos por E. M. Forster em Cambridge, tornando-se um clássico da teoria literária. Por sua coesão textual e pragmática, essa obra de E. M. Forster acabou por assumir uma espécie de manual desde a sua primeira publicação, como forma de situar a personagem em sua construção temporal, espacial e psicológica. Esse grande sucesso permitiu-lhe ser o idealizador das definições de personagens plana e redonda no romance, utilizados até hoje na literatura ao se estudar o conceito de personagem.

E. M. Forster também publicou contos, ensaios e libretos, assim como inúmeros prefácios e introduções de outras obras importantes da Literatura Inglesa. Cita-se como

---

<sup>4</sup> Termo usado pelos ingleses durante a ocupação no subcontinente indiano.

exemplo o prefácio do livro do romancista indiano Mulk Raj Anand's *Untouchable* (*intocável*) 1935, o qual havia sido rejeitado por dezessete editores e que, após E. M. Forster ter prefaciado o romance, o mesmo fora imediatamente publicado. Entre outras obras publicadas, ele também escreveu prefácios, fez revisões de livros e atuou em trabalhos relacionados ao rádio, na BBC.

O autor também deixou dois romances inacabados *Actict Summer* (*Verão ártico*) e *Nottingham Lace* (*Faixa Nottingham*). Durante os anos no colegial, E. M. Forster escreveu alguns poemas e trabalhos escolares, dentre eles, cita-se o poema "*The opinions of mistress Louisa whichelo the chastier of her sex*",<sup>5</sup> uma curiosa reflexão sobre a condição feminina da sua época. Contudo, seu foco tornar-se-ia mesmo a prosa, ao escrever romances e contos, assim como os ensaios e artigos já mencionados.

### 1.1 Formação e produção literária

As obras literárias do autor perpassam uma reescrita, inspirada por um conhecimento de viagens, assim, como um senso de observação profundo da Inglaterra e do declínio do Império Britânico, durante o período Eduardiano. Essa reescrita é interligada a fatos e contextos históricos, os quais enfatizam os eventos importantes, como o sufrágio feminino, as transformações socioeconômicas e as tentativas de mobilidade social em *Howards End*. Ao analisar o conjunto da sua produção literária, percebe-se que E. M. Forster compôs obras de forte apelo em defesa do Humanismo. Ele deixou um legado nas entrelinhas de seus romances quando, por meio do enredo, manifesta seu lado humanista e sensível ao analisar os objetos, personagens e lugares, propondo uma reflexão sobre como as pessoas, independentemente dos graus de separação (social, classe, culturas) estariam interligadas, assim, como as ações das personagens teriam um efeito de causa.

No romance *Where the angels fear to tread* (1905), por exemplo, o escritor encadeia os fatos do romance baseando-se em suas experiências vividas nesse país e enriquece o clímax nos eventos. A Itália é o ambiente escolhido para contextualizar eventos históricos ocorridos no país. Assim, o escritor nos leva, como em uma viagem, a reviver esses eventos. Tal observação é vista quando a personagem Lilia redige uma carta a Philip, descrevendo suas emoções e descobrimentos fora da Inglaterra:

---

<sup>5</sup> Conforme Sunil Kumar Sarker esse poema foi escrito, quando Forster cursava o colegial na escola Tonbridge, aos 12 anos de idade. Sarker, entretanto, não fornece a data em que o poema foi escrito. Informações extraídas da obra: *A Companion To E. M. Forster*. KUMAR, Sarker, 2007.

(...) Em um lugar como esse, ela escreveu, qualquer um sente-se no centro dos acontecimentos, e nos locais não conhecidos também. Ao olhar a janela gótica todos os dias, parece impossível que a Idade Média tenha passado. A carta foi escrita na cidade de Monteriano e a concluiu com uma incompleta conclusão da cidade fantástica<sup>6</sup> (FORSTER, 1992, p. 10).

Na passagem acima, tem-se a descrição dos detalhes arquitetônicos mencionados pela personagem, e eles fazem alusão ao estilo medieval que influenciou a Itália. A partir da observação da personagem, E. M. Forster busca ressaltar o valor de outras culturas, uma vez que os ingleses se consideram à parte em relação ao resto da Europa, pois até hoje se recusam a participar da União Europeia e a ideia de substituir sua moeda, a libra, pelo euro seria um atentado contra sua identidade.

Vale ressaltar que E. M. Forster apreciava muito a Itália e a maioria de seus romances tiveram suas histórias desenvolvidas naquele país. Além desse aspecto, percebe-se outro traço marcante do autor, que seria a descrição de suas personagens. Ele propõe um estudo de caracteres, preocupando-se em tornar suas ações críveis e verossímeis, ressaltando questões como seu posicionamento político e filosófico. Ao descrever as personagens, o autor parte da premissa de autores como Jane Austen, Henry James, e tantos outros que buscam analisar o pensamento das personagens e suas ações, sob a perspectiva do realismo psicológico que analisa a caracterização das personagens, o pensamento e suas ações no romance. O autor era admirador incondicional da escritora Jane Austen, a qual é citada inúmeras vezes em seu conjunto de ensaios, *Aspectos do romance*.

Em *Where the angels fear to tread*, percebem-se aspectos semelhantes à obra *Howards End*, pois novamente tem-se um grupo familiar que luta para preservar os valores tradicionais da sociedade inglesa da época. A princípio, não somente neste, mas em muitos outros romances do autor, há determinado grupo social (burguesia) e as respectivas classes sociais baixas (proletariado). Além disso, a utilização das famílias nos romances era um traço marcante do autor. *A room with a view* (1908) e *Arctic summer* (1911) são dois romances que apontam aspectos e traços similares: existem duas famílias, e elas desenvolvem a narrativa de forma linear, descrevendo os eventos do cotidiano, assim como *Howards End*. Essas características são definidas por Ian Watt como “retratos da vida do tempo”(WATT, 1990, p.

---

<sup>6</sup> “In a place like this, she wrote, one really does feel in the heart of things, and off the beaten track. Looking out of a Gothic window every morning, it seems impossible that the middle ages have passed away. The Letter was from Monteriano, and concluded with a not unsuccessful description of the wonderful little town” (FORSTER, 1992, p. 10).

22), como a função distintiva que o romance acrescentou à preocupação mais antiga da literatura, a descrição da vida a partir dos valores que as personagens possuem.

Contudo, é importante ressaltar que, no conjunto da sua obra, o aspecto humanitário da escrita de E. M. Forster não é simplista, ou seja, ele não propõe soluções didáticas ou cria desenlaces ou “finais felizes” para agradar o leitor médio. Sua preocupação está na oposição de conflitos e como eles podem ser interpretados a partir da constatação de que as pessoas, independentemente da cultura, estariam interligadas. Ele se preocupa com aspectos sociais, como a classe média pode sair da sua alienação e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, embora as personagens mais conservadoras e reacionárias precisem passar por uma espécie de aprendizado, como iremos ver em *Howards End*, mais adiante.

E. M. Forster redigiu alguns ensaios que abordavam temáticas humanitárias, assim como seus romances seguiam por esse viés. As inúmeras viagens que E. M. Forster fez ao exterior foram essenciais para que ele obtivesse mais informações sobre cada cidade, as quais eram inseridas em seus romances. Alguns países, como Índia e Egito, foram lugares que o escritor sempre desejou conhecer e pela influência deles, desenvolveu alguns ensaios como: *Alexandria: A history and a guide*, *Pharos and pharillon*, *Abinger harvest*, *the hill of devi* and *Two cheers for democracy*. Ele residiu no Egito por um período de três anos e trabalhou como pesquisador, no hospital da cidade. Esses três anos foram suficientes para que ele pudesse redigir um ensaio tão relevante, digno dos cânones literários, conforme assinala Mario Avelar:

À serviço da Cruz Vermelha, E. M. Forster chegou a Alexandria no início da Primeira Guerra Mundial, a 20 de Novembro de 1915. Aportara em Port Said, tendo alcançado Alexandria de comboio, via zig zag e tanta, percorrendo o delta do Nilo. Apaixonado pela Índia, e desejoso de conhecer o Egito, a sua primeira reação foi, todavia, de desapontamento: afinal, tudo aquilo se assemelhava aos subúrbios de Cambridge. Para ele, o Egito ficaria sempre aquém da Índia<sup>7</sup> (AVELAR, 2006, p. 73).

O autor, além de cooperar com a Cruz Vermelha no país, redigiu artigos relevantes sobre o Egito, pois era fascinado por sua cultura milenar. Sua predisposição humanitária já se evidenciava, não somente no estilo de escrever seus romances, mas também na forma de olhar o mundo e a sociedade como um todo. E. M. Forster apaixonou-se pelo estilo e peculiaridade da cidade, sua história e complexidade que revigoraram suas energias para escrever. O

<sup>7</sup> AVELAR, Mario. *Alexandria, revendo a(s) 'Cidade'(s) de Kavafis*. Babilônia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução. Nº. 4: 73:83. Teses de doutoramento. Disponível em: <<http://www.ulices.org/g3-estudos-americanos/mario-avelar-colaborador.html>> acesso em: 21/02/2014.

respectivo ensaio do escritor fornece não somente um panorama da sociedade egípcia, mas também descreve os eventos que se sucederam no período do reinado do Imperador Alexandre, o Grande.

No Egito, o escritor reacende seu desejo de escrever, pois estava muito desanimado com o pouco prestígio que seus romances tinham alcançado. Segundo Philip Nicholas Furnbank, que prefacia o romance *A passage to India*: “Ele gostava da atmosfera cosmopolita vaga, cínica e epicurista de Alexandria, como um antídoto para acender seu patriotismo, lá ele conheceu o poeta Cavafy. Também, foi uma chance de observar o Império em ação”<sup>8</sup>(FORSTER, 1992, p. XIII). Foi nesse período que o escritor se encontrou nos seus romances e passou a redigir enredos que fizessem não somente um recorte do período vigente, mas também tecia críticas contra todo sistema opressor que subjugasse cidadãos de classes sociais menos favorecidas.

## 1.2 A construção das personagens

E. M. Forster sugere, em sua obra *Aspectos do romance*, uma análise minuciosa dos principais elementos que um romance deve conter, mas também assinala elementos que são imprescindíveis para a concatenação das ideias e dos fatos em uma narrativa: as personagens, o enredo, o aspecto estético e o ritmo devem estar interligados, seguindo uma sequência lógica para que haja a compreensão simbólica dos fatos descritos na narrativa. No tocante ao enredo, ele diz que a narrativa deve conter elementos essenciais para a leitura e compreensão do texto e que o início ou fim podem variar, culminando em um desfecho, fruto desses fatores. Além desses elementos, é importante que o romancista crie suas personagens com profundidade psicológica para que o leitor possa extrair informações relevantes sobre elas. Conforme E. M. Forster menciona:

Esta é, talvez, uma maneira de dizer com rodeios o que todo colegial britânico sabe: O historiador registra, enquanto o romancista deve criar. Ainda assim, este é um circunlóquio útil, pois nos mostra a diferença fundamental entre as pessoas na vida cotidiana e as pessoas nos livros. Na vida diária nunca nos compreendemos uns aos outros, não existe nem a completa clarividência, nem a confissão completa. Conhecemo-nos aproximadamente, por sinais exteriores, e estes servem o suficiente como por sinais exteriores, e estes servem o suficiente como base para a vida social e mesmo para a intimidade. Mas as pessoas num romance podem ser completamente

---

<sup>8</sup>“He liked the cosmopolitan, vaguely cynical and epicurean, atmosphere of Alexandrian, as an antidote to overheated patriotism, and he got to know the poet Cavafy. Also it was another chance for him to observe the Empire at work” (FORSTER, 2012, p. XIII)

entendidas pelo leitor, se o romancista quiser; sua vida interior, assim como exterior, pode ser exposta. E é por isso que, não raro, parecem mais definidas que as personagens na História, ou mesmo os nossos próprios amigos; foi-nos dito sobre elas tudo o que pode ser dito; mesmo se são imperfeitas ou irrealis, não contêm nenhum segredo [...] (FORSTER, 1998, p. 46).

Essa necessidade de engendrar e recriar personagens que possam representar simbolicamente, não somente fatos do dia a dia, mas que também contextualizem eventos atrelados ao contexto vigente, é uma marca expressiva do autor. Para ele, as personagens podem transmitir muito mais informações intrínsecas, porque seu íntimo passa a ser desvendado em sua totalidade, à medida que o leitor apropria-se “de suas vidas” por meio da leitura. Outro elemento importante que E. M. Forster destaca é o suspense nos romances, pois ele é primordial para que se consiga criar um atrativo que arrebate a atenção do leitor e que possibilite criar uma atmosfera mais intrigante no decorrer do enredo. O suspense permite que o romance se torne interessante e o desfecho um pouco mais gradativo, à medida que os fatos são apresentados ao leitor, que buscava compreender o final de determinada ação praticada pelos protagonistas do romance.

Outra característica importante a ser mencionada sobre a construção das personagens de E. M. Forster são os núcleos familiares. Ele desenvolve suas narrativas interligando vários membros de uma mesma família e entrecruzam seus caminhos de forma que os fatos e eventos sigam uma linearidade contínua, explorando todos ao mesmo tempo. Essa habilidade de contar histórias utilizando tais núcleos é similar ao estilo da escritora inglesa Jane Austen. Como já foi mencionado, E. M. Forster era um admirador incondicional de Jane, citando a autora diversas vezes em sua obra *Aspectos do romance*.

A influência da autora pode ser percebida em praticamente todos os romances do autor que se apropriava da sensibilidade, bondade e ternura das personagens para desenvolver suas ideias. Ele as recria com um toque de singeleza e ameniza alguns fatos vividos por ela em detrimento de certas situações em que haja discriminação. Essa sensibilidade, como afirma Minicucci é: “também chamada empatia, foi conceituada como a habilidade de se colocar no lugar dos outros e assim compreender melhor o que as outras pessoas sentem e estão procurando dizer-nos” (MINICUCCI, 1982, p. 26). E. M. Forster tem esse sentimento e seus romances revelam esse cunho de socialização e agregação de valores igualitários, esses elementos estão presentes em todas as suas obras.

### 1.2.1 As definições de personagem *flat* e *round*

Em *Aspectos do romance*, E. M. Forster estabelece as definições de personagens plana e redonda, segundo suas ações e profundidade psicológica. Ele atribui as seguintes informações acerca dessas características: As personagens planas (*flat*) são comumente aquelas que não evoluem no romance e conseqüentemente não contribuem com informações relevantes. Por conta disso, elas são mais fáceis de serem lembradas e identificadas em uma narrativa, geralmente tipificadas ou reduzidas a estereótipos.

As personagens redondas (*round*) enriquecem o romance com seus constantes diálogos e sua simbólica representação. Elas são responsáveis pela representação de ideias contidas em um romance e, por meio delas, os fatos e acontecimentos se desencadeiam no desenvolvimento de uma narrativa. Em *Howards End*, a personagem Leonard Bast não somente traz ao romance uma representação simbólica de uma classe social, o proletariado, mas também contribui com a concatenação de fatos no romance. Ao analisar sua personalidade, é possível extrair não uma, mas várias nuances desta personagem que ora é forte e confiante, ora é triste e cabisbaixo, sem mencionar suas leituras e explicações sobre cultura e arte. Além disso, ele tem uma relevância no romance, protagonizando um papel importantíssimo, pois representa a classe social inglesa, a qual presencia constantes transformações no período em que se passa à narrativa.

E. M. Forster atribui essas definições às personagens como elemento simbólico e importante para analisar o pensamento, ações e fatos das personagens em um romance, conforme assinala em sua obra *Aspectos do romance*: “Mas num romance podemos conhecer as personagens perfeitamente e, à parte o prazer geral da leitura, podemos encontrar aqui uma compensação para a sua imprecisão na vida” (FORSTER, 1998, p. 61). Logo, as características planas e redondas servem como elementos analíticos, amplamente utilizados nos estudos literários em relação à análise das personagens. Elas são fundamentais para que o autor consiga enriquecer sua narrativa fazendo uso de várias personagens primárias e secundárias no romance.

E. M. Forster deixa bem claro essas definições em seu romance *A room with a view*, o qual tem a personagem Lucy Honeychurch que começa sua trajetória tornando-se assim um exemplo de personagem redonda. Ela cresceu em meio a uma educação extremamente formal na Inglaterra. Sua ida à Itália lhe trouxe experiências diferentes acerca da educação e cultura desse país, conforme é visto no romance: “Eu devia estar assustada se você soubesse de tudo. O rapaz, uma criança inocente naquela época. Vou esquecer isso. Deus sabe o que sua

educação e qualidades herdadas podem ter feito dele.”<sup>9</sup> (FORSTER, 2001, p. 45). Essas definições estabelecidas por E. M. Forster são essenciais para a análise e estudo das personagens na literatura, pois definem concepções que enriquecem a leitura crítica do leitor em relação às qualidades atribuídas às personagens.

### 1.3 O período Eduardiano e a continuação de um Império

A Era Eduardiana é, sem dúvida, um período de verdadeiras transições sociais, culturais e filosóficas, que marcaram o século XX na Inglaterra, preconizando os movimentos modernistas, a partir de autores como Virginia Woolf, James Joyce, Evelyn Vaughn e Ford Madox Ford, com suas obras literárias, ensaios ou a formação de grupos intelectuais, a exemplo do grupo organizado pelas irmãs Schlegels em *Howards End*. Nesse período, o pensamento social começa a se transformar, a estética filosófica e cultural ganha novo contorno, consolidando a sociedade britânica. Essa época, que vai de 1901 a 1910, foi marcada por diversas transformações que mudaram o perfil da sociedade inglesa, em que Eduardo VII passou a reinar, influenciando a todos com seu estilo e cultura.

O reinado de Eduardo VII caracteriza-se pela continuação do antigo reinado de sua mãe, a rainha Vitória, que permaneceu no poder pelo mais longo período da história inglesa, e que durante esse período, esteve fortemente ligado aos eventos da Revolução Industrial. Nessa época, o país era indubitavelmente o mais próspero do mundo, tendo a libra esterlina como moeda de comércio internacional, produzia a quantidade de produtos siderúrgicos e de tecido de algodão, entre todos os demais países do mundo. A mecanização da agricultura continuou sendo o elemento fundamental para ascensão da economia.

Logo, com a industrialização, surge uma nova classe de trabalhadores: os operários fabris, que é obrigada a desempenhar atividades por longas horas nas empresas, sujeitando-se a salários irrisórios. Ressalta-se que entre essa massa de operários havia mulheres e crianças que, de igual modo, trabalhavam nas fábricas e manuseavam máquinas têxteis. Paralelamente, ao crescimento de várias fábricas no país e a migração de moradores oriundos de áreas rurais favoreceram o desenvolvimento dos centros urbanos, os quais implementaram a infraestrutura, o saneamento básico e o transporte público, com os bondes.

---

<sup>9</sup> “I should be astonished if you knew all. The boy--an innocent child at the time--I will exclude. God knows what his education and his inherited qualities may have made him” (FORSTER, 2001, p. 45).



No setor social, houve uma verdadeira transformação de requinte e detalhes que definiam o período em voga. Eleni Kronka (2006) define bem essa época, quando afirma que:

Do início do século até a Primeira Guerra Mundial, a Inglaterra viveu sob o domínio da Era Eduardiana, determinada pelo fausto do reinado de Edward VII. A França, por sua vez, já atravessava pelo inquieto período de *Belle Époque*. As figuras Eduardianas eram curvilíneas pelos espartilhos que espremiavam a cintura feminina, projetando os quadris para trás e os seios para frente. O poeta, dramaturgo e ilustrador, Jean Cocteau, responsável por inúmeras capas de revistas [...] disse certa vez sobre as trocas de roupas dessas mulheres. “despir uma dessas ladies era, obviamente uma das mais complexas tarefas, que deveria ser tão bem planejada quando a mudança de uma casa.” Tratava-se, na certa, de emprego garantido para empregadas bem treinadas, que se ocupavam com cada uma das cinco mudas de roupas, ao longo do dia de suas senhoras (KRONKA, 2006, p. 20).

Logo, a sociedade feminina começa a experimentar estilos inovadores de trajes, que modelavam seus corpos, tornando-os belos e mais esbeltos. Essa nova tendência foi certamente influenciada pelas inovações, que aconteciam nessa época importante da História. Grandes ateliês eram visitados e inúmeras encomendas eram feitas a todo tempo. Nos bailes e teatros, esse novo estilo de vida era notório entre os aristocratas, que socializavam em grandes eventos. Na adaptação cinematográfica de *Howards End*, esses trajes são perfeitamente reproduzidos nas personagens Helen e Margaret Schlegel, que representam as mulheres aristocratas cheias de ideais e inovações. Elas evidenciam essa nova Era de transição, em que a mulher tem praticamente os mesmos direitos que os homens, inclusive os de votar.

#### **1.4 O conflito de uma identidade inglesa: as colônias e a relação com o Império**

A Inglaterra<sup>10</sup> foi um dos países que obteve maior número de colônias espalhadas pelo globo terrestre, o que fez com que o capital do Reino Unido crescesse substancialmente, tornando-se a maior economia mundial da época. A ocupação e colonização de outros países eram uma prática lucrativa, que no início do século XX já dominava praticamente um quarto da população do mundo. Segundo Enders:

---

<sup>10</sup> Esclareço que a Inglaterra, Grã-Bretanha e Reino Unido têm formação política diferente: a Inglaterra é considerada um país. A Grã-Bretanha é constituída pelos países da ilha continental (Inglaterra, País de Gales e Escócia). Por sua vez, O Reino Unido é formado pela Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

Porém o maior império colonial foi o da Grã-Bretanha, que em 1939. Em seu apogeu cobria 34 milhões de quilômetros quadrados e contava com 500 milhões de habitantes, na época, um quarto da população mundial. Canadá, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul obtiveram o status de domínio que lhes garantia uma autonomia quase completa para a gestão de seus negócios, mas excluía dos direitos políticos a totalidade dos navios (ENDERS et al, 2008, p. 278).

Desde os primórdios, os ingleses vinham liderando a conquista de países pelo mundo afora e suas diversas colônias favoreceram a economia da monarquia. Para Armelle Enders, o imperialismo era visto e alimentado pelo sentimento de superioridade da Europa em relação ao resto do mundo. Daí, a razão pela qual houve tantas investidas e colonização em diversos países. Após anos de ocupação inglesa na África, o continente tem restabelecido a paz e, em 1910, as repúblicas deste país é unificado ao Reino Unido, o que manteve negócios entre essas colônias<sup>11</sup> dando continuidade aos investimentos ingleses no país.

Além de possuir o continente sul-africano colonizado, a Inglaterra passa a monopolizar a Índia com o imperialismo do Raj Britânico (Reino Britânico) no continente indiano, por meio das Companhias Britânicas das Índias. A ligação entre a Inglaterra e algumas de suas colônias, em pleno século XX, é vista tanto em *Howards End* quanto em *A passage to India* (1924), de E. M. Forster. No primeiro, fica claro que os Wilcoxes têm negócios na África, quando Paul Wilcox parte para fazer fortuna na Nigéria, além das constantes viagens da família para esses locais. No segundo romance, a Índia é sitiada pela ocupação inglesa, comumente conhecida pelo Raj. É possível perceber em *A passage to India* que há um recorte do período de ocupação dos ingleses no país e a descrição desses fatos e eventos que se sucederam lá, conforme assinala Sunil Kumar Sarker:

Se fosse somente, como alguns recentes revisores interpretaram, uma parte impressionante de ficção anti-colonial, ele seria lido muito pouco hoje. Mas o romance tornou-se um clássico moderno, tão pertinente aos nossos tempos quanto ao período entre duas guerras mundiais. [...] a Índia que Forster descreve, com sua multidão de pessoas, sua raça, credo e hierarquias, seus objetivos conflituosos e aspirações, é o mundo moderno em epítome<sup>12</sup> (SARKER, 2007, p. 693).

Pode-se logo perceber que as inúmeras colonizações feitas pela Inglaterra em outros países, contribuíram para a formação de múltiplas culturas. A miscigenação de povos, credos e línguas que foram colonizados, contribuiu para a formação de uma identidade cosmopolita

<sup>11</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda\\_Guerra\\_dos\\_B%C3%B4eres](http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_dos_B%C3%B4eres).

<sup>12</sup> “If it were only, as some early reviewers felt, an impressive piece of anti-colonial fiction, it would be little read today. But it has become a modern classic, as pertinent to our time as it was to the period between the two Worlds Wars. [...] The India that Forster describes, with its multitudes of people, its races, creed, and hierarchies, its conflicting aims and aspirations, is the modern world in epitome” (SARKER, 2007, p. 693).

na Inglaterra. A contínua relação do Império com suas colônias têm essa expressiva marca da cultura e sociedade inglesa.

### **1.5 Os temas: as relações interpessoais e as transformações socioeconômicas**

O século XX é, indubitavelmente, um período em que houve diversas transformações socioeconômicas na Europa que mudaram o continente. Na Inglaterra, o desenvolvimento no início da Revolução Industrial foi o responsável pelas contínuas transformações em todo o país no início do século XX. O avanço tecnológico passou a ser experimentado por toda a sociedade, revolucionando o dia a dia das metrópoles com a mobilidade social e industrial, que crescia ininterruptamente. A indústria passou a desempenhar um papel muito importante na economia e estruturação do capital. Logo, muitos operários passaram a compor as linhas de montagem das fábricas no país e os trabalhadores industriários formavam uma nova classe de operários nessa época. Com o crescimento populacional e o desenvolvimento em diversos segmentos da sociedade, houve o surgimento repentino de movimentos sociais, que visavam trazer igualdade entre os cidadãos. A emancipação feminina passou a ter uma nova conotação entre as mulheres e o sufrágio feminino passou a ser amplamente aceito entre os homens. Era comum encontrar mulheres desempenhando atividades que, outrora, eram exclusivas de homens.

Em 1910, Londres era a maior cidade do mundo e, segundo ENDERS et al, (2008), movimentos culturais passaram a fazer parte da vida na Europa, influenciando toda a sociedade com música, arte e filosofia. A *Belle Époque*, que surgiu em 1896 e perdurou até 1914, antecedendo a Primeira Guerra Mundial, obteve um papel significativo na sociedade vigente: o de requintar bares e restaurantes com apresentações teatrais, entoação de músicas e debates filosóficos em residências, praças e concertos. Esse período extremamente delicado da História foi palco para o surgimento de grandes eventos que abalaram a sociedade, como a Revolução Russa e a manifestação do Fascismo na Itália e do Nazismo na Alemanha.

A educação passou a ser usada também para fins nacionalistas e as escolas passaram a difundir mais a cultura do país, e a recitação cívica era frequentemente repassada aos estudantes. As universidades desempenharam papéis significativos na consolidação da educação. Grandes instituições como Oxford e Cambridge foram responsáveis pela consolidação da cultura e formação de cidadãos capacitados para o mercado de trabalho. É

nessa época que os livros de bolso passaram a ser distribuídos em livrarias e bibliotecas em todo o país, divulgando obras de artistas e escritores famosos da época.

É nesse período de extremas transições na sociedade, que regimes totalitários começaram a se desenvolver em toda a Europa, durante o período entre as duas guerras mundiais. Tais movimentos extremistas foram responsáveis pelo fim da paz que circundava pela Europa no início do século XX. Eles passaram a abalar a religião, trazendo muitas incertezas e instabilidade à paz mundial. Entretanto, se de um lado havia ampla tensão por parte de alguns discursos autoritários, por outro, o socialismo obteve papel importante no balanço da igualdade social. A pintura e a escultura também foram amplamente difundidas, nessa época, influenciando grandes artistas em toda a Europa. Segundo Graça Proença: “Na pintura e na escultura desenvolveram-se tendências artísticas, como o Expressionismo, o Fauvismo, o Cubismo, o Abstracionismo, o Surrealismo e o Futurismo. Cada qual ao seu modo, elas expressaram as aflições e as esperanças da época” (PROENÇA, 2010, p.182).

Os movimentos artísticos foram amplamente difundidos nesse período em que grandes nomes surgiam nos teatros, museus e peças. Escritores, pintores e intelectuais aglomeravam-se em prol de movimentos humanitários que favorecessem a arte e a cultura. No início da década de 1910, os pintores viviam por conta de seus trabalhos encomendados pela classe burguesa. Vários quadros eram pintados com retratos de famílias eram vendidos em pequenas lojas, ruas ou avenidas do país. Além das pinturas em telas, a música requintava os bares, salões e residências também. O piano era um elemento indispensável nas residências para entretenimento e apreciação de uma bela música. O hábito da leitura de romances passou a aumentar entre os cidadãos de classes ricas e proletárias. Os livretos de bolso passaram a fazer parte do cotidiano da vida das pessoas que adquiriram o prazer nos romances de literatura.

### **1.6 Junte apenas:<sup>13</sup>a crença do autor.**

E. M. Forster acreditava que somente por meio da união de toda a sociedade seria possível restaurar a harmonia da sociedade, sua diversidade e contradições. Os conflitos sociais estão presentes em praticamente todos os seus romances, o que revela a importância que o autor dava a essa temática. É indispensável citar o romance *A passage to India*, no qual o autor mostra sua crença sobre a união dos povos. A narrativa descreve os eventos desconcertantes da vida de Aziz, personagem principal do romance, em oposição à ocupação

---

<sup>13</sup>Only Connect. Famosa epígrafe de E. M. Forster.

do país pelos ingleses. De acordo com Sunil Sarker, a publicação do romance e sua narrativa são dedicadas a um amigo indiano, chamado Masood, por quem o autor tinha profunda admiração e respeito:

Meu próprio débito, a ele Masood é incalculável. Ele me despertou do meu subúrbio e da vida acadêmica, mostrou-me novos horizontes e uma nova civilização, e me ajudou na compreensão do continente. Até eu o conhecer, a Índia era uma vaga confusão de rajahs, sahibs, babus e elefantes, e eu não estava interessado em tal confusão; quem poderia estar? Ele fez tudo se tornar real e empolgante assim que ele começou a falar, e dezessete anos depois quando eu escrevi *A passage to India* eu dediquei a ele como gratidão assim como amor, pelo que eu nunca teria escrito sem ele (Apud SARKER, 2007, p. 697).

O autor mostra, na trajetória do romance, a verdadeira definição de amizade entre pessoas de diferentes classes sociais e culturas afins. Aziz, o médico que vive na cidade de Chandrapore, presencia a opressão dos ingleses em seu país e é preso após uma falsa acusação de estupro contra uma cidadã inglesa, Adela Quested. Ele é hostilizado e levado a julgamento. No decorrer do romance, E. M. Forster traz uma reviravolta à narrativa, quando faz com que Aziz seja defendido por alguns membros que compõem a classe inglesa do Raj, sobre as levianas acusações que lhe são impostas. A senhora Moore, mãe de Rony, que é o principal governador do país, passa a defendê-lo e busca elucidar as calúnias proferidas contra o indiano, mostrando assim a voz do autor, em busca dos valores igualitários em uma sociedade extremamente estratificada. É importante ressaltar que os indianos, até então silenciados, tomam voz na narrativa ao esboçar sua reação contra a colonização inglesa, uma vez que Aziz é um homem extremamente respeitado no país. A ligação entre as personagens é a força motriz para libertar Aziz e as personagens inglesas, até então alienadas, passam a reconhecer seus erros como colonizadores ao impor sua cultura e dominação.

Essa mensagem ressoa em praticamente todos os romances de E. M. Forster. É um simbolismo único e verdadeiro, o de unir e conscientizar toda a sociedade sobre a importância da igualdade e suas diferenças sociais, étnicas e políticas.

## CAPÍTULO II

### **HOWARDS END, ANÁLISE DAS PERSONAGENS E CLASSES SOCIAIS DA ERA EDUARDIANA**

*Howards End* narra a vida de três famílias: a dos Wilcox, das irmãs Schlegels e a dos Basts. A primeira é rica, dominante e materialista. Além disso, eles também possuem várias residências espalhadas por toda a Inglaterra, as quais fazem também alusão ao imperialismo inglês por trabalharem com negócios em colônias inglesas e sua exploração. Os Wilcoxes representam o materialismo idealístico da classe burguesa, que valorizam o tradicionalismo e costumes específicos de uma antiga aristocracia. O patriarca Henry é o responsável por administrar os negócios família que, como já foi dito, estão espalhados por toda a Inglaterra e nas colônias britânicas. Henry é quem decide qual dos seus filhos vai às colônias com as quais possui negócios, tendo o próprio também trabalhado na Grécia, há alguns anos.

Henry é casado com Ruth Wilcox, a proprietária de *Howards End*, que decide entregar sua residência à Margaret Schlegel, quando é acometida de uma enfermidade mortal em um leito de hospital. A matriarca representa os costumes e tradições da velha Inglaterra, pois se atém às convenções sociais passadas de geração a geração.

As irmãs Schlegels, de igual modo, representam a classe média da época em que se passa a narrativa. Elas são mulheres emancipadas e intelectuais, que buscam envolver-se com grupos sociais e causas humanitárias. Helen, a irmã mais nova, é uma jovem de vinte e um anos, que se entrega às paixões abruptamente e tem um rápido relacionamento com Paul Wilcox, descrito no prólogo do romance. Posteriormente, ela fica grávida do proletário Leonard Bast, quando busca ajudá-lo no momento em que ele fica desempregado.

Margaret Schlegel é a irmã mais velha e responsável pela tomada de decisões que envolva toda a família. Ela tem vinte e oito anos e busca relacionamentos mais sólidos, diferenciando-se assim de sua irmã. De igual modo, ela está envolvida em movimentos sociais e causas humanitárias que visam promover a igualdade social frente a uma sociedade extremamente estratificada e machista. Após a morte de Ruth Wilcox, Margaret Schlegel tem um relacionamento com Henry e ambos decidem se casar, contrastando assim o materialismo e aspecto culto desse extrato social, a burguesia inglesa, que procura se conectar ao longo do romance.

Em contraponto com os Wilcoxes e as Schlegels, surge uma terceira classe social no romance: os Basts. Eles não possuem condições financeiras suficientes para levar uma vida digna e tranquila. Eles passam fome, simbolizando assim os proletários da sociedade inglesa do período descrito. Leonard mal consegue sustentar a casa e, muito jovem, se envolve emocionalmente com Jacky, uma órfã que havia se prostituído em Chipre, após a morte do seu pai, para sobreviver. Mais adiante, o leitor saberá que Jacky, quando morou na Grécia, teve um caso com Henry Wilcox, criando assim uma conexão entre as três famílias.

A família Bast é excluída da sociedade inglesa, por conta de sua posição social; e Leonard deseja ascender profissionalmente em um mercado de trabalho extremamente competitivo e desigual. E. M. Forster descreve o entrelaçamento dessas três famílias, explorando os seus conflitos, desigualdades e diferenças sociais, representadas por suas personagens, contemplando assim, sua famosa epígrafe, *Junte Apenas*, quando pessoas diferentes são unidas por circunstâncias e coincidências.

Leonard é um jovem consultor de seguros contra incêndio, em uma empresa chamada Porphyron. Ele fica desempregado, após ouvir o conselho mal intencionado de Henry, e passa por várias dificuldades. Ele torna-se amigo das irmãs Schlegel, quando vai à residência delas em busca de seu pertence (guarda-chuva), que fora levado acidentalmente por Helen Schlegel, no momento em que ela se sentou ao seu lado em um concerto de ópera. A partir daí E. M. Forster desenvolve os entraves e necessidades que a classe proletária inglesa enfrentava, constantemente, em uma época em que o país passa por várias transformações sociais.

Outro ponto interessante são os eventos sociais que aconteciam na época. O autor utiliza suas personagens e, através delas, aborda temáticas sobre a estratificação social, a emancipação feminina e o materialismo visível na sociedade. Com isso, E. M. Forster revela sua epígrafe já mencionada, *Junte Apenas*, como a única saída para uma sociedade extremamente desigual e caótica, sugerindo os valores igualitários como forma de reestruturar toda a sociedade. Vivendo em uma época de extremas transformações, as observações do autor em *Howards End* fazem um recorte fidedigno dos principais eventos do início do século XX.

## 2.1 Os Wilcoxes: o tradicionalismo Inglês

Eles representam o arquétipo perfeito do tradicionalismo inglês, com suas características e peculiaridades. Eles são ricos, arrogantes e materialistas, buscando socializar-se com pessoas que detenham o mesmo nível financeiro. O clã fez fortuna com negócios e transações nas colônias, adquirindo ascensão social e status em todo o país. As inúmeras residências dos Wilcoxes, descritas no romance, por meio das cartas de Helen Schlegel, apontam a vida opulenta da família:

Os Wilcoxes colecionam casas como seu Victor coleciona girinos. Eles têm uma na Rua Ducie; a segunda, Howards End, onde a minha maior confusão aconteceu; a terceira, uma larga propriedade em Shropshire; a quarta, Charles tem uma casa em Hilton; a quinta, outra próxima de Epsom; a sexta, Evie herdará uma casa quando se casar e provavelmente um apartamento no interior que somam sete. Oh sim, Paul tem um chalé na África que somam oito<sup>14</sup> (FORSTER, 2012, p.167).

O clã dos Wilcox usufruía do status que o dinheiro lhes proporcionava e, por conta disso, são conhecidos como uma família de renome e prestígio na sociedade inglesa. Henry, o patriarca, é o típico inglês tradicional que preserva os antigos costumes e tradições. Ele administra com seus filhos Paul e Charles os bens que conquistou decidindo qual deles deve viajar para as colônias, que ainda têm ligação com o país. Essas características são vistas através das inúmeras viagens que eles fazem ao exterior.

Além disso, todos são unidos e buscam relacionar-se da melhor maneira possível entre eles mesmos, o que é citado por Helen Schlegel, a jovem que viajou com eles à Alemanha e que, a convite da família, passa uma temporada em sua residência, Howards End. Ela descreve esse período que passou com eles em uma carta:

Estou vivendo um momento glorioso. Eu gosto de todos eles. A senhora Wilcox, se está mais quieta do que estava na Alemanha, apresenta-se mais doce do que nunca e eu nunca vi algo como sua firme generosidade, e o melhor de tudo é que os demais não tiram proveito disto. [...] Eles são as famílias mais felizes, alegres que você possa imaginar. Eu realmente acredito que estamos nos tornando amigos. O divertido é que eles me veem como a líder, pelo menos o senhor Wilcox diz quando isso acontece, ninguém se importa, é certamente uma forma de me testar, certo? Ele fala as coisas mais horríveis sobre os sentimentos das mulheres tão sutilmente, e quando eu disse que acreditava em igualdade ele simplesmente cruzou seus braços e

---

<sup>14</sup> “The Wilcoxes collect houses as your Victor collects tadpoles. They have, one, Ducie Street; two, Howards End, where my great rumpus was; three, a country seat in Shropshire; four; Charles has a house in Hilton; and five, another near Epsom; and six, Evie will have a house when she married, and probably a pied-à-terre in the country--which makes seven. Oh yes, and Paul a hut in Africa makes eight” (FORSTER, 2012, p. 167).



deu-me um sermão como eu nunca tinha tido. Meg, nós aprenderemos a nos expressar menos? [...]”<sup>15</sup> (FORSTER, 2012, p. 3).

As cartas escritas por Helen Schlegel a sua irmã são uma nítida evidência do alto estilo de vida que a família Wilcox levava. Aliás, vale ressaltar que a fortuna deles é proveniente não somente dos aluguéis de suas residências, mas também dos diversos negócios realizados em países no exterior (colônias), fato que é citado durante a conversa entre Ruth Wilcox e Margaret Schlegel. É nesse momento em que a matriarca Ruth descreve os negócios de sua família para Margaret e diz que seu filho Paul está viajando para a Nigéria a negócios.

A partir desse momento, E. M. Forster faz um recorte dessa sociedade, descrevendo o perfil de moradia dos cidadãos do período em voga e, de igual modo, faz uma análise socioeconômica dessas respectivas classes sociais. Logo, tem-se a concepção de que o aluguel de casas servia amplamente de negócios para as classes superiores que as alugavam ou vendiam, tornando-se uma prática muito lucrativa. O historiador Eric Hobsbawm aponta que o aluguel era uma forma muito comum de se investir em capital em curto prazo:

A habitação pública praticamente não existia. Em 1884, quando começam as estatísticas, cerca de 200.000 libras eram gastas para essa finalidade provenientes de taxas e empréstimos; em 1913, cerca de um milhão de libras. Para efeito de comparação, podemos observar que na década de 1930 a despesa pública com a habitação nunca caiu a menos que 70 milhões de libras por ano. Em suma, na verdade, os pobres pagavam mais em impostos do que recebiam de volta em serviços sociais (HOBSBAWM, 2009, p.161).

Esse comércio rendia muito lucro aos que alugavam suas propriedades, pois nesse período de transição, o Reino Unido era principal alvo de imigrantes de várias partes da Europa, que imigravam para a Inglaterra em busca de novas oportunidades. Os proletários eram obrigados a pagar valores altíssimos em aluguéis, o que representava um verdadeiro pesadelo para as famílias de baixa renda que tinham dinheiro somente para o aluguel e a alimentação. Isso se tornou uma rica forma de investimento, que assegurava a aplicação de capital em imóveis e propriedades sem prejuízo para os seus proprietários.

---

<sup>15</sup> “I am having a glorious time. I like them all. Mrs. Wilcox, if quieter then in Germany, is sweeter than ever, and I never saw anything like her steady unselfishness, and the best of it is that the others do not take advantage of her [...]they are the very happiest, jolliest family that you can imagine. I do really feel that we are making friends. The fun of it is that they think me a noodle, and say so at least Mr. Wilcox does and when that happens, and one doesn’t mind, it’s a pretty sure test, isn’t it: he says the most horrid things about women’s suffrage no nicely, and when I said I believe in equality he just folded his arms and game me such a setting down as I’ve never had. Meg, shall we ever learn to talk less? [...]” (FORSTER, 2012, p. 3).

Apesar de ambas as famílias levarem os mesmos padrões sociais, há algumas características que os diferenciam uns dos outros: os Wilcoxes são personagens materialistas que não apreciam a cultura e a arte, características marcantes da família Schlegel. Logo, o único elemento que une ambas as famílias é justamente o dinheiro. Ao entrecruzar o materialismo e a obsessão pelo dinheiro da família Wilcox, em contraste com o idealismo e a cultura das irmãs Schlegels, surgem duas características perceptíveis na sociedade inglesa. Essa união de elementos e características é apresentada pelo autor como forma de definir o perfil da sociedade em questão. Há também uma tentativa de definir o perfil da aristocracia inglesa e sua distinção entre as demais culturas ocidentais.

### 2.1.1 Henry Wilcox

O patriarca da família Wilcox é o perfeito arquétipo de cidadão inglês, pois é o líder do clã e preserva os valores e tradições de seu país. Henry é um homem de negócios, que administra sua fortuna, juntamente com seus filhos, Paul e Charles. Ele exerce forte domínio e respeito onde reside, fazendo restrições de certas posições na sociedade e não compactua com pessoas de classes desfavorecidas: “Você se comporta muito bem com essas pessoas e então elas se impõem a você. Eu conheço o mundo e aquele tipo de homem, e logo que eu entrei na sala, percebi que você não o tratava corretamente. Você deve manter esse tipo de gente a distância [...]”<sup>16</sup> (FORSTER, 2012, p. 141).

Pelo convite dele, Helen Schlegel, ao retornar da Alemanha, vai à Howards End passar alguns dias, estreitando assim os laços de amizade entre as respectivas famílias. Henry e seu clã transmitem energia e imposição aos demais membros da sociedade. Helen os descreve como pessoas enérgicas que a fascinaram e os assemelha a uma parentela perfeita. O período em que permaneceu com eles na sua residência de campo foi o suficiente para que ela vislumbrasse esse aspecto pragmático da vida, deixando momentaneamente os seus valores sociais e igualitários, já que o clã não é nada progressista e discordam dos seus valores. Na carta para a irmã, Helen chega a se sentir “tola”, porque toda a aparente harmonia da família lhe parece aconchegante. Ela admite que admira os homens pragmáticos dos Wilcox, uma vez que, em uma das suas contradições, desconhece um referencial masculino forte em contraponto com seu irmão, Tibby, frágil e dependente das irmãs.

---

<sup>16</sup> “You behave much too well to people, and then they impose on you. I know the world and that type of man, and as soon as I entered the room I saw you had not been treating him properly. You must keep that type at a distance [...]” (FORSTER, 2012, p. 141).

Além disso, o direito ao sufrágio feminino, como movimento importante na construção de uma sociedade igualitária, era desnecessário para Henry, que enxergava a mulher como serventia da casa. Ele desconsiderava a arte como pré-requisito de ascensão cultural dos proletários e constantemente dizia que os pobres se encontravam em um abismo, sendo uma realidade da vida. Para o patriarca, produtividade era fator primordial entre as classes ricas, e os proletários eram incumbidos de continuar o processo de produção, sendo obrigados a trabalhar inúmeras horas em fábricas e indústrias.

Ademais, a postura dominante e arrogante de Henry foi essencial para que Helen Schlegel pudesse perceber que os costumes e tradições deles os tornavam uma fraude, sem conteúdo e valores humanitários. Para o patriarca, os proletários são vistos como pessoas insignificantes, essenciais somente para desempenhar suas respectivas atividades trabalhistas. Isso fica evidente quando ele afirma: “Um conselho. Não assuma essa atitude sentimental sobre os pobres. [...] os pobres são pobres e sente-se pena deles, mas isso é um fato”<sup>17</sup> (FORSTER, 2012, p. 190). Com o passar do tempo, Henry torna-se mais agressivo e insensível às adversidades do rapaz e diz às irmãs que ele é uma péssima companhia para se relacionar. “Seu erro é esse e um típico erro. Esse jovem salafrário tem a sua própria vida. Que direito você tem em concluir que é uma vida mal sucedida [...]”<sup>18</sup> (FORSTER, 2012, p. 142). Henry não dá muito crédito às consequências do que diz por não se importar com pessoas de classe inferior e as dificuldades que elas enfrentavam, não passavam de meros detalhes da vida. Para ele que é empresário, seguir a lógica capitalista e a especulação de investimentos nos negócios costumava ser uma prática econômica do liberalismo.

Essas características presentes na personalidade de Henry são percebidas nas classes mais abastadas e materialistas, que viam a classe proletária como "ferramenta de produção" nas indústrias que emergiam em todo o país. Isso é perceptível nas palavras do patriarca quando diz: “estou entristecido pelo seu vendedor. Mas isso é tudo em um dia de trabalho. É parte da batalha diária da vida”<sup>19</sup> (FORSTER, 2012, p. 189).

Contudo, há algumas qualidades no clã que os definem como uma família unida. Henry é demasiadamente atencioso com seus filhos e muito responsável nos seus negócios. Procura educá-los da melhor maneira possível por meio da responsabilidade e seriedade no

---

<sup>17</sup> “A word of advice. Don’t take up that sentimental attitude over the poor. [...] the poor are poor, and one’s sorry for them, but there it is” (FORSTER, 2012, p. 190).

<sup>18</sup> “Your mistake is this, and it is a very common mistake. This young bounder has a life of his own. What right have you to conclude it is an unsuccessful life” [...] (FORSTER, 2012, p. 142).

<sup>19</sup> “I am grieved for your clerk. But it is all in the day’s work. It’s part of the battle of life” (FORSTER, 2012, p. 189).

trabalho. Henry mantém uma relação estável e saudável com sua esposa Ruth, cujo casamento ultrapassa os trinta anos. Ele fica abalado, após a morte dela, e se encontra completamente desolado: “Ele sofreu agudamente. Dor veio sobre ele como espasmos, como se fosse físico, e mesmo quando ele estava prestes a comer, seus olhos ficariam cheios de lágrimas<sup>20</sup> [...]” (FORSTER, 2012, p. 86).

Mais adiante, Henry continua a gerenciar os negócios da família que duplicam de valor com os aumentos das bolsas de mercado. Com isso, o apego aos bens materiais e ao dinheiro passa a dominá-lo à medida que enriquece. O egocentrismo torna-se a marca principal de sua personalidade e o desrespeito à classe proletária ganha mais força: “O homem de negócios sorriu. Desde a morte de sua esposa a sua renda tinha quase duplicado. Ele era uma figura importante, afinal, um nome ressurgindo nos prospectos da empresa, e a vida tinha- lhe tratado muito bem”<sup>21</sup> (FORSTER, 2012, p. 128).

Henry é pragmático às adversidades enfrentadas pelo proletário Leonard Bast, e mesmo sendo solicitado pelas irmãs Schlegel, mantém sua postura indiferente, quando elas haviam lhe pedido um conselho e este acaba por reduzir Leonard ainda mais a uma condição precária. Leonard é apresentado pelas irmãs, em uma cena rápida, e a intromissão de outro homem faz com que Henry, agora um viúvo que deseje se tornar um referencial para as Schlegels.

No entanto, essa sua postura é fruto de seu temor em relação à Margaret. Os ciúmes e a insegurança fizeram com que Henry adotasse uma postura mentirosa, prejudicando assim o rapaz. Alias, é essa repulsa que faz com que ele constantemente critique Margaret, quando ela decide ajudar Leonard, o que era inconcebível em sua visão. Henry passa a questionar a postura de Margaret por socializar-se com pessoas de classes inferiores. Por conta disso, Henry sorrateiramente aconselha Leonard Bast a deixar imediatamente seu trabalho na empresa Porphyrion e procurar um novo trabalho antes que ela peça concordata “Minha única contribuição é esta: avise seu jovem amigo que deixe a empresa de seguros Porphyrion o mais rápido possível”<sup>22</sup> (FORSTER, 2012, p. 130).

---

<sup>20</sup> “He suffered acutely. Pain came over him in spasms, as if it was physical, and even while he was about to eat, his eyes would fill with tears [...]” (FORSTER, 2012, p. 86)

<sup>21</sup> “The man of business smiled. Since his wife’s death he had almost doubled his income. He was an important figure at last, a reassuring name on company prospectuses, and life had treated him very well.” (FORSTER, 2012, p. 128).

<sup>22</sup> “My only contribution is this: let your young friend clear out of the Porphyrion Fire Insurance Company with all possible speed” (FORSTER, 2012, p. 130).

A visão que o empresário tem dos trabalhadores baseia-se tão somente na produtividade e corporativismo nos negócios. Para Henry, o trabalhador não poderia frequentar os mesmos ambientes sociais em que a classe média alta se reunia por várias razões; entre elas, a incompatibilidade cultural e social. Henry Wilcox pode ser definido como o típico membro da classe aristocrata inglesa que não se importava com os direitos e deveres dos trabalhadores, os quais eram confinados em fábricas e subordinados em escritórios, executando jornadas de trabalho que excediam doze horas ao dia e que recebiam salários baixíssimos. As questões sociais e humanitárias não eram bem vindas ao seu mundo dos negócios, e qualquer outra aproximação era considerada por ele um desvio social. Edward Thompson deixa isso bem claro quando diz que:

Afirmo que cada homem, e cada mulher, e cada criança deve obter algo mais, na distribuição geral dos frutos do trabalho, além de alimento, farrapos e uma miserável rede com uma manta podre a cobri-la: e isso, sem ter de trabalhar doze ou quatorze horas por dia [...] dos seis aos sessenta anos. Eles têm uma reivindicação, uma sagrada e inviolável reivindicação [...] por um pouco de comodidade e divertimento [...] por algum tempo livre razoável para essas discussões, e por alguns meios ou informações que possam levá-los à compreensão dos seus direitos [...] (THOMPSON, 2011, p. 212).

A postura discriminatória que Henry tem em relação aos proletários estende-se, inclusive, aos próprios membros que fazem parte do seu círculo de amizade e que defendem os direitos dos subjugados. Mesmo fazendo parte da classe média, Helen Schlegel é excluída de sua presença por defender Leonard Bast e é impedida de residir em Howards End, juntamente com sua irmã, quando ela se encontra grávida de um proletário. Posteriormente, após intensa conversa com sua nova esposa, Margaret, ele decide permitir que Helen Schlegel não somente viva na casa, mas também que ela crie seus filhos na propriedade, no final do romance.

Essa súbita mudança de comportamento que Henry tem em relação a sua cunhada, Helen é vista como a consolidação da epígrafe de E. M. Forster, em relação à união entre todos em uma sociedade. Margaret buscava ajudar seu amigo necessitado Leonard a todo custo, conforme ela se torna ciente de suas adversidades financeiras. Na verdade, as irmãs Schlegel passaram a ter um apreço muito grande pelo rapaz, e no caminho à *Chelsea*

*Embankment*,<sup>23</sup> quando as irmãs pedem o auxílio de Henry nesse momento, começam a informá-lo sobre Leonard.

A partir desse momento, a relação entre Margaret e Henry começa a se consolidar, à medida que ela o conhece um pouco mais. Os encontros no almoço com a família dele e as conversas sobre política e socialismo, passaram a atraí-los gradativamente. Margaret diz que está em busca de um imóvel para alugar quando Henry mostra-se solícito e oferece uma de suas propriedades localizada na Rua Dulce para ela residir momentaneamente, até se estabelecer. Ele passa a ter uma antipatia por Leonard durante uma de suas visitas à casa de Margaret, quando o jovem tem um comportamento extremamente rude e deselegante.

[...] havia um momento de perfurante alegria quando Margaret disse: 'Então você gosta de Carlyle,' e então a porta abriu-se, e 'Senhor Wilcox, senhorita Wilcox,' entraram precedidos por dois cachorrinhos cabriolando.

'Oh, queridos! Oh, Evie, quanta impossibilidade tão boa!' exclamou Helen, debruçando-se com suas mãos nos joelhos. 'Nós trouxemos os pequenos companheiros conosco,' disse o senhor Wilcox. 'Eu mesmo os alimentei.'

'Oh, sério! senhor Bast, venha brincar com os filhotes.' 'Eu tenho que ir andando agora,' disse Leonard amargamente. 'Mas brinque com os filhotes um pouco.'

'Este é Ahab, esta é Jezebel,'<sup>24</sup> disse Evie, que foi uma das pessoas que deu-lhes os nomes após o baixo sucesso dos personagens na História do Antigo Testamento.

'Eu tenho que ir'. Helen estava muito ocupada com os filhotes para notá-lo.

'Senhor Wilcox, Senhor Bast, você realmente precisa ir? adeus!'

'Volte novamente,' disse Helen do piso. Então o precipício de Leonard surgiu. Por que ele deveria voltar novamente? O que houve de bom nisso? Ele disse redondamente: 'não, eu não retornarei, eu sabia que seria um erro'<sup>25</sup>(FORSTER, 2012, p.138).

<sup>23</sup> *Chelsea Embankment* é uma das principais avenidas do centro de Londres. Ela é a via de acesso ao Rio Thames passando ao longo da ponta do Millenium e do Parlamento Inglês.

<sup>24</sup> Segundo o livro de Reis 2, 9 narra a história de Jezebel, uma princesa fenícia que foi perseguida por adorar ao deus Baal. Jezebel foi morta e atirada aos cães que devoraram sua carne por decreto do rei Jeú. Disponível em: <[http://www.bibliaon.com/2\\_reis\\_9/](http://www.bibliaon.com/2_reis_9/)>

<sup>25</sup> "[...] There was a moment of piercing joy when Margaret said, "so you like Carlyle," and then the door opened, and "Mr. Wilcox, Miss Wilcox" entered, preceded by two prancing puppies."

"Oh! dears! Oh, Evie, how too impossible sweet!" screamed Helen, falling on her hands and knees.

"We brought the little fellows round," said Mr. Wilcox.

"I've got to be going now", said Leonard sourly.

"But play with puppies a little first."

"This is Ahab, that's Jezebel," said Evie, who was one of those who name animals after the less successful characters of the Old Testament history.

"I've got to be going."

Helen was too much occupied with puppies to notice him.

"Mr. Wilcox, Mr. Bast- must you be really? Good-bye!"

"Come again," said Helen from the floor.

Then Leonard's gorge arose. Why should he come again? What was the good of it? he said roundly: "No, I shan't; I knew it would be a failure" (FORSTER, 2012, p. 138).

Conforme é visto, Leonard tornou-se deselegante e ingrato ao despedir-se das irmãs Schlegels de forma grosseira e questionadora. Para Leonard, as irmãs haviam planejado esse encontro e convidado a proeminente família Wilcox, com o intuito de menosprezá-lo, quando ele tirou suas conclusões erradas: “eu erro em ver uma conexão”<sup>26</sup> (FORSTER, 2012, p.140). Pode ser que Leonard esteja intimidado pela presença de Henry que não esconde sua insatisfação ao vê-lo, estabelecendo uma fria civilidade em Wickham Place, uma vez que a casa das irmãs havia se tornado uma espécie de refúgio para Leonard, onde ele podia dividir suas impressões sobre arte e cultura.

A partir desse momento, Henry aconselha Margaret a observar suas amigas e questiona a postura das irmãs quanto às pessoas com as quais se relacionam; e ele passa a ter uma maior aproximação da família, buscando assim repassar suas experiências adquiridas durante os anos de vida. Leonard Bast, quando diz que ela deveria ser mais cuidadosa: “Ah, eu não me importei”, Então ele mudou de temperamento. Perguntou se poderia falar como amigo e a permissão foi-lhe concedida. “Você não deveria ser mais cautelosa?”<sup>27</sup> (FORSTER, 2012, p. 141).

Nesse momento, Henry passa a buscar uma maior aproximação das irmãs Schlegel e mostra-se solícito a todo instante, consolidando assim a amizade entre eles. Outro fato importante sobre a sociedade inglesa é a quebra de valores morais, que é visto em um adultério que Henry havia cometido durante uma de suas viagens ao exterior. No casamento de sua filha, Evie, o patriarca é surpreendido com a presença de Jacky Bast, esposa do proletário Leonard, trazidos à cerimônia por uma das irmãs Schlegels (Helen), a qual desvenda um segredo mantido entre eles:

“Senhora, você terá mais conforto no hotel,” ele disse asperamente. Jack respondeu: “Se não é o Hen!” [...] O senhor Wilcox estava muito aborrecido. “Eu não posso parabenizar você por seus protegidos,” ele comentou. “Hen, não vá. Você me ama querido, certo?” [...] “ele parecia mais escandalizado do que os fatos cobrados”. (FORSTER, 2012, p. 228).<sup>28</sup>

<sup>26</sup> “I fail to see the connection” (FORSTER, 2012, p. 138).

<sup>27</sup> “Oh, I didn’t mind,” Then he changed his mood. He asked if he might speak as an old friend, and, permission given, said. “Oughtn’t you really to be more careful?” (FORSTER, 2012, p. 141)

<sup>28</sup> “Madam, you will be more comfortable at the hotel,” he said sharply. Jacky replied: “if it isn’t Hen!”[...] Mr. Wilcox was much annoyed. “I can’t congratulate you on your protégés,” he remarked. “Hen, don’t go. You do love me, dear, don’t you?” [...] he seemed more scandalized than the facts demanded (FORSTER, 2012, p. 228).

Essa transgressão conjugal traz ao romance um ponto muito importante a ser abordado: o desmoronamento dos valores sociais que E. M. Forster claramente assinala na sociedade inglesa. Em tempos de constantes transformações sociais, éticas e morais, a revelação de um caso extraconjugal cometido há dez anos, em Chipre, descreve as mazelas e fingimentos de uma sociedade extremamente hipócrita e egocêntrica, sendo Henry Wilcox o símbolo de uma elite alienada. Apesar de ter tido seu passado desvendado, Henry não demonstra tornar-se mais flexível em face à desonra que lhe foi imposta. Henry exige que sua esposa, Margaret, se afaste dos Bast e, conseqüentemente, de sua irmã, que fica grávida de Leonard nos capítulos finais do romance.

### 2.1.2 Ruth Wilcox

A personagem Ruth Wilcox é uma das personagens que desenvolve um papel simbólico dos valores humanitários no romance; ela representa os valores tradicionais típicos da velha Inglaterra. Aos moldes tradicionais de uma família antiga e conservadora, ela é casada com Henry e tem cinquenta e um anos de idade, além de manter uma relação de carinho com sua propriedade, Howards End (herdada da família antes do casamento), fato que chama a atenção do leitor, haja vista que no período em voga, as mulheres ainda estavam adquirindo seus direitos na sociedade. A matriarca é responsável pela organização do lar, assim como a criação dos filhos dela: “A senhora Wilcox, cuja vida toda foi investida nos serviços do marido, fala muito pouco com estranhos com quem nunca compartilhou e cuja idade era metade da sua. Conversas intelectuais deixavam-na nervosa. [...]”<sup>29</sup> (FORSTER, 2012, p. 71).

Ruth representa a típica mulher e esposa, que vive para a preservação do lar e, de certa forma, é submissa ao esposo. De caráter genuíno e benevolente, Ruth constantemente intervém nos conflitos da família, trazendo paz e calma nos momentos de discórdia entre seus filhos ou entre pessoas alheias. Sua intervenção é vista no início do romance, quando seu filho (Paul) se desentendeu com Helen Schlegel:

Ela se aproximou assim como a carta da Helen tinha a descrito, seu caminhar silenciosamente sobre a grama e havia na verdade um fiapo de feno em suas mãos. Ela parecia não pertencer aos jovens e a moto deles, mas a residência e a árvore que lhe dava sombra. Qualquer um sabia que ela adorava o passado, e que a sabedoria

<sup>29</sup> “Mrs. Wilcox who life had been spent in the service of husband and sons, had little to say to strangers who had never shared it, and who age was half her own. Clever talk alarmed her [...]” (FORSTER, 2012, p. 228).



instintiva no qual nos damos o nome desajeitado de aristocracia. De nascimento nobre ela não deveria ser. Mas indubitavelmente ela se importava com os ancestrais, e ela os deixava ajudá-la. Quando ela viu Charles com raiva, Paul assustado, e a senhora Munt em lágrimas, ela ouviu seus ancestrais dizerem: "separe aqueles seres humanos que mais se magoarão uns aos outros. O restante pode aguardar." Então ela não fez objeção alguma. E muito menos fingiu que nada havia acontecido, como uma anfitriã da sociedade competente teria feito. Ela disse, "Senhorita Schlegel, você poderia levar sua tia para o seu quarto superior ou o meu, qualquer um que você achar conveniente. Paul vá procurar a Evie e peça a ela que prepare almoço para seis pessoas, mas não estou certo se todos nós estaremos aqui no piso inferior para o almoço" e quando eles obedeceram, ela se virou para o filho mais velho que permaneceu no carro sujo e latejante, e sorriu com um olhar de ternura e sem uma palavra, o deixou em direção as suas flores<sup>30</sup> (FORSTER, 2012, p.19).

Seu modo submisso de se expressar diante dos homens e seus comentários acerca dos valores herdados de geração a geração a define como uma personagem responsável em contextualizar o perfil tradicional das mulheres do início do século XX, alheias ao sufrágio feminino e emancipação, que preservavam os costumes e as tradições em suas famílias. Apesar de possuir propriedades e *status*, ela não se importa em ostentar riqueza alguma diante de amigos mais próximos e busca sempre realizar os desejos e vontade de seu esposo Henry. Sua objeção em não ter o direito ao voto surpreende Margaret Schlegel, que busca mostrar a ela a importância do sufrágio.

A rotina em sua casa de campo (Howards End) e as atividades diárias descreve uma personalidade pacata e extremamente tradicional. Ruth se atém aos costumes das tradições (respeito à figura patriarcal, o compromisso com a família) e nunca teve oportunidade de desenvolver o aprimoramento em campos como arte, política e cultura.

O desapego aos bens materiais e a falta de instrução da personagem são fortes indícios que comprovam o típico perfil das mulheres dessa época, que viviam exclusivamente para o lar, sendo verdadeiros anjos do lar<sup>31</sup> no desempenhar de atividades domésticas. Ao conhecer Margaret, a matriarca vê uma imagem de independência, liderança e idealismo, que são traços

---

<sup>30</sup> "She approached just as Helen's letter had described her, trailing noiselessly over the lawn, and there was actually a wisp of hay in her hands. She seemed to belong not to the young people and their motor, but to the house, and to the tree that overshadowed it. One knew that she worshipped the past, and that the instinctive wisdom to which we give the clumsy name of aristocracy. High born she might not be. When she saw Charles angry, Paul frightened, and Mrs. Munt in tears, she heard her ancestors say "separate those human beings who will hurt each other most. The rest can wait". so she did not ask questions. Still less did she pretend that nothing had happened, as a competent society hostess would have done. She said, "Miss Schlegel, would you take your aunt up to your room or to my room, whichever you think best. Paul, do find Evie, and tell her lunch for six, but I'm not sure whether we shall all be downstairs for it". And when they had obeyed her, she turned to her elder son, who still stood in the throbbing stinking car, and smiled at him with tenderness, and without a word, turned away from him towards her flowers" (FORSTER, 2012, p. 19).

<sup>31</sup> "Termo atribuído por Virgínia Woolf às mulheres que trabalhavam como domésticas em residências e vilarejos. Elas eram responsáveis não somente pela limpeza das casas, mas pela criação dos filhos de seus patrões e organização do lar" (WOOLF, 2007, p. 28).

marcantes das irmãs e a amizade entre ambas passa a se consolidar cada vez mais, tornando-se amigas íntimas:

Querida senhora Ruth Wilcox, eu preciso escrever algo descortês. Seria melhor se nós não nos encontrarmos. Minha irmã e tia ambas deram o desprazer a sua família, e no caso da minha irmã, os motivos de descontentamento poderiam ocorrer. Até o ponto que eu saiba, mesmo para ela e você, se eles se encontrarem, e é, portanto correto que nossa relação que começou tão prazerosa deveria terminar. Eu temo que você não concorde com isso; de fato, eu sei que você não concordará, uma vez que tem sido bom o suficiente nos avisando. É somente um instinto de minha parte, e sem dúvidas que o instinto está errado. Minha irmã diria sem dúvidas que isto está errado. Eu escrevo sem o consentimento dela e espero que você não a associe com minha cortesia. Acredite em mim, sinceramente M. J. Schlegel.<sup>32</sup> (FORSTER, 2012, p. 63)

O equívoco de Margaret em recusar o convite da senhora Ruth vem à tona com a pronta resposta à carta enviada por ela: “Querida senhorita Schlegel, você não deveria ter me escrito tal carta. Eu a chamei para dizer que Paul viajou ao exterior, Ruth Wilcox.”<sup>33</sup> (FORSTRER, 2012, p. 63). Tal resposta constrangeu Margaret sobremodo, ao ponto de fazê-la ir ao encontro dela e implorar por seu perdão. É durante o reencontro entre as duas que a amizade entre elas novamente passa a se reestruturar. Ruth diz que seu filho viajou à Nigéria, no dia 17 de novembro, e por conta disso, achou conveniente convidá-la para conhecer sua residência, e assim, retirar a imagem obscura que ficou da família. Essa atitude é fundamental para que ambas as famílias fortaleçam os laços de amizades, que são percebidos daquele momento em diante.

Ruth explica que a mudança deles para o apartamento, que se localizava em frente ao prédio delas, não representava uma implicância, mas sim uma oferta, pois a prima de seu marido (senhorita Matheson) o havia ofertado para o casal recém-casado, referindo-se ao filho mais velho Charles e Dolly. A partir daí, Margaret e Ruth tornam-se mais íntimas e a jovem Schlegel passa a se interessar ainda mais por sua família ao ouvir Ruth descrever as

---

<sup>32</sup>“Dear Mrs. Wilcox, I have to write something discourteous. It would be better if we did not meet. Both my sister and my aunt have given displeasure to your family, and in my sister’s case, the grounds for displeasure might recur. As far as I know, she no longer occupies her thoughts with your son. But it would not be fair, either to her or to you, if they met, and it is therefore right that our acquaintance which began so pleasantly should end. I fear that you will not agree with this; indeed, I know that you will not, since you have been good enough to call us. It is only an instinct on my part, and no doubt the instinct is wrong. My sister would, undoubtedly say that it is wrong. I write without her knowledge, and I hope that you will not associate her with my discourtesy. Believe me,

Yours truly,  
M. J. Schlegel” (FORSTER, 2012, p. 63)

<sup>33</sup>“Dear Miss Schlegel, you should not have written me such a letter. I called to tell you that Paul has gone abroad. Ruth Wilcox” (FORSTER, 2012, p. 63).

experiências deles, assim como suas histórias. Ao ficar sabendo que Charles e Dolly haviam ido a Nápoles em lua de mel, Margaret replica à senhora: “Pessoas de sorte!”<sup>34</sup> e com um olhar de cobiça, passa a idealizar o esplendor da vida da família, quando Ruth fala do filho mais velho:

Ele adora viajar, mas ele não costuma viajar ao exterior. O que ele mais adora é fazer um passeio pela Inglaterra, e eu acho que isso levaria o dia todo se o tempo não estivesse tão abominável. O pai dele deu-lhe um carro como presente de casamento, que por hora está sendo guardado em Howards End<sup>35</sup> (FORSTER, 2012, p. 69).

Conforme os dias passam, Margaret torna-se cada vez mais íntima de sua nova amiga, e logo percebe que Ruth Wilcox é uma senhora extremamente boa, preservando as crenças e costumes que lhe foram repassados por seus antepassados. A típica vida rural de sua amiga em Hertfordshire<sup>36</sup> e as possíveis lendas que ela conta sobre o olmo com dentes de porcos refletem o lado legendário da sociedade inglesa de repassar hábitos e costumes de geração a geração.

Ruth Wilcox surpreende Margaret quando fala das lendas, da História e das crenças que foram ditas pelos seus antepassados. Esse momento é muito significativo, pois elas passam a se conhecer melhor, a partir de então:

Ah, isso deve lhe interessar. Há dentes de porcos presos no tronco, entre quatro pés aproximadamente do solo. As pessoas do interior colocaram esses dentes há muito tempo atrás e elas acreditam que se mascarem um pedaço da casca, ela curará a dor de dente. Os dentes estão quase crescidos agora e ninguém vem à árvore pegá-los<sup>37</sup> (FORSTER, 2012, p. 68).

A matriarca causa admiração pela simplicidade em ver o mundo com outros olhos e extrair de eventos simples grandes lições de vida. Essa sensibilidade a torna uma personalidade essencial para a concretização da epígrafe do autor (Junte Apenas), nos momentos de crise e conflitos no romance. Margaret Schlegel havia encontrado uma mulher

<sup>34</sup>“Lucky people!” (FORSTER, 2012, p. 67)

<sup>35</sup> “He likes travel, but he does see through foreigners so. What he enjoys most is a motor tour in England, and I think that would have carried the day if the weather had not been so abominable. His father gave him a car of his own for a wedding present, which for the present is being stored at Howards End” (FORSTER, 2012, p. 69).

<sup>36</sup> É um condado na Inglaterra.

<sup>37</sup>“Oh, it might interest you. There are pig’s teeth stuck into the trunk, about four feet the ground. The country people put them in long ago, and they think that if they chew a piece of the bark, it will cure the toothache. The teeth are almost grown over now, and no one comes to the tree” (FORSTER, 2012, p. 68).

sensível e extremamente humana, alguém com quem poderia compartilhar segredos. De fato, Ruth abdicava do estilo de vida opulento que a família tinha, para estar na sua casa de campo, contrariando a valorização do material. É importante ressaltar que esse apego à casa é justamente o oposto ao restante da família, que prefere outras propriedades e não compreendem o significado sentimental que Howards End tem para Ruth.

Foi em um almoço que Margaret Schlegel dedicou a Ruth que ela realmente passou a conhecer melhor a matriarca e sua simplicidade. Ruth não conseguia interagir com os amigos dela, já que seu conhecimento acerca de artes e literatura era extremamente básico:

Ainda na rápida festinha de almoço que ela deu em comemoração à senhora Wilcox não havia sido um sucesso. A nova amiga não se misturou com um ou outro entre as pessoas que haviam sido convidados para conhecê-la, e a atmosfera era culturalmente desnorteante. Seus gostos eram simples, seu conhecimento de cultura era pouco, e ela não estava interessada no Novo Clube Inglês<sup>38</sup> nem tão pouco em dividir um comentário entre jornalismo e Literatura, no qual se iniciou como uma lebre convencional. As agradáveis pessoas defenestraram risos de alegria, Margaret a conversa e não foi até o momento em que a refeição havia quase acabado quando eles perceberam que a convidada principal não havia tomado parte na perseguição. Não havia algum tópico comum. A senhora Wilcox cuja vida tinha sido dedicada aos cuidados do marido e filhos e tinha pouco a dizer aos estranhos com quem nunca conviveu e cuja idade era metade de sua própria. Conversa culta lhe assustava, e murchava sua imaginação delicada; era a contrapartida social de um automóvel, todos os idiotas, e ela era um fiapo de feno, uma flor. Duas vezes ela deplorou o tempo, duas vezes criticou o serviço férreo da companhia Great Northern Railway. Eles vigorosamente consentiram, e apressaram-se, e quando ela questionou se havia alguma notícia sobre a Helen, sua anfitriã estava muito ocupada em impor uma resposta sobre Rothenstein. A pergunta foi repetida: "eu espero que sua irmã esteja segura na Alemanha agora." Margaret confirmou e disse: "sim, obrigado [...]"<sup>39</sup> (FORSTER, 2012, p.71).

O convívio no meio de pessoas intelectuais constrangeu e desorientou a senhora Ruth Wilcox, que não conseguia conversar com os amigos de Margaret, em um evento organizado

<sup>38</sup> Fundado em 1886, o Novo Clube Inglês era constituído por jovens ingleses que retornaram de Paris após longos estudos e que passaram a promover exposições de arte, cultura e trabalhos artísticos. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/New\\_English\\_Art\\_Club](http://en.wikipedia.org/wiki/New_English_Art_Club)

<sup>39</sup> "Yet the little luncheon-party that she gave in Mrs. Wilcox's honor was not a success. The new friend did not blend with the "one or two delightful people" who had been asked to meet her, and the atmosphere was one of polite bewilderment. Her tastes were simple, her knowledge of culture slight, and she was not interested in the New English Art Club, nor in the dividing-line between journalism and Literature, which started as a conversational hare. The delightful people darted after it with cries of joy, Margaret leading them, and not till the meal was half over did they realize that the principal guest had taken no part in the chase. There was no common topic. Mrs. Wilcox, whose life had been spent in the service of husband and sons, had little to say to strangers who had never shared it, and whose age was half her own. Clever talk alarmed her, and withered her delicate imaginings; it was the social, counterpart of a motorcar, all jerks, and she was a wisp of hay, a flower. Twice she deplored the weather twice she criticized the train service on the Great Northern Railway. They vigorously assented, and rushed on, and when she inquired whether there was any news of Helen, her hostess was too much occupied in placing Rothenstein to answer. The question was repeated: "I hope your sister is safe in Germany by now." Margaret checked herself and said, "yes, thank you" [...]" (FORSTER, 2012, p. 71).

pela última, em Londres. Para os convidados, era chocante ouvir Ruth afirmar que ela não fazia questão de votar, e que assunto como política deveria estar nas mãos dos homens ou, de forma sentimental e simplista, defendia a ideia de que as guerras do mundo acabariam quase todas, se as mães se reunissem.

A conversa entre Margaret e seus amigos torna-se mais discursiva e eles a surpreendem com perguntas sobre poesia e costumes alemães. A partir desse momento, a senhorita Schlegel comenta sobre sua ascendência germânica e os principais aspectos culturais. Segundo ela, os alemães estão sempre em busca de uma perspectiva mais definida sobre a beleza. Margaret cita o poeta Mawkish e comenta a ocasião em que ouviu um homem gordo soluçar ao citar seus poemas. Nesse momento, seus amigos passam a comentar sobre poesia e eles pedem que Ruth Wilcox dê uma melhor definição sobre beleza e poesia, haja vista que Margaret não conseguiu convencê-los com sua argumentação.

Nesse ponto, Ruth afirma “(...) eu penso que a senhorita Schlegel coloca tudo esplendidamente” e uma quietação veio à conversa: “Ah senhora Wilcox, diga algo melhor do que isso. É tão esnobe dizer que uma pessoa coloca as coisas esplendidamente”<sup>40</sup> (FORSTER, 2012, p. 73). Ruth define beleza e poesia utilizando suas próprias palavras, mas se sente completamente inferior a todos os demais convidados à mesa, quando expressa sua opinião de forma simples e singular. Entretanto, os convidados insistem e pedem que ela se posicione, e, finalmente constrangida, decide compartilhar sua opinião sobre a cultura alemã: “Eu não tenho outra visão. Mas meu marido, sua voz ficou suave, a calma aumentou, tem pouca fé no continente e nossas crianças têm seguido a opinião dele” (FORSTER, 2012, p. 73).

Ruth Wilcox tem um papel muito importante no romance, sua benignidade e intervenção nos conflitos de sua família descrevem assim uma possível manifestação de união e tolerância entre as diferenças raciais, étnicas e sociais. Em uma época no qual há discórdia e desentendimento entre grandes potências mundiais, E. M. Forster parece estar adiantando, por meio de sua personagem, uma extrema necessidade de união e igualdade a fim de evitar conflitos catastróficos. Ressalta-se que em 1910, havia um temor por parte de toda a sociedade devido aos conflitos entre Inglaterra e Alemanha, que possivelmente culminariam em uma possível guerra entre essas duas superpotências. Ruth simbolicamente vem manifestar tal preocupação:

---

<sup>40</sup>“I think Miss Schlegel puts everything splendidly, and a chill fell on the conversation. Oh, Mrs. Wilcox, say something nicer than that. It’s such a snub to be told you put things splendidly” (FORSTER, 2012, P, 73).

Desde a derrota, em 1870, da França para a Prússia, as tensões se mantiveram vivas entre as potências, e em geral, por toda a Europa. A França queria recuperar as províncias de Alsácia e da Lorena, perdidas para a Alemanha em 1871. No entanto, até junho de 1914, as desavenças foram resolvidas por meio da diplomacia. Duas crises franco-alemãs em 1905 e 1910 foram solucionadas por concessões mútuas, demonstrando que a guerra entre os dois países não era fatal (ENDERS et. al, 2008, p. 290).

É interessante observar que E. M. Forster de certa forma antecipa os conflitos oriundos na Alemanha e o início da I Guerra Mundial, quando Ruth descreve o desagrado que seu esposo tem pela Alemanha e sua cultura: que considera estranha. A mensagem do autor é oportuna nesses momentos de tensões e conflitos que se assemelham a um turbilhão entre as duas potências. O mesmo sentimento ocorre com a Sra. Juley, tia de Margaret e Helen, por parte de mãe, quando ela, a partir do fluxo de consciência, teme pela influência do pai alemão sobre as sobrinhas. Parece reprovar o casamento da irmã Emily com um alemão e cita as diferenças entre ingleses e alemães, pois apenas isso justificaria esse apego das irmãs por uma independência e liberdade de espírito, talvez em contraponto com o que se espera de uma mulher inglesa tradicional da Era Vitoriana.

Há uma constante incerteza por parte da sociedade, que caminha para um apocalipse a qualquer momento, e o autor chama a atenção para isso com o discurso de Margaret Schlegel, durante essa ocasião em que todos estão à mesa. Metaforicamente, E. M. Forster entrecruza um simbólico momento em que Ruth (inglesa) dialoga com Margaret (metade inglesa e metade alemã) sobre as divergências entre essas duas nações e sugere a liberdade de expressão e igualdade, como únicas ferramentas capazes de reverter uma possível guerra entre elas: “Há mais liberdade de ação na Inglaterra, mas para a liberdade de pensamento vá para burocrática Prússia”. As pessoas lá vão discutir com humildade vital as questões que nós mesmos pensamos ser boas demais para tocá-las com tenaz.<sup>41</sup> (FORSTER, 2012, p. 73).

À medida que Margaret e seus convidados conversam com a matriarca, eles tornam-se convictos de que Ruth representa uma massa de mulheres que estão submissas às convenções e diretrizes da sociedade, impondo uma resistência à mudança. A fala de Ruth deixa bem evidente essa questão, como já foi dito anteriormente: “eu às vezes penso que é mais correto deixar as ações e discussões com os homens [...]”<sup>42</sup> (FORSTER, 2012, p. 74).

---

<sup>41</sup> “There is more liberty of action in England, but for liberty of thought go to bureaucratic Prussia. People will there discuss with humility vital questions that we think ourselves too good to touch with tongs” (FORSTER, 2012, p. 73).

<sup>42</sup> “I sometimes think it is wiser to leave action and discussion to men. There was a little silence” (FORSTER, 2012, p. 74).

Essas afirmações surpreenderam a todos que estavam reunidos. Margaret discordava veementemente das convenções impostas pela sociedade às mulheres, já que o movimento de emancipação feminina estava ganhando força na Inglaterra em 1910. Esse fato também surpreende a todos os amigos de Margaret, pois o país vivia um período de transformação quanto aos direitos das mulheres, e a conformidade com a submissão é algo realmente chocante para um grupo de intelectuais. Além disso, a falta de posicionamento político de Ruth Wilcox é outro fator que chama a atenção dos convidados.

Contudo, a falta de engajamento de Ruth e sua submissão não foram fatores que impossibilitaram sua aproximação com Margaret. Essa amizade cresce e se consolida entre elas que saem juntas para fazer compras e organizar os preparativos das festas. É durante as compras que Margaret compartilha a questão crítica, que culminará na perda de sua residência (Wickham Place) muito em breve, e isso assusta Ruth, que acha impossível uma pessoa ser privada da casa onde nasceu por ser para ela um lugar considerado sagrado. No momento de entretenimento entre as compras nas lojas *Harrod's* e *Haymarket*, Margaret começa a falar de sua situação crítica com seu apartamento e a possível perda do seu imóvel, o que surpreende a matriarca demasiadamente.

Essa notícia surge como um vendaval, abalando os alicerces da matriarca, que diz ser a residência o porto seguro de uma família, e a perda dela consiste em perder todo esse referencial. O inestimável valor de uma propriedade é algo que deve ser preservado e ela deixa bem claro isso para Margaret. A revelação desse acontecimento faz com que Ruth deseje mostrar sua residência (Howards End). Nota-se que ela é extremamente ligada ao tradicionalismo inglês em conservar as tradições antigas, em que as pessoas mantinham uma relação afetiva com suas casas e propriedades. Howards End não possui número algum que a identifique como as demais casas da época. Todavia tem um nome próprio, logo uma identidade. Para Ruth, a modesta casa de campo tinha um grande valor, portanto Wickham Place também deveria ter o mesmo valor para as Schlegels. O fato de a residência em Londres ser demolida é chocante para Ruth Wilcox, em função da especulação imobiliária que, de certa forma, tiraria a identidade das pessoas, roubando-lhes suas histórias.

A matriarca teve uma grande participação, tanto no crescimento cultural, quanto espiritual da vida de Margaret, pois ela foi responsável em transmitir valores e qualidades que são escassos na sociedade inglesa, apesar de ser membro de uma família ligada à riqueza. A sua sensibilidade e fácil relação interpessoal foram essenciais para a consolidação da amizade entre ela e Margaret, durante o período em que estiveram juntas. Dessa forma, o gesto nobre

de Ruth, ao entregar sua residência durante sua internação em um leito de hospital, deixa bem claro o elevado grau de espiritualidade e desapego ao dinheiro desta. É nesse momento difícil em que ela é submetida à internação, que vem a decisão de tomar uma atitude humanitária em prol das irmãs, deixando todo o clã Wilcox surpreso com o bilhete.

Apesar de a personagem ter uma permanência muito curta no romance, Ruth Wilcox traz uma representatividade muito ampla, que se estende até o término da obra. Sua serenidade e temperança refletem a conquista da verdadeira sabedoria e experiência de vida. Ela era a responsável por trazer a paz nos momentos de conflitos e discussões e representa a voz do autor, que expressa sua contínua mensagem de união e mais proximidades entre os povos. O bilhete escrito a lápis pela matriarca nas suas últimas horas de vida cria uma expectativa de suspense ao romance, uma vez que o desejo dela seria somente revelado no fim do romance, quando Henry Wilcox o revelaria a Margaret.

### **2.1.3 Charles e Dolly Wilcox**

Charles é o filho mais velho da família Wilcox e o mais agressivo de todos. Ele administra os negócios do pai e aparentemente não faz viagens com essa finalidade ao exterior. No início do romance, ele é confundido com seu irmão mais novo, Paul, quando a Sra. Juley (tia das irmãs Schlegels, como já foi mencionado) vai à Howards End, com o intuito de evitar a união entre eles. Ele casou-se com Dolly recentemente e é uma personagem extremamente materialista, assim como o pai. Sua obsessão por bens materiais descreve o negativo perfil da classe rica, em contraste com os proletários ingleses.

Além disso, Dolly é a personagem que constantemente interfere nos negócios da família, buscando tomar ciência dos fatos e acontecimentos relacionados aos negócios do marido. Ela é a representação da mulher submissa, responsável em permanecer em casa, ao lado do marido, obedecendo aos desejos e vontades dele. Dolly constantemente tenta se envolver nos trâmites da família e, na maioria das vezes, irrita não só seu esposo, mas todos quantos estão próximos a ela: “Dolly, volte de uma vez! Meu pai está muito chateado com você. Charles, ela se agrediu intensamente. Venha logo aqui com o papai. Ele recebeu uma carta que é horrível”.<sup>43</sup> (FORSTER, 2012, p. 92).

---

<sup>43</sup> “Dolly go back at once! My father’s much annoyed with you. Charles”, she hit herself widely, “come in at once to father. He’s had a letter that’s too awful” (FORSTER, 2012, p. 92).



O filho mais velho é o protótipo de seu pai no tocante à administração dos negócios da família. Ele torna-se o braço direito dele e procura administrar os bens da melhor maneira possível. Aliás, vale ressaltar que, para os Wilcoxes, bens materiais são mais importantes do que a própria felicidade conjugal. Percebe-se isso quando Charles se posiciona contra o relacionamento do irmão (Paul e Helen), afirmando categoricamente que Paul deve seguir seu caminho às colônias e gerenciar os negócios do pai. “Ele tem que seguir seu caminho à Nigéria. Ele não poderia pensar em casamento por anos e, quando ele o faz, tem que ser uma mulher que pode suportar o clima, e em outras palavras, por que ele não nos disse isso?”<sup>44</sup> (FORSTER, 2012, p. 17).

Seu comportamento intolerante e soberbo com as pessoas e a sua obsessão por dinheiro perpassa o lado negativo da família. Ademais, em se tratando dos negócios, Charles é intransigente com os funcionários e tem uma postura idêntica à de Henry, quando diz não haver conexão entre os empregados e os patrões, fazendo alusão aos ricos e proletários: “Por que ser tão educado com os trabalhadores? Eles não entendem”<sup>45</sup> (FORSTER, 2012, p. 21). Por assim dizer, Charles demonstra representar esse lado discriminador e egocêntrico dos Wilcoxes, sua postura faz alusão ao pensamento de E. Thompson, quando assinala que,

A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe (THOMPSON, 2011, p. 10).

Charles tem uma postura hostil e arrogante em relação aos proletários assim como a de seu pai. Pode-se inferir que seu egocentrismo e estresse refletem as cobranças e responsabilidades que ele tem em administrar os negócios da família. Ele é obcecado pelos bens dos pais, sabendo que seria o herdeiro mais próximo da casa de campo (Howards End) após a morte deles: “Ela era uma mulher um tanto pobre, a casa tinha sido sua posse, e a casa seria repassada a Charles em tempo” (FORSTER, 2012, p. 90).<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> “He has to make his way out in Nigeria. He couldn’t think of marrying for years and when he does it must be a woman who can stand the climate, and is in other ways why hasn’t he told us?” (FORSTER, 2012, p. 17).

<sup>45</sup> “Why be so polite to servants? They don’t understand it” (FORSTER, 2012, p. 21).

<sup>46</sup> “She was a quiet a poor woman-- the house had been all her dowry and the house would come to Charles in time.” (FORSTER, 2012, p. 90)

Após a morte de sua mãe, Charles busca tomar posse de sua herança e deseja obter Howards End a todo custo. Com o súbito envolvimento de Margaret Schlegel com seu pai, Charles torna-se insatisfeito e novamente tenta interferir no relacionamento da família. Ao descobrir que sua mãe havia deixado um bilhete entregando a casa de campo a Margaret, ele recusa atender o desejo da matriarca, mostrando assim seu lado egocêntrico em atender o último desejo de sua mãe: “Quando as pessoas escreviam uma carta, Charles sempre perguntava o que elas queriam”. Querer para ele era a única causa da ação. E a questão nesse caso era correta, uma vez que sua esposa replicou: ‘Ela quer Howards End’ (FORSTER, 2012, p. 91).<sup>47</sup>

Nesse ínterim, Dolly novamente interfere nos negócios dos Wilcoxes, desesperada com a notícia da carta deixada pela senhora Ruth e temerosa com a perda da residência, ela infere que Margaret não possui meios legais para se apropriar da casa e elenca comentários dizendo que não há veracidade legal em um bilhete escrito em um pedaço de papel, o que enfurece seu esposo demasiadamente. “Por que você acabou de dizer!” reclamou Dolly. “Não importa se eu o disse,” ele se irritou; “e não se intrometa”<sup>48</sup> (FORSTER, 2012, p. 92).

E. M. Forster define Charles como uma representação ainda mais agressiva do pai e busca mostrar sua incompreensão frente ao mundo social, onde deveria haver um equilíbrio entre o materialismo e o socialismo. Charles Wilcox não consegue apreciar os valores sociais e busca acumular bens materiais, elemento assinalado pelo autor. Charles, além de egocêntrico e ambicioso, tem uma personalidade agressiva e violenta. Ele perde sua compostura sempre que se encontra em situações conflituosas; e essa descompostura é vista nos momentos em que há interferência nos negócios deles, quando a família descobre que Ruth havia deixado Howards End para Margaret em um bilhete a lápis antes de morrer: “Que mulher horrível!” e Dolly, que tinha se recuperado, chorou, “Por que ela pode estar vindo nos retirar agora!” Charles concordou com ela. “Eu desejaria que ela estivesse chegando,” ele disse ameaçadoramente. “Eu poderia me livrar dela, então” (FORSTER 2012, p. 96).<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> “When people wrote a letter Charles always asked what they wanted. Want was to him the only cause of action. And the question in this case was correct, for his wife replied, ‘She wants Howards End’”. (FORSTER, 2012, p. 91)

<sup>48</sup> “Why, you just said it was! Cried Dolly. “Never mind if I did”, he blazed out; “and hold your tongue.” (FORSTER, 2012, p. 92)

<sup>49</sup> “What a horrid woman!” and Dolly, who had recovered, cried, “why, she may be coming down to turn is out now!” Charles put her right. “I wish she would,” he said ominously “I could then deal with her” (FORSTER, 2012, p. 96).

“Oh, esqueci que ela não é inglesa” replicou Evie. “Isso explicaria tudo” “ela é uma cosmopolita”, disse Charles, olhando para o seu relógio “eu admito que não tenho afinidade com cosmopolitas. Minha falha, duvido. Eu não os suporto e uma cosmopolita alemã é o limite” (FORSTER, 2012, p. 97).<sup>50</sup>

É notório que E. M. Forster busca expor as tensões políticas entre ambos os países por meio de suas personagens e intercala seus discursos discriminadores, especialmente quando as colocam em confronto suas diferentes nacionalidades. Para o autor, sua personagem (Charles) surge oportunamente para ratificar sua visão acerca dos conflitos futuros entre as duas superpotências. A fala de Charles traz ao romance algo muito importante: expõe as consequências que a discórdia e a desigualdade trazem para a sociedade. A antecipação dos eventos que precedem a Primeira Guerra Mundial<sup>51</sup> é novamente delineada pela personagem e ilustrada nos conflitos entre sua família e as irmãs Schlegel.

A intolerância e a discriminação de Charles contra Margaret, assim como o seu discurso intolerante, refletem alguns episódios que aconteceriam nesses países em dois anos futuros, o consenso entre ambas as superpotências estava chegando ao limite e a intolerância de Charles em receber Margaret parece evidenciar isso. Logo *Howards End*, que simboliza<sup>52</sup> a Inglaterra, não poderia ser ocupada por alguém que tivesse sua ascensão alemã, e o único escape sugerido para o autor é justamente sua epígrafe inicial *Only Connect* (Junte Apenas).

Com as interferências das Schlegels nos negócios do pai e a notícia de que Leonard Bast é o responsável pela discórdia entre eles, Charles vai até a residência e, ao encontrá-lo lá, o agride imediatamente com uma espada. Leonard se segura em um armário que despenca sobre ele com todos os livros sobre seu peito.

E. M. Forster parece querer expor a fragilidade da classe proletária ao mostrar que o acesso a cultura e a arte poderiam redefinir a posição do proletariado na sociedade. Contudo, ironicamente, a morte de Leonard se dá a partir dos livros que ele tanto amava. As prateleiras e diversos livros que caem sobre seu peito, o que culmina em sua morte e na prisão de Charles por três anos no desfecho do romance.

<sup>50</sup> “Oh, I forgot she isn’t really English”. Cried Evie. “That would explain a lot”. “She is a cosmopolitan”. said Charles, looking at his watch. “I admit I’m rather down on cosmopolitans. My fault doubtless I cannot stand them, and a German cosmopolitan is the limit” (FORSTER, 2012, p. 97).

<sup>51</sup> Informações complementares sobre as tensões entre ambos os países estão disponíveis em <<http://www.dw.de/1914-reino-unido-declara-guerra-%C3%A0-alemanha/a-319734>> acesso em 03/03/2014.

<sup>52</sup> Essa interpretação simbólica “quem herdará *Howards End*” foi mencionada por Lionel Trilling. Fonte: Trilling, Lionel. E. M. Forster. Norfolk Conn.: New Direction, 1943.

### 2.1.4 Paul Wilcox

Paul é o filho mais jovem dos Wilcoxes e torna-se responsável por continuar os negócios do pai na Nigéria, colônia inglesa da época. De fisionomia jovem e personalidade cativante, ele tem um súbito envolvimento com a senhorita Helen Schlegel no início do romance e tal relacionamento é descrito em uma das cartas da jovem. “Querida Meg, eu não sei como eu direi isso: Paul e eu estamos apaixonados, o filho mais jovem que acabou de chegar aqui na quarta-feira”<sup>53</sup> (FORSTER, 2012, p. 3). Entretanto, o relacionamento deles não perdura mais que alguns dias e, posteriormente, ele decide seguir a vontade do pai e trabalhar nas colônias.

E. M. Forster usa sua personagem Paul na tentativa de unir dois aspectos fundamentais da sociedade burguesa: o materialismo, representado por Paul, e o idealismo cultural, por meio da personagem Helen Schlegel. Todavia, a brusca separação entre eles mostra as diferenças e incompatibilidades de ambos. Com sua ida à Nigéria, Paul é omitido do romance e torna a ser citado somente em uma carta que sua mãe Ruth escreve a Margaret avisando de sua partida, como já foi mencionado anteriormente. Suas constantes idas ao exterior trazem simbolicamente a ligação entre a Inglaterra e suas colônias no início do século XX.

De certa forma, Paul representa o domínio inglês frente a outros países que foram colonizados e sua permanência constante lá traz ao romance esse perfil dominante e subjugador que os ingleses tinham sobre os territórios ocupados. O jovem parece ser submisso às ordens de seu pai e irmão mais velho, além de ser responsável pela administração dos negócios da família no exterior. Ele é veementemente criticado por Charles, quando ele descobre o seu envolvimento com a senhorita Schlegel durante uma discussão com a senhora Juley.

Desde o início, esse súbito relacionamento de Paul e Helen é visto por ambas as famílias como uma união inconcebível, visto que eles não têm afinidades e perfis que possam uni-los. Helen tem toda uma formação literária e artística, sua educação foi muito bem consolidada. Seu pai era professor universitário e toda sua família dedica-se a movimentos sociais, culturais e artísticos. Charles, em contrapartida, cresceu em meio a uma família que priorizava o materialismo, a administração de imóveis e investimentos no exterior. O jovem não se interessava por literatura ou artes, assim como os demais membros de seu clã.

---

<sup>53</sup> “Dearest, dearest Meg, I do not know what you will say: Paul and I are in love the younger son who only came here Wednesday” (FORSTER, 2012, p. 3).

O próprio Charles expõe a obrigação que seu irmão mais novo tem em administrar os negócios da família no exterior. Paul é descrito como um jovem sem rendas ou bens, dependente exclusivamente de sua família e de toda administração de seus bens. “Eu aviso a você: Paul não tem dinheiro algum; é inútil”<sup>54</sup> (FORSTER, 2012, p. 17).

Ao que parece, Paul possui uma característica similar à Helen Schlegel; ele se envolve muito rápido em relacionamentos, o que o afasta do foco principal de sua família, a administração dos negócios. Isso fica bem claro, quando seu irmão Charles questiona sua mãe, Ruth Wilcox sobre a preocupação deles em relação a outro envolvimento com alguém. “Mãe, ele disse: você está ciente que o Paul esteja bancando o bobo novamente?”<sup>55</sup> (FORSTER, 2012, p. 19).

Paul foi mais uma grande decepção que ocorreu na vida de Helen Schlegel. Ele aparentemente não retribuiu com os mesmos sentimentos que a jovem tinha por ele. Além disso, Paul iludiu a jovem Schlegel quando fez declarações inverídicas dizendo que a amava: “[...] um homem na escuridão, ele havia sussurrado "eu te amo" quando ela estava desejando amor. Com o tempo sua personalidade fraca mudou.”<sup>56</sup> (FORSTER, 2012, p. 22).

A personagem Paul Wilcox reflete o estereótipo de jovem idealizador que busca liberdades e aventuras. Todavia, há grandes imposições e responsabilidades que são atribuídas a ele pela família. Paul, por alguns momentos, parece desejar fugir dessas obrigações e explorar o lado aventureiro da vida.

## 2.2 A família Schlegel e a emancipação feminina

A década de 1910 é um período muito importante na Inglaterra que é submetida a diversas transformações sociais que mudaram notavelmente os alicerces da sociedade inglesa. É nesse momento que os valores igualitários entre os homens e mulheres começam a ser discutidos e questionados por uma população que vai às ruas pleitear seus direitos e deveres em uma época em que havia grandes tensões em relação à eminente guerra entre vários países (HOBSBAWM, 2009, p. 274).

Segundo Enders (2008, p. 264), no século XIX, os sistemas políticos elitistas, republicanos ou monárquicos democratizaram-se, passando a basear-se cada vez mais no

<sup>54</sup> “I warn you: Paul hasn't a penny; it's useless” (FORSTER, 2012, p. 17).

<sup>55</sup> “Mother, "he called," are you aware that Paul has been playing the fool again?” (FORSTER, 2012, p. 19).

<sup>56</sup> “[...] A man in the darkness, he had whispered" I love you" when she was desiring love. In time his slender personality fade” (FORSTER, 2012, p. 22).

sufrágio universal. O "país legal" (que abarca os cidadãos com direito a voto) aproximava-se do "país real" (que inclui todos os cidadãos em um só país). A autora ainda afirma que essa transição foi lenta e só ganhou forças com o passar dos anos. O sufrágio, segundo ela, era restrito aos proprietários e contribuintes, e depois das constantes resistências, tornou-se acessível às mulheres no início do século XX.

Ao descrever essas manifestações em prol do voto universal, a autora faz um levantamento histórico dos principais países onde o movimento passou a ser aceito e, segundo ela, as irmãs Schlegels são mulheres que lutam por seus direitos e valores. Filhas de um inglês com ascensão alemã, elas frequentam teatros e concertos e estão envolvidas em movimentos sociais que promovam a igualdade dos cidadãos na sociedade:

Na França, o sufrágio universal masculino foi decretado durante a Segunda República (1848-1852), o que fez com que o corpo eleitoral francês passasse de 240 mil para 10 milhões de eleitores em um universo de 35 milhões de habitantes. As mulheres francesas, no entanto, esperariam até 1944 para obter o direito ao voto. No Brasil, a primeira República instaurou, com a Constituição de 1841, o sufrágio universal masculino [...]. Na Grã Bretanha e nos Estados Unidos, as mulheres conseguiram organizar uma intensa mobilização na luta pela conquista do direito ao voto feminino. Algumas mulheres chegaram, inclusive, a arriscar suas vidas no confronto com as autoridades. As inglesas obtiveram esse direito em 1918, e as norte-americanas em 1920 (ENDERS et al, 2008, p. 264).

E. M. Forster descreve o perfil das irmãs Schlegel e o engajamento delas em movimentos sociais. As irmãs frequentam eventos artísticos e promovem saraus e debates em suas casas, constantemente leem romances ou acompanham recitais de música clássica: “A música, evidentemente, transformou a Helen profundamente”<sup>57</sup> (FORSTER, 2012, p. 32), e o envolvimento com grandes clássicos da música internacional é citado por elas. “Beethoven é ótimo, disse Margaret, que não era uma feminina do tipo encorajador. “Eu não gosto de Brahms, e nem mesmo Mendelssohn que vem primeiro e ugh! Eu não gosto deste Elgar, que está vindo a seguir” (FORSTER, 2012, p. 33).<sup>58</sup>

Percebe-se que as irmãs tiveram uma criação digna de elogios para a época e elas detêm certo grau de intelectualidade, o que lhes permite dialogar sobre grandes clássicos de época com domínio e propriedade. O grau de intelectualidade das irmãs Schlegels é visível,

<sup>57</sup> “The music has evidently moved her deeply” (FORSTER, 2012, p. 32).

<sup>58</sup> “The Beethoven’s fine,” said Margaret, who was not a female of the encouraging type. “I don’t like the Brahms, though, nor the Mendelssohn that came first- and ugh! I don’t like this Elgar that’s coming” (FORSTER, 2012, p. 33).

quando elas recebem o jovem Leonard Bast pela primeira vez na sua residência. Após caminharem do teatro até a residência de Wickham Place e conversarem por todo o caminho sobre literatura e arte, Leonard percebe que está diante de mulheres cultas e emancipadas.

A independência das irmãs Schlegel é criticada pelos Wilcoxes, que as consideram intelectuais e extremamente liberais. A primeira a perceber essa liberdade das irmãs é a senhora Ruth, que mantém contato com Margaret em sua residência. Com o passar do tempo, Ruth nota que Margaret recebe artistas, escritores e compositores em sua casa e que, comparado a ela, seu círculo de amizade é bastante restrito. Além disso, Margaret constantemente exortava a matriarca sobre os direitos de igualdade, assim como a importância da mulher na sociedade: “Se as mulheres devem permanecer o que elas têm sido desde o início da História, ou se desde que os homens avançaram até o momento, elas também podem avançar um pouco agora [...]”<sup>59</sup> (FORSTER, 2012, p. 74).

As irmãs Schlegel não aceitavam ser subjugadas aos Wilcoxes, que estavam acostumados a restringir limites às mulheres de sua família. Elas, que são tanto independentes financeira quanto intelectualmente, não se submetem às imposições deles. A princípio, tanto Margaret, quanto a sua irmã enfrentam Henry e discordam de suas opiniões. Primeiramente, a irmã mais velha não dá ouvidos aos conselhos de Henry quando diz que ela deveria se afastar do jovem proletário por conta da incompatibilidade financeira, o que lhe deixa extremamente chateado, “[...] você deve manter esse tipo de gente à distância [...]”<sup>60</sup> (FORSTER, 2012, p. 141).

Posteriormente é a vez de Helen, que discorda das opiniões dele e entra em discussão com o patriarca: “É essa sua opinião? Um homem que tinha pouco dinheiro tinha menos - esta é minha opinião”<sup>61</sup> (FORSTER, 2012, p. 189).

Em um segundo momento, Margaret não se deixa ser intimidada pelo autoritarismo de Charles, e se recusa obedecê-lo quando esse lhe ordena a se sentar no banco do carro, quando estava dirigindo:

“O que foi isso?” as garotas questionaram. Charles as conduziu por cem metros sem conversar. Então ele disse: “está tudo bem. O carro acabou de atropelar um cachorro.” “Mas pare!” exclamou Margaret, aterrorizada. “não o machucou.” “não o

<sup>59</sup> “Whether women are to remain what they have been since the dawn of History; or whether, since men have moved forward so far, they too may move forward a little now” (FORSTER, 2012, p.74).

<sup>60</sup> “[...] you must keep that type at a distance. [...]” (FORSTER, 2012, p. 141).

<sup>61</sup> “Is that your opinion? a man who had little money has less-- that’s mine” (FORSTER, 2012, p. 189).

machucou?" perguntou Myra. "Não" "Por favor, pare!" disse Margaret, inclinándose para frente. Ela estava em pé no carro, os outros ocupantes estavam segurando seus joelhos para mantê-la firme. "eu quero voltar, por favor." [...] "oh, isto é ridículo! Charles, eu peço a você que pare." "estacionar agora não."demorou Charles. "Não é ridículo?" disse Margaret e saltou para fora do carro. [...] Charles nunca presenciou uma situação como essa antes. Era uma mulher revoltada que estava mancando diante dele e a fisionomia era muito estranha e totalmente fora do comum [...]"<sup>62</sup> (FORSTER, 2012, p. 209).

Nota-se que E. M. Forster faz com que as irmãs Schlegel enfrentem certas situações atípicas, quando há a necessidade de elas expressarem as suas opiniões e reiterarem sua autonomia diante da imposição dos homens. As irmãs são emancipadas e não permitem com que homem algum lhes impunha regras. Esse é outro ponto interessante no romance. Nesses momentos, as irmãs simbolicamente representam a perseverança e o desejo das mulheres de impor suas conquistas, na luta pelos direitos iguais na sociedade. Karina deixa bem claro que esse era o cenário que elas enfrentavam no início do século XX na Europa, e após uma árdua conquista, elas certamente não retrocederiam aos velhos tempos em que eram submissas às ordens dos homens Oliveira (2009, p. 12).

Nos Estados Unidos e Inglaterra, o feminismo adotou um posicionamento focalizado no sufrágio e na vida econômica das mulheres. Muitas dessas feministas reclamavam do preconceito dentro do mercado de trabalho, no qual exerciam os mesmos cargos que os homens e tinham salários mais baixos. A maioria das feministas da primeira onda exigia igualdade de tratamento tanto no espaço público quanto no privado. Percebe-se que as personagens de E. M. Forster (Margaret e Helen Schlegel) desempenham um papel importantíssimo no romance: o de representar as "novas mulheres" que se recusam a ser tratadas com autoritarismo pelos homens. Elas são responsáveis por fazer um recorte dessa época importante, quando toda a sociedade passava por uma transformação histórica. Zina Abreu afirma que uma das mentoras do sufrágio feminino foi,

Mary Wollstonecraft que era esposa de William Godwin e companheira de outros pensadores liberais setecentistas, como Richard Price e Joseph Johnson todos radicais britânicos imbuídos do ideário político democrático que [...] argumentava que a desigualdade social e política entre os sexos devia-se sobretudo à educação

<sup>62</sup> "What is it?" the ladies cried. Charles drove them a hundred yards without speaking. Then he said: "it's all right. Your car just touched a dog." "But stop!" cried Margaret, horrified. "It didn't hurt him." "Didn't really hurt him?" asked Myra. "No." "Do please stop!" said Margaret, leaning forward. She was standing up in the car, the other occupants holding her knees to steady her. "I want to go back, please." "[...]. Oh, this is ridiculous! Charles, I ask you to stop." "stopping is no good" drawled Charles. "Isn't it?" said Margaret and jumped straight out of the car [...]. Charles had never been in such a position before. It was a woman in revolt who was hobbling away from him, and the sight was too strange to leave any room for anger" (FORSTER, 2012, p. 209).



diferencia da que as mulheres recebiam, e ao cerceamento da sua liberdade, por convenções sociais longamente estabelecidas (ABREU, 2002, p. 444).

No romance *Howards End*, as irmãs Schlegels representam essas mulheres que lutaram pela conquista de seus direitos na sociedade e que faziam questão de votar. Outro ponto interessante a ser mencionado sobre as irmãs é que, por terem ascendência alemã, elas constantemente fazem viagens ao exterior e buscam interagir com o seu segundo país (Alemanha). Elas são filhas de uma inglesa com um alemão. Essa ligação com a Alemanha está muito presente na vida delas, que guardam os valores artísticos, culturais e sociais desse país e as influenciam constantemente. Os próprios cantores clássicos da música mencionados por elas são prova disso (Beethoven, Mozart). Além do mais, ambas também estavam envolvidas em movimentos sociais que buscavam preservar os direitos de cada cidadão. A igualdade e a solidariedade são conceitos que elas preservam desde tenra idade, e que as mesmas os praticam diariamente na sociedade.

A independência de Margaret e seu carisma são características distintas apreciadas por Henry. É a postura de independência dela que chama a sua atenção. O carisma de Margaret logo conquista o seu coração e o leva a pedi-la em casamento. "Senhorita Schlegel"- sua voz ficou firme "Eu trouxe você aqui por conta de outra intenção. Eu quero falar sobre um assunto mais sério que a residência"<sup>63</sup> (FORSTER, 2012, p. 161).

Percebe-se que E. M. Forster faz duas tentativas em entregar a residência a Margaret Schlegel. Primeiramente, quando a senhora Ruth Wilcox está padecendo em um leito de hospital e decide escrever uma carta concedendo a posse de sua propriedade a ela. "Ela tinha escrito: ao meu marido: eu gostaria que a senhorita Margaret herdasse Howards End" (FORSTER, 2012, p. 93).<sup>64</sup> Todavia, o desejo de Ruth foi omitido por Henry e sua família, que não entregaram a carta escrita por ela, pois alegaram ser um ato injusto.

Em um segundo momento, após a morte da senhora Ruth, Henry casa-se com Margaret, que irá residir na residência juntamente com ele e, conseqüentemente, passará a ter direito na propriedade. A indecisão de Henry em nomear o futuro herdeiro da residência traz metaforicamente uma mensagem muito significativa para o romance: ao dividir os bens da família entre seus filhos, o patriarca faz o seguinte questionamento: "quem herdará Howards

<sup>63</sup> "Miss Schlegel" his voice was firm "I have had you up on false pretences. I want to speak about a much more serious matter than a house" (FORSTER, 2012, p. 161).

<sup>64</sup> "She had written: "To my husband: I should like Miss Schlegel (Margaret) to have Howards End" (FORSTER, 2012, p. 93).

End?" sugerindo assim qual classe social irá herdar a Inglaterra. Encerra seu questionamento com a consumação do testamento de divisão de bens perante seus filhos.

E. M. Forster utiliza a Sra. Avery, empregada de Howards End, para enfatizar, em sua fala, que a residência seria entregue a Margaret: "você irá herdá-la" confirmando assim a posse do imóvel permanentemente a ela. Ao entrecruzar os caminhos entre os Wilcoxes e a família Schlegel, o autor concretiza sua epígrafe inicial *Only Connect* (Junte Apenas) entre duas classes sociais que possuem suas diferenças e peculiaridades. Além disso, o envolvimento de Helen e Leonard Bast também reflete outro ponto interessante no romance: a união entre as classes sociais e suas diferenças. Helen fica grávida de um jovem proletário, algo inconcebível em uma sociedade extremamente estratificada. Após o pedido de Margaret a Henry que permita com que Helen passe uma noite na residência e que posteriormente iria partir para a Alemanha. Por fim, Margaret coloca como exigência a posse de Howards End e abre mão dos seus demais direitos como esposa para dar uma garantia ao sobrinho que passa a viver juntamente com eles na residência.

### **2.2.1 Margaret Schlegel**

Margaret é a irmã mais velha e responsável por representar as Schlegels. Ela é comunicativa, simpática e cordial com as pessoas com quem lida diariamente. Margaret é bastante pragmática e racional, quando se trata de relacionamentos afetivos e resolução dos negócios da família. Ela foi responsável pela criação dos seus irmãos (Helen e Tibby), após a morte de seus pais, representando assim, a figura materna do lar.

Há uma cumplicidade entre ambas as irmãs que são extremamente unidas e sinceras uma com a outra. Margaret é a líder da família. Ela é quem vai até a residência dos Wilcoxes e busca amenizar as diferenças e conflitos entre eles quando sua irmã, Helen Schlegel, teve um envolvimento súbito com Paul Wilcox. Na ocasião, ela vai até o apartamento da senhora Ruth Wilcox, desculpar-se da carta constrangedora que enviou à matriarca. Todo o mal entendido entre os Wilcoxes e as Schlegels logo fica esclarecido. O apartamento da senhorita Matheson, localizado em frente ao apartamento das irmãs Schlegel, não representava uma afronta às irmãs.

A formação artística de Margaret Schlegel é baseada na cultura que todos os seus parentes tem acerca da Arte e Literatura. Ela revela-se uma leitora assídua de obras alemãs, influenciada pelo pai cuja ascendência era alemã. No teatro, ela, sua irmã e tia fazem críticas e

comentários sobre a apresentação e cita algumas obras de artistas alemães conhecidos, tais como *Fausto*, *Tosca* e *Tanhnouser ou Tannhoysen*.

A personalidade firme e organizada de Margaret faz alusão à representação da prosa em toda sua organização literária. Ela é constantemente criticada pela irmã por conta disso. Seu envolvimento com Henry é um dos motivos das críticas de Helen que não vê ligação alguma entre a irmã e o materialista Wilcox “[...] A questão é que há um grande abismo entre meus relacionamentos e os seus. O seu relacionamento foi romance; o meu será prosa [...]”<sup>65</sup> (FORSTER, 2012, p. 171).

Ela enxerga o amor de forma pragmática e racional, comparado com a noção de sua irmã. Ao comparar sua noção de amor com a prosa e a da irmã com a poesia, Margaret parece defender a ideia de que a poesia descreve uma visão romântica, abstrata e impulsiva quanto ao amor, enquanto a prosa é uma visão mais realista e trivial, calcada no cotidiano. Seu mundo é mais concreto e menos idealizado, ao passo que Helen representa um ideal romântico ao acreditar na integração entre dois mundos, a arte e a poesia, a integração de classes sociais diferentes, enquanto Margaret, após o casamento com Henry Wilcox, procura se adaptar às novas circunstâncias e valores, ao se distanciar da irmã e dos antigos ideais.

Margaret é uma personagem atenciosa e compreensível com todos que buscam a sua companhia. Ela fica fascinada com as lendas que Ruth Wilcox lhe conta acerca dos dentes de porcos, que estão encravados em uma árvore, como forma medicinal para cura de doenças. Posteriormente, ela mesma reconta essa lenda a Henry, seu futuro esposo, que fica surpreso com essa notícia “Oh, isso deve lhe interessar. Há dentes de porcos presos no tronco, aproximadamente 4 metros do chão. As pessoas do interior os colocavam aí anos atrás, e eles acreditam que se mascarem um pedaço da casca, ele curará a dor nos dentes”<sup>66</sup> (FORSTER, 2012, p. 68).

A sensibilidade da personagem Margaret é descrita nas entrelinhas do autor que a descreve como uma mulher sensível, meiga e atenciosa às coisas simples da vida, sugerindo, de alguma forma, uma relação com Ruth Wilcox. Há uma contínua conexão entre ela e a matriarca quando dialogam em sua residência (Howards End). Essa cumplicidade e amizade

---

<sup>65</sup> “[...] the point is that there is the widest gulf between my love running and yours; yours was romance mine will be prose [...]” (FORSTER, 2012, p. 171).

<sup>66</sup> “Oh, it might interest you. There are pig’s teeth stuck into the trunk, about four feet from the ground. The country people put them in long ago and they think that if they chew a piece of the bark, it will cure the toothache” (FORSTER, 2012, p. 68).

entre ambas é o fundamento principal para que Ruth tome a decisão de entregar sua residência quando se encontra em um leito de hospital.

Margaret é quem revela as dificuldades que sua família está passando à Ruth e compartilha um temor que vem assolando a todas. A revelação da perda de Wickham Place é vista como um terrível pesadelo, o qual traz uma grande incerteza sobre o futuro. Confiante e determinada, Margaret busca solucionar os problemas e entraves de forma rápida e tranquila. A procura por uma nova residência para morar torna-se o objetivo principal dela e de sua irmã, mesmo sem saber que foi o desejo de Ruth Wilcox que Howards End fosse entregue a ela.

A ligação entre ambas às famílias é fruto da simpatia e diálogos de Margaret Schlegel que aceita o pedido de casamento de Henry, após a morte de sua esposa: “Senhorita Schlegel [...] Eu lhe trouxe aqui com segundas intenções. Eu quero falar sobre algo muito mais sério do que uma casa”<sup>67</sup> (FORSTER, 2012 p. 161). Ao aceitar o convite, Margaret legitima sua felicidade com Henry mesmo sendo criticada por Helen, que não vê conexão alguma entre a irmã e seu noivo.

Margaret é uma personagem que se sensibiliza com as dificuldades dos cidadãos de classes baixas e busca ajudá-los constantemente. Ela é alvo de contínuas críticas que Henry faz quando observa Margaret se envolvendo em ações sociais ou mesmo amizade com pessoas de classe proletária, exortando e exigindo o afastamento o mais depressa possível. “você se comporta muito bem com as pessoas e então elas se impõe a você [...] você deve manter aquele tipo de gente a distância”<sup>68</sup> (FORSTER, 2012, p. 141).

Além disso, o casamento de Margaret e Henry causa revolta na família Wilcox. Para Charles e sua esposa Dolly, por exemplo, Margaret irá expulsá-los de Howards End, a partir do momento em que ela tomasse posse do imóvel, levando em conta que ela sempre teve esse intuito ao ludibriar Ruth, enquanto a matriarca estava viva. Isso fica bem claro quando Charles e Dolly dizem que não há espaço para armazenar objetos ou livros na residência, após Margaret perguntar se poderia alugar a residência. O interesse de Margaret pela residência

---

<sup>67</sup> “Miss Schlegel, his voice was firm: I have had you up here on false pretences. I want to speak about a much more serious matter than a house” (FORSTER, 2012, p. 61).

<sup>68</sup> “You behave too much well to people, and then they impose on you. [...] You must keep that type at a distance” (FORSTER, 2012, p. 141).

desperta a cólera de Dolly que se torna extremamente agressiva: “eu poderia simplesmente arrancar os olhos dessa mulher”<sup>69</sup> (FORSTER, 2012, p. 183).

Apesar da inconformidade de Charles e os demais membros dos Wilcoxes, Margaret torna-se a nova herdeira de Howards End, após várias tentativas frustrantes de Charles e Dolly. A personagem traz uma representação muito importante no romance, em ser responsável pelo entrecruzamento das famílias, unindo os aspectos materiais e intelectuais da classe inglesa.

### 2.2.2 Helen Schlegel

Helen Schlegel é a irmã mais jovem que busca viver a vida de forma mais intensa e liberal. Ela parece se apaixonar com facilidade, o que causa certos constrangimentos a sua família. No início do romance, Helen teve um súbito envolvimento com Paul que não perdurou muito. Ao contrário de Margaret, Helen não se preocupa com as consequências de seus relacionamentos e vive o momento, de acordo com uma filosofia romântica ao defender o enfrentamento das convenções sociais, tais como noção de decoro e etiqueta, sem falar da questão mais problemática do romance, a interação com classes sociais, menos abastadas, como os Bast.

Apesar de pertencer à classe média e possuir toda uma formação artística e literária, Helen mostra-se atenta às dificuldades que os proletários enfrentavam, e parecia constantemente preocupada com eles. Ela e sua irmã estão engajadas em movimentos sociais que visam dialogar, debater e promover reuniões, saraus e análise de obras literárias. Essas qualidades não foram valorizadas pelo clã dos Wilcoxes que visavam somente obter lucros financeiros.

Charles descreve bem isso quando insinua que Helen intencionava aplicar um golpe em seu irmão Paul: “eu advirto você: Paul não tem dinheiro algum; é inútil”<sup>70</sup> (FORSTER, 2012 p. 17). O embate entre ambas as famílias inicia-se com essas visíveis diferenças, pois os Wilcoxes são materialistas e não apreciam os mesmos gostos das irmãs. Helen é uma assídua leitora de obras literárias que dialoga sobre assuntos progressistas, assim como temáticas políticas e sociais. Paul, em contrapartida, é totalmente o contraste daquilo que ela buscava.

<sup>69</sup> “I could simply scratch the woman’s eyes out” (FORSTER, 2012, p. 183).

<sup>70</sup> “I warn you: Paul hasn’t a penny. it’s useless” (FORSTER, 2012, p. 17).

Ele é materialista e opta em seguir seu caminho às colônias e fazer fortuna assim como o seu pai fez administrando os negócios da família.

É a partir daí que Helen vê nitidamente um vazio na família dos Wilcox que não compartilham dos mesmos gostos e valores que as irmãs Schlegels:

De alguma forma, quando aquele tipo de homem olha assustado é terrível. É normal para nós ficarmos assustadas ou para homens que tenham outros tipos de pais, por exemplo. Mas para homens como aquele! Quando eu vi todos os outros tão plácidos e Paul aterrorizado [...] eu senti por um momento que todos os Wilcoxes eram uma fraude (FORSTER, 2012, p. 23).

Para ela, os relacionamentos são essenciais para se unificar todos os cidadãos, visto que sua concepção de vida baseia-se nos moldes sociais. Helen é uma personagem que analisa e acredita nas pessoas piamente, apesar disto ser o seu calcanhar de Aquiles. Ela acredita nos valores interpessoais como elemento capaz de unir toda a sociedade. Sentada à mesa, seu discurso enfatiza bem esse seu ponto de vista. “Eu me lembro do Paul no café da manhã,” disse Helen calmamente. “Eu nunca o esquecerei. Ele não tinha nada em que se apoiar. Eu sei que relações pessoais são a vida real, para sempre”<sup>71</sup> (FORSTER, 2012, p. 24).

Ao contrário de Paul, Helen reconhece em Leonard um homem diferente. Ele parece não ter medo de enfrentar as barreiras sociais que separam as famílias Schlegel e os Basts, assim como se interessa por arte, para além do mundo materialista dos Wilcox. Apesar da relação de Helen e Leonard ser súbita e proibida, ela não hesitou em se relacionar com ele e acaba tendo um filho como resultado desse relacionamento. Isso culmina no repúdio de Henry em deixá-la residir em Howards End posteriormente, por não admitir uma “mãe solteira” na casa que representa a memória da sua falecida esposa.

Esse relacionamento com Leonard trouxe um sentimento de culpa após Helen ter sugerido que ele deveria deixar seu trabalho na empresa Porphyryon. A consciência da jovem fica conturbada com a demissão de seu amigo que passa a sofrer constantes privações. Helen procura ajudá-lo entregando uma quantia de cinco mil libras esterlinas. Leonard recusa o dinheiro e perde contato com Helen Schlegel que, a essa altura, está grávida e mora com parentes na Alemanha.

---

<sup>71</sup> “I remember Paul at the breakfast,” said Helen quietly. “I shall never forget him. He had nothing to fall back upon. I know that personal relationships are the real life, forever and ever” (FORSTER, 2012, p. 24).

Ao compará-la com Margaret, percebe-se que Helen vem representar a poesia e sua conotação mais romântica, quando os ditames sociais não devem interferir no relacionamento entre duas pessoas. A própria tia Juley havia desaprovado os arroubos dela anteriormente quando se envolveu com um jovem chamado Carter. “ou se ela quisesse casar-se com o homem chamado Carter Paterson, eu teria dito o mesmo”<sup>72</sup> (FORSTER, 2012, p. 8). Helen não teme expressar seu ponto de vista e defender suas ideias junto aos homens. Ela contra-argumenta por várias vezes, discordando das opiniões de Henry que fica enfurecido. A própria ida ao casamento da filha do patriarca (Evie) reflete um pouco de sua personalidade voraz e destemida, pois ela foi justamente criticar Henry por ter dado uma péssima indicação a Leonard.

Nos derradeiros capítulos do romance, a jovem Helen Schlegel é excluída e criticada por Henry que proíbe sua permanência em Howards End. Por conta disso, Margaret decide abandoná-lo e permanece ao lado de sua irmã que está grávida. A decisão de Margaret em permanecer ao lado de sua irmã surge como um alerta ao seu esposo que vê seu matrimônio desmoronando. Margaret havia mostrado que ele cometeu uma transgressão pior quando era casado e que por isso, deveria perdoar Helen assim como ela o perdoou.

### 2.2.3 Theodore “Tibby” Schlegel

Tibby é caçula da família Schlegel e reside juntamente com suas irmãs em Wickham Place. Ele tem dezesseis anos de idade e leva uma vida sem responsabilidades, além de ser desinteressado com a sua formação profissional. Parece apático e deixa tudo a cargo das irmãs no que diz respeito a decisões domésticas e questões de etiqueta social.

Ao que parece, ele foge das responsabilidades diárias e passa a maior parte do tempo em casa, recluso sobre a proteção das suas irmãs e tia. Sua postura cômoda torna-se evidente, quando Margaret, questiona sua omissão, em recepcionar o convidado Leonard Bast “Por que você não recepcionou aquele jovem, Tibby? você precisa ser gentil um pouco sabia. Você deveria ter segurado seu chapéu e persuadido a parar, ao invés de deixá-lo inundado pelos gritos de mulheres”<sup>73</sup> (FORSTER, 2012, p. 39).

---

<sup>72</sup> “or if she had wanted to marry the man who calls for Carter Paterson, I should have said the same.” Then, with one of those turns that convinced her aunt that she was not a barren theorist [...]” (FORSTER, 2012, p. 8).

<sup>73</sup> “Why didn’t you make that young man welcome, Tibby? You must do the host a little, you know. You ought to have taken his hat and coaxed him into stopping, instead of letting him be swamped by screaming women” (FORSTER, 2012, p. 39).

O discurso da senhorita Schlegel é uma forte evidência de que Tibby parece estar acomodado com a vida que leva sem responsabilidades e um trabalho propriamente dito. Essa sua postura descompromissada é recorrente e suas irmãs já não esperam certas iniciativas dele, desejando que houvesse mais amadurecimento e responsabilidades em suas ações. “[...] Margaret, pensativa novamente, disse: "de certa forma" eu desejaria que nós tivéssemos um homem de verdade em casa. O tipo de homem que se importe com as responsabilidades de homens [...]”<sup>74</sup> (FORSTER, 2012, p. 39).

Parece contraditório que uma mulher como Margaret, que justamente luta por emancipação, afirme que desejaria ter um irmão que fosse “homem de verdade” ou que estabelecesse “responsabilidades” que poderiam ser divididas entre os três. Com a morte dos pais, Margaret parece ter assumido essa responsabilidade e a apatia de Tibby se dá, em função da agitação social, em que as irmãs vivem mulheres de personalidade forte.

Tibby não coopera até mesmo com simples atitudes como organizar a mesa para as refeições, deixando os talheres totalmente espalhados sobre a mesa e não recepcionando os convidados. Essa sua irresponsabilidade é motivo de constantes reclamações que suas irmãs fazem em casa. Margaret e Helen frequentemente o citam em relação a algum exemplo em que haja a omissão masculina em determinadas atividades. Ao que parece, ele age assim devido ser um adolescente ainda e, deixando de ser proativo nos afazeres de casa ou mesmo nos escolares, passa a depender exclusivamente de suas irmãs.

Para Margaret, a atmosfera de sua residência (Wickham Place) deveria ter um pouco da presença masculina, uma vez que, na maioria das residências, há o apoio dos homens nos afazeres domésticos. Essa cobrança é discutida entre todos da casa que questionam o irmão, criticando e exigindo que ele aja em certos momentos.

Apesar da omissão do rapaz em realizar certas atividades domésticas, Tibby é influenciado pela sua família que busca protegê-lo e instruí-lo acerca da mesma formação cultural que suas irmãs tiveram. Ele frequenta o teatro e ópera, acompanhando sua tia Munt e discutindo acerca da cultura alemã. Entretanto, com o surgimento das dificuldades das irmãs dele em conseguir um imóvel para alugar, Margaret passa a cobrar responsabilidades de seu irmão e mostra-lhe a real situação em que eles se encontram. Com a possível perda do imóvel (Wickham Place), Margaret não tem outra opção e passa a exigir que o jovem conclua os estudos a fim de ajudá-las: “Tibby, agora no segundo ano em Oxford, estava em férias da

---

<sup>74</sup> “[...] Margaret thoughtful again said in a way, I wish we had a real boy in the house. The kind of boy who cares for men [...]” (FORSTER, 2012, p. 39).



Páscoa e Margaret aproveitou a oportunidade para ter uma conversa séria com ele”<sup>75</sup> (FORSTER, 2012, p. 106).

O jovem, todavia, possui uma personalidade meiga e bondosa, assim como as de suas irmãs no tocante a pessoas de classe inferiores, contribuindo com as mesmas ações sociais que elas desenvolvem. Ele passa a ter um bom relacionamento com Leonard Bast, participando das reuniões e debates com suas irmãs. Ele segue os estudos em Oxford onde cursa o segundo ano e busca ter uma formação cultural bem consolidada, assim como suas irmãs. Ele defende as decisões de suas irmãs, apoiando e respeitando, independente se elas estejam certas ou erradas.

Durante a discussão com Charles sobre o envolvimento de Henry e Margaret, o jovem contra argumenta e defende as escolhas de sua irmã. Apesar de ser "aparentemente" contra o casamento dela com o patriarca Henry, não faz objeções e respeita sua decisão de casamento “Tibby, ao contrário, não tinha opinião. Ele permanecia acima das convenções: sua irmã tinha o direito de fazer o que ela julgasse ser correto [...]”<sup>76</sup> (FORSTER, 2012, p. 305). O discurso dele evidencia seu apoio e solidariedade a sua irmã mais velha, que foi responsável por sua criação há anos. O ingresso do jovem em Oxford traz um simbolismo muito importante ao romance; E. M. Forster parece estar mostrando a importância da educação no início do século XX, quando inicia uma inversão de papéis entre homens e mulheres. No caso, homens como Tibby reconhecem a liberdade de escolha das mulheres e não desejam impor os valores do patriarcado ao ser questionado por Charles, quando este afirma ser um absurdo que ele não faça nada para punir Leonard por ter engravidado (“sedutor” é a palavra utilizada até então) sua irmã. Há uma valorização da educação no país e o ingresso de Tibby na universidade parece estar assinalando que ele passará a ter mais responsabilidades.

### 2.3 Os Basts

O progresso na Inglaterra ocorreu em função da Revolução Industrial, quando o país passou a se industrializar, transformando-se em uma grande nação. Entretanto, durante esse processo de transformação, algumas esferas da sociedade não conseguiram acompanhar essas mudanças, e seu desenvolvimento passou a evoluir gradativamente nas áreas sociais,

---

<sup>75</sup> “Tibby, now in his second year at Oxford, was down for the Easter vacation, and Margaret took the opportunity of having a serious talk with him” (FORSTER, 2012, p. 106).

<sup>76</sup> “Tibby, on the other hand, had no opinions. He stood above the conventions: his sister had the right to do what she thought right [...]” (FORSTER, 2012, p. 305).

educacionais e políticas, apesar do maciço desenvolvimento industrial que acontecia em todo o país. A classe operária era constituída, em sua maioria, por trabalhadores manuais, tanto pelos que desempenhavam atividades no setor siderúrgico quanto os que trabalhavam em escritórios e lojas, conforme assinala Hobsbawm:

A Grã Bretanha era, antes de qualquer outra coisa, um país de trabalhadores. Calculando o tamanho das várias classes britânicas em 1867, R. Dudley Baxter estimou que mais de três quartos, ou 77%, dos 24.100.000 habitantes da Grã Bretanha pertenciam à "classe trabalhadora manual" e incluiu na classe média todos os empregados de escritório e auxiliares das oficinas, todos os lojistas, por menores que fossem seus estabelecimentos, todos os capazes e supervisores etc. (HOBSBAWM, 2009, p. 147).

Em *Howards End*, a classe proletária é representada por Leonard Bast. Leonard é jovem e trabalhador e vende seguros contra incêndio em uma empresa conhecida pelo nome de Porphyryon. Seu salário não é suficiente para se sustentar e como consequência, ele passa por constantes privações no decorrer do romance. Leonard reside com sua companheira Jacky em um pequeno cômodo simples e é constantemente cobrado por ela para cumprir sua promessa de casamento. Contudo, as dificuldades e entraves financeiros fazem com que Leonard postergue essa responsabilidade:

“Não quero que você me pergunte isso novamente” disse o rapaz, ardendo em uma súbita paixão. Eu prometi casar com você quando eu tiver maior idade e logo que eu complete vinte e um anos, e não posso ficar me preocupando. Eu tenho muitas preocupações. Não é provável que eu me livre de você, quanto mais minha palavra quando gastei todo esse dinheiro. Além disso, eu sou inglês, e eu nunca descumpro a minha palavra. Jacky seja sensata. Claro que casarei com você. Somente pare de me cobrar<sup>77</sup> (FORSTER, 2012, p. 49).

Leonard Bast representa o perfil dos cidadãos ingleses oriundos da classe proletária de seu país, que trabalhavam em escritórios, siderúrgicas e armazéns durante a década de 1910. E. M. Forster o utiliza para fazer um recorte da sociedade londrina dessa época e descreve detalhadamente as ânsias e entraves que a população enfrentava durante esse período em voga.

---

<sup>77</sup>“I can’t have you ask that again,” said the boy, flaring up into a sudden passion. “I’ve promised to marry you when I’m of age, and that’s enough. My word’s my word. I’ve promised to marry you as soon as ever I’m twenty-one, and I can’t keep on being worried. I’ve worried enough. It isn’t likely I’d throw you over, let alone my word, when I’ve spent all this money. Besides, I’m an Englishman, and I marry you. Only do stop badgering me” (FORSTER, 2012, p. 49).

Em relação à educação propriamente dita, a Inglaterra deixou muito a desejar com seus súditos, pois a Inglaterra, desde os primórdios da Revolução Industrial, não investiu na educação, visto que a grande preocupação da monarquia e classes dominantes era somente continuar a produzir lucros financeiros. Essa concepção continuou sendo repetida no final do século XIX e se estendeu até o início do século XX, quando começou a haver uma maior conscientização em decorrência do novo reinado na Inglaterra, conforme mostra Hobsbawm:

Não incluíria muitos daqueles que hoje são chamados intelectuais. Havia somente 2.148 escritores, redatores e jornalistas (eram 14.000 às vésperas da I Guerra Mundial), nenhum cientista classificado separadamente nessa categoria, e um número estático de professores universitários, pois a Grã-Bretanha vitoriana era uma sociedade inculta (HOBSBAWM, 2009, p. 151).

Essa falta de valorização na educação dos trabalhadores durante o final da Era Vitoriana culminou em uma concentração de pessoas com baixa escolaridade e pouca formação profissional. Muitos dos cidadãos que trabalhavam nas inúmeras siderúrgicas, fábricas ou comércio, não tinham alguma formação profissional e esse despreparo teve dois motivos básicos: primeiramente, os investimentos na formação dos proletários era praticamente nulo e os trabalhadores não tinham dispor de tempo hábil para se dedicarem ao aprendizado básico. Logo, essa problemática foi-se arrastando no decorrer dos anos até o início do século XX. O segundo fator deu-se devido à baixa renda destinada à classe proletária.

Apesar de haver uma regulamentação específica sobre as leis trabalhistas, a carga horária de cada funcionário ainda oscilava muito e sua correta distribuição variava entre acordos feitos com o empregador. Além disso, o baixo salário pago aos trabalhadores era outro problema crucial na sociedade. Como consequência, os proletários eram forçados a fazer empréstimos que se tornavam verdadeiras “bolas de neve, comprometendo assim a renda mensal da família.” Hobsbawm (2009, p. 153) estabelece: “No que toca à renda real, é provável que tenha parado de aumentar por volta de 1900, e em 1914 verifica-se uma estagnação perceptível [...] constituiu um período de inquietação trabalhista extremamente aguda.”

Além disso, a inflação dos preços era elevada demais e os vencimentos da classe baixa não eram reajustados, o que comprometia a qualidade de vida (alimentação) dos

trabalhadores. Ao final do mês, os baixos salários não eram suficientes para arcar com as despesas de toda a família, o que ocasionava privações de alimentos e comodidades no lar.

E. M. Forster descreve o perfil sociocultural da classe proletária quando relata a vida de Leonard Bast em *Howards End*. Para o autor, Leonard Bast define claramente a situação dos proletários de sua época no início dos anos de 1910, que enfrentam as dificuldades no trabalho, no lar e na vida social na Inglaterra. “[...] Leonard ficou imaginando se ele pagaria um bonde até quando um centavo o levasse ou se ele caminharia. Ele decidiu caminhar, não é bom ceder e ele já havia gastado muito dinheiro no *Queen’s Hall* (salão rainha)” (FORSTER, 2012, p. 44).<sup>78</sup>

Em relação à educação, a classe proletária buscava participar dos eventos no meio social, visitando os teatros e concertos que eram pontos de encontro das pessoas que apreciavam a cultura e a arte. Tanto a classe média quanto a baixa assistia a exposições teatrais e apresentações nos concertos de ópera, participando assim dos eventos que eram organizados. Contudo, a classe baixa não comparecia regularmente por conta do custo (valor do ingresso) que era cobrado e por conta dos baixos salários propriamente ditos. Logo, tais eventos recebiam, em sua maioria, pela classe alta.

No romance, E. M. Forster descreve que a rotina diária de Leonard e seu envolvimento com a arte quando frequenta o teatro e assiste a uma sinfonia de Beethoven. Para a personagem, o envolvimento com a arte o beneficiaria tanto culturalmente quanto profissionalmente, pois ela poderia oferecer projeção social posteriormente em sua carreira. Outro fato importante referente à classe proletária eram as condições de suas moradias. Com os baixos rendimentos dos cidadãos e as constantes despesas mensais da família, a população proletária via-se obrigada a residir em longínquas localidades, sem as menores condições de moradia e sem mobilidade social. A personagem descreve claramente essa situação deplorável em que viviam, em amontoados blocos de condomínios, que se estendiam pelas periferias sem proporcionar conforto algum:

Ele então parou novamente, e olhou curiosamente para a direita e para a esquerda, como um coelho que vai perfurar seu buraco. Um bloco de apartamentos construídos extremamente baratos e erguidos à mão. Adiante na rua dois outros blocos de apartamentos estavam sendo construídos, e adiante dessas construções uma casa velha estava sendo demolida para acomodar outra. Era esse o tipo de cenário que

---

<sup>78</sup> “[...] Leonard stood wondering whether he would take the tram as far as a penny would take him, or whether he would walk. He decided to walk--it is no good giving in, and he had spent enough money at Queen’s Hall” (FORSTER, 2012, p. 44).

pode ser observado por toda parte de Londres, quaisquer que sejam as localidades tijolos e argamassa surgindo e caindo com a inquietação da água em um chafariz, uma vez que a cidade recebia mais e mais homens sobre seu solo (FORSTER, 2012, p. 44).<sup>79</sup>

Adquirir uma residência era algo impossível de se obter devido ao alto custo imobiliário; e os aluguéis também eram inviáveis, uma vez que o valor era maior do que o salário do trabalhador. Com isso, muitos cidadãos não tinham outra saída, a não ser migrar para as zonas mais pobres do país em busca de aluguéis mais baixos, caso contrário seria impossível viver no centro londrino. A representação na citação acima faz uma simbólica alusão às adversidades que a população carente enfrentava diariamente, e a postura da personagem perpassa o sentimento coletivo da classe.

Ao dizer que Leonard olha para a direita e para a esquerda como um coelho rumo ao seu buraco, E. M. Forster expressa simbolicamente o sentimento de vergonha e inferioridade da população, que é obrigada a residir em habitações subumanas, sem a menor perspectiva de melhoria. Londres recebia vários imigrantes diariamente, oriundos de várias cidades da Europa em busca de trabalho e melhores condições de vida. Essa massa de imigrantes concentrava-se nas áreas mais pobres do país e, aos poucos, aumentavam a busca por trabalho no país.

Adiante, E. M. Forster descreve detalhadamente as condições em que Leonard Bast vive e faz uma minuciosa explanação da infraestrutura de sua residência e aspectos gerais da periferia onde ele reside, contextualizando assim a real situação da classe baixa:

A sala de estar continha, além da poltrona, duas outras cadeiras, um piano, uma mesa com três pés, e um aconchegante canto. Nas paredes, havia uma janela, e a outra ocupada com uma planejada prateleira içada com cupidos. Do lado oposto da janela fica a porta e ao lado da porta uma estante, enquanto sobre o piano há estendido uma das obras-primas de Maud Goodman (FORSTER, 2012, p. 46).<sup>80</sup>

<sup>79</sup> “Here he stopped again, and glanced suspiciously to right and left, like a rabbit that is going to bolt into its hole. A block of flats, constructed with extreme cheapness, towered on either hand. Farther down the road two more blocks were being built, and beyond these an old house was being demolished to accommodate another pair. It was the kind of scene that may be observed all over London, whatever the locality bricks and mortar rising and falling with the restlessness of the water in a fountain, as the city received more and more men upon her soil” (FORSTER, 2012, p. 44).

<sup>80</sup> “The sitting room contained, beside the armchair, two other chairs, a piano, a three-legged table, and a cosy corner. Of the walls, one was occupied by the window, the other by a draped mantelshelf bristling with Cupids. Opposite the window was the door, and beside the door a bookcase, while over the piano there extended one of the masterpieces of Maud Goodman” (FORSTER, 2012, p. 46).

A inflação também era um grande problema para os trabalhadores, pois, com o aumento dos preços e a estagnação do salário mensal, não era possível ter uma alimentação de qualidade ou investir em melhorias nas acomodações e a classe de trabalhadores aguardava um equilíbrio na inflação que assolava o país. Hobsbawm declara: “os tempos mais duros da Inglaterra Eduardiana prepararam o caminho para uma transformação mais geral [...]” (2009, p. 161).

Sem outra opção, os cidadãos mais simples buscavam a criatividade como forma de driblar a falta de recursos financeiros, e passaram a fazer pequenas benfeitorias em suas próprias residências como a fixação de prateleiras nos compartimentos internos garantiam uma melhor acomodação de objetos, livros e até mesmo mantimentos, já que as mobílias custavam muito. Além disso, algumas residências não continham equipamentos eletroeletrônicos e algumas não possuíam, inclusive, sistema de aquecimento interno, capaz de aquecer o interior durante o frio extremo, assim, o inverno tornava-se desagradável para os moradores que se encontravam em meio a essas adversidades. O aglomerado de apartamentos mal construídos descritos por E. M. Forster faz alusão ao típico estilo de vida no início de 1910.

Contudo, E. M. Forster deixa bem explícito que, apesar dos entraves e adversidades nessa época, a classe trabalhadora (proletários) buscava melhorias tanto profissional quanto cultural, e trabalhava arduamente com esse propósito. Leonard Bast traz esse fato quando diz a sua companheira que ele espera obter o crescimento intelectual e profissional através dos estudos de Literatura e Arte “eu vou te dizer outra coisa também. Eu me importo bastante em melhorar de vida por meio da Literatura e Arte de forma que eu tenha um prospecto melhor. Como exemplo disso, quando você entrou, eu estava lendo *As pedras de veneza*, de Ruskin [...]”<sup>81</sup> (FORSTER, 2012, p. 50).

A personagem havia presenciado a elegância e a sutileza das irmãs Schlegels, assim como sua independência e status social frente à sociedade. Para ele, nada seria mais importante do que deixar essa vida de inseguranças e hostilidade, e sua perseverança em ler poemas e recitar poesias, impressionam toda a família Schlegel: “[...] se ele tivesse uma

---

<sup>81</sup> “I will tell you another thing. I care a good deal about improving myself by means of Literature and Art, and so getting a wider outlook. For instance, when you came in I was reading Ruskin’s *Stones of Venice* [...]” (FORSTER, 2012, p. 50).

chance, mas ele é pobre. Ele vive uma vida, quando todo o dinheiro é capaz de conduzir em meio à futilidade e vestimentas [...]”<sup>82</sup> (FORSTER, 2012, p. 130).

Se não bastassem os baixos salários pagos aos trabalhadores da classe proletária, a população presenciava outro problema terrível: a péssima alimentação. As baixas taxas de natalidade, desemprego e muita instabilidade comercial nos anos que precediam a Primeira Guerra Mundial faziam com que os cidadãos levassem um estilo de vida frenético e agitado. Hobsbawm assinala “a habitação pública praticamente não existia. Em 1884, quando começam as estatísticas, cerca de 2000 libras esterlinas eram gastas para essa finalidade provenientes de taxas e empréstimos” (2009, p. 161). A preocupação com a instabilidade no emprego era uma constante, e muitos que eram demitidos findavam na pobreza extrema, uma vez que não havia planos assistenciais voltados aos desempregados. O aquecimento lento da economia no início do século XX aumentou o desemprego, tornando-se um verdadeiro pesadelo à classe proletária nesse período em voga.

A perda de um trabalho significava muito e os trabalhadores sabiam perfeitamente disso. “você não sabe o que diz”, disse ele. “eu nunca conseguirei um trabalho agora. Se as pessoas ricas falham em uma profissão, eles podem tentar outra. Mas eu não”<sup>83</sup> (FORSTER, 2012, p. 233). Leonard tinha consciência dessa dificuldade em conseguir trabalho em meio às instabilidades do comércio e a competitividade entre os inúmeros imigrantes, que chegavam ao país em busca de trabalho. O alto custo de vida e a instabilidade no comércio geravam temores nas famílias de trabalhadores e faziam com que eles vivessem uma incerteza dia após dia.

O historiador Hobsbawm (2009, p.153) descreve que, durante os anos de 1900 e 1914, a economia na Inglaterra passava por um momento de estagnação por conta dos eventos que sucediam à Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, o salário médio da população sofreu uma redução substancial e trouxe muita instabilidade ao comércio. Com a elevação do custo de vida, o controle de natalidade no país também foi afetado, o que gerou preocupação por parte do governo. O crescimento da população inglesa passou a depender menos das diferenças entre as taxas de mortalidade elevada e as taxas de natalidade que eram ainda maiores no país, o que resultaria em maiores taxas de mortalidade futuras. Esses dados são ilustrados pelo historiador:

---

<sup>82</sup> “[...] If he had a chance-- but he is so poor. He lives a life where all the money is apt to go on nonsense and clothes. [...]” (FORSTER, 2012, p. 130).

<sup>83</sup> “You don’t know what you’re talking about,” he said. “I shall never get work now. If rich people fail at one profession, they can try another. Not I [...]” (FORSTER, 2012, p. 233).

<b>Evolução da taxa de mortalidade (por 1.000 habitante)<sup>84</sup></b>			
<b>Anos</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Óbitos (de 0 a 1 ano de idade)</b>
1838-42	22,9	21,2	150,0
1858-62	22,8	21,0	149,4
1868-72	23,5	20,9	155,8
1878-82	21,5	19,1	142,2
1888- 92	20,2	17,9	145,6
1898- 1902	18,6	16,4	152,2
1908-12	15,1	13,3	111,8
1914	15,0	13,1	105,0

E. M. Forster registrou esse problema, que passou a preocupar toda a sociedade inglesa da época e os trouxe ao romance, mostrando assim sua preocupação com os eventos que aconteciam na década de 1910, conforme cita o autor:

‘Boa noite senhor Bast.’  
‘Boa noite senhor Cunningham.’  
‘Situação muito séria o declínio na taxa de natalidade em Manchester.’  
‘Perdão?’  
‘Situação muito séria o declínio na taxa de natalidade em Manchester’ repetiu o senhor Cunningham, batendo no jornal de Domingo, a qual a calamidade em questão tinha acabado de anunciá-lo.  
‘Ah, sim,’ disse Leonard, que não estava informado por não ter comprado o jornal de Domingo. ‘se esse tipo acontecimento continuar a população da Inglaterra estará estagnada em 1960.’ ‘Não diga isso, eu acho isso algo muito sério, não?’  
‘Boa noite senhor Cunningham.’ ‘boa noite senhor Leonard’<sup>85</sup>(FORSTER, 2012, p. 44).

<sup>84</sup> Dados baseados nos estudos do historiador Hobsbawn.

<sup>85</sup> “Evening, Mr. Bast” “Evening, Mr. Cunningham.” “very serious thing this decline of the birth-rate in Manchester,” repeated Mr. Cunningham, tapping the Sunday paper, in which the calamity in question has just been announced to him. “Ah, yes,” said Leonard, who was not going to let on that had not bought a Sunday paper. “If this kind of thing goes on the population of England will be stationary in 1960.” “you don’t say so.” “I call it a very serious thing, eh?” “Good evening Mr. Cunningham.” “Good evening, Mr. Bast.”



Nesse pequeno diálogo entre Leonard e um vizinho, fica evidente que Leonard está alheio à situação que ocorre na Inglaterra, por talvez ter se deslumbrado com o ambiente de requinte das irmãs Schlegel. Leonard acredita que pode esquecer “a realidade” enquanto discute sobre literatura e experiências estéticas e criativas com Margaret e Helen. Trata-se de uma tentativa de fuga, uma problemática de que a arte talvez seja reduzida a uma válvula de escape para fugir da realidade que ocorre em Manchester, por exemplo.

O Reino Unido certamente passava por momentos difíceis que abalavam não somente a economia do país, mas sacudia todos os alicerces da sociedade com constantes instabilidades e incertezas. Esses entraves descritos por Leonard Bast refletem a situação caótica que os trabalhadores enfrentavam nesse período de transição, conforme aponta a personagem. “[...] se eu pudesse ao menos conseguir um trabalho fixo. Então não seria tão ruim novamente [...]”<sup>86</sup> (FORSTER, 2012 p. 234).

A falta de um trabalho comprometeria toda a renda familiar e era vista como um pesadelo. Se compararmos a renda da família Wilcox com a dos proletários Bast (proletariado) perceberemos uma grande desvantagem.

Hobsbawm (2009, p. 155) afirma que, no início da década de 1900, o salário da população em média variava entre 18-21 xelins (semanais)<sup>87</sup> o que manteve a população proletária na extrema pobreza. Adiante, o autor destaca que no extremo da classe operária, 15% levavam uma vida de "conforto" para os padrões da época e seus rendimentos oscilavam entre duas ou mais libras por semana. Todavia, os demais assalariados com renda inferior viviam na extrema miséria e não conseguiam manter as despesas básicas na mesa.

Certamente, isso explica o fato de Leonard passar constantes privações em casa e no trabalho, sua alimentação era precária e tudo o que lhe restava era aguardar ajuda de amigos, como as irmãs Schlegels. Por outro lado, a classe média alta possuía uma renda suntuosa e

<sup>86</sup> “[...] If I could only get work--something regular to do. Then it wouldn't be so bad again. [...]”

<sup>87</sup> “Rowntee calculou o custo mínimo semanal de subsistência para um casal e três filhos em 21s. 8d. (1899) assim distribuídos.

Alimentação para marido e mulher 6s.

Alimentação para três crianças 6s. 9d.

Aluguel 4s.

Vestuário para adultos 1s.

Vestuário para crianças 1s. 3d.”

Combustível 1s. 10d.

Diversos (luz, artigos domésticos, sabão etc.)10d.

\* O alimento não incluía qualquer quantidade de carne de açougueira deliberadamente menos generoso que as dietas prescritas para mendigos válidos. Tal padrão de subsistência era, com efeito, o mínimo dos mínimos.

Fonte: “HOBBSAWM, Eric J. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro, editora Forense Universitária: Tradução Donaldson Magalhães Garschagen, 2009”.

permanente, o que E. M. Forster deixa bem explícito durante a conversa entre Margaret e Henry Wilcox, quando ela menciona a sua renda anual.

‘Mas quanto você tem?’  
 ‘O quê?’  
 ‘Quanto você ganha em um ano?’  
 ‘Eu ganho 600 libras.’ ‘minha renda?’  
 ‘Nós devemos começar sabendo quanto você tem, antes que possamos estabelecer quanto o Charles pode receber. Justiça e mesmo generosidade depende disso’<sup>88</sup> (FORSTER, 2012, p. 178).

Logo, somando-se todos os rendimentos anuais de Margaret e os compararmos com a renda média de Leonard, é possível ter uma melhor noção da desproporção financeira entre ambos. E. M. Forster entrecruza os caminhos de Leonard com as irmãs Schlegels com esse intuito inicial. O autor faz uma singela explanação sobre a classe média alta nos capítulos iniciais de *Howards End* (capítulos 1- 5), introduzindo assim ambas as famílias que, a priori, considera-se terem as mesmas equiparações sociais. Por conseguinte, os Basts entram em cena e as participações deles são fundamentais para que a abordagem entre ambas as classes descritas anteriormente se contrastem no âmbito social, financeiro e profissional.

No término do romance, Leonard é assassinado acidentalmente por Charles, uma vez que o primogênito dos Wilcoxes deseja punir o “sedutor” de Helen, por estar grávida, quando as irmãs estão em Howards End. Leonard resolve ir à propriedade para pedir perdão para Margaret por ter se envolvido com Helen. O narrador dá a entender que ele sofre de um problema cardíaco, agravado por sua péssima condição de vida, sobretudo alimentação. Charles o agride com uma espada e Leonard tenta se segurar em uma estante, com os livros caindo sobre ele.

Essa ironia é interessante, pois Leonard morre com os livros que tanto amava ler, não alcançando o seu desejo de ascender socialmente e ter acesso aos mesmos bens culturais que as Schlegels, a não ser quando morre sob uma estante de livros. Com a morte de Leonard, Charles, por mais que a morte tenha sido acidental, é condenado à prisão por homicídio culposo. Nesse ponto, o narrador é também irônico ao afirmar que, independentemente da superioridade social de Charles Wilcox, ele seria punido por leis rígidas, criadas e defendidas justamente por pessoas como ele.

---

<sup>88</sup> “but how much have you got?” “what?” “How much have you a year? I’ve six hundred” “my income?” “yes. We must begin with how much you have, before we can settle how much you can give Charles. Justice and even generosity depend on that” (FORSTER, 2012, p. 178).

Esse fato desencadeia inúmeras reações, desconstruindo a conexão entre as personagens e oferecendo outros caminhos. Margaret acredita ser incapaz de conciliar seu casamento com Henry, uma vez que decide morar com Helen na Alemanha, onde a irmã não será julgada por sua gravidez. Henry, por fim, reconhece seus erros e pede que Margaret reconsidere essa decisão, uma vez que o filho irá para a cadeia e a família Wilcox sofrerá as consequências dos seus atos.

A interferência dos Basts é importante para mostrar que, independentemente da classe social, rica ou proletária, todos estariam interligados, de modo que o romance termina com Howards End sendo transferida para Margaret, onde ela, Henry e Helen irão morar com o filho de Leonard. Dolly ressalta a ironia presente em todo o romance, quando Henry deixa a residência como herança para Margaret, até então ignorante do desejo de Ruth Wilcox de doar a casa para a amiga. Sendo assim, as personagens acabam interligadas, mesmo contrariando as diferenças de classe, culturais e afins, reforçando a epígrafe *Junte Apenas* do romance, quando as diferenças devem ser superadas a partir da igualdade de direitos entre classes e pessoas distintas.

## CAPÍTULO III

### **HOWARDS END: ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA E RELEITURA**

#### **3.1 E. M. Forster e James Ivory: uma parceria artística**

O cineasta James Francis Ivory (1928-) foi responsável por fazer as adaptações cinematográficas de alguns dos romances de E. M. Forster, os quais se tornaram grandes sucessos nas telas do cinema. O premiado realizador de cinema norte-americano tornou-se mundialmente conhecido, após colaborar com a *Merchant Ivory Productions* responsável pelas adaptações dos romances do autor para o cinema.

James Ivory trabalhou com o produtor indiano Ismail Merchant, e a roteirista Ruth Prawer Jhabvala, os quais venceram seis Oscars. Dentre as produções de Merchant dirigidas por James Ivory e roteirizadas por Jhabvala, destacaram-se os respectivos romances: *Howards End*, *A room with a view* e *Maurice*, trazendo para as telas do cinema essas obras que se tornaram clássicos da literatura do século XX. James Ivory recebeu três indicações ao Oscar por realizar esses filmes, adaptando-os ao contexto legítimo do romance.

James Ivory também foi indicado a oito premiações, incluindo melhor direção, adaptação e roteiro, tornando-se assim um grande realizador de filmes. Seu sucesso surge desde 1961, quando ele passou a realizar grandes filmes, especializando-se em adaptação de obras literárias para o cinema como *The householder* (1963), *Shakespeare wallah* (1985), *Savages* (1972), *The wild party* (1975), *The europeans* (1979), adaptação de um romance de Henry James) e *Heat and dust* (1983), dentre outros.

Nascido nos Estados Unidos, James Ivory é tido como o cineasta norte-americano mais britânico, pois parece ser especialista em adaptar obras literárias e reproduzir filmes de época. Por outro lado, ele também é criticado por ser um cineasta mais acadêmico e convencional, ou seja, do ponto de vista estético, Ivory procuraria uma fidelidade ao texto literário que terminaria em enquadramentos (o uso da câmera) e a busca por preservar a essência do texto em detrimento de uma ousadia maior em termos de linguagem cinematográfica. Em outras palavras, o texto não seria pretexto para o filme e sim uma tentativa de criar um “cinema literário”, retomando a tradição de uma linguagem imagética.

Segundo Ismael Xavier, em *O olhar e a cena*<sup>89</sup>, o cinema teria uma ligação profunda com o teatro, afinal, essa ligação “resulta de um processo em que intervêm não as mediações que estão na esfera do olhar que produz a imagem, mas também aquelas presentes na esfera do olhar que as recebe. Este não é inerte, pois, armado, participa do jogo” (XAVIER, 2003, p. 35), que jamais deixaria de ser teatral. O autor descreve o cinema, tendo como fonte o melodrama, puramente teatral, de modo que Ruth Praver Jhabvala, a roteirista de *Howards End*, possuiria um senso de teatro e espaço ao conceber um roteiro que valoriza os diálogos das personagens, uma reprodução exata e uma seleção de cenas que permitem um encadeamento dramático das ações.

Sendo assim, seria difícil dissociar o diretor da roteirista e seu produtor. Ismail Merchant e James Ivory se conheceram em 1959, tornando-se parceiros tanto no campo profissional, assim como companheiros. Fundaram a já referida produtora *Merchant Ivory Productions* em 1961. Até a morte de Merchant em 2005, eles produziram mais de quarenta filmes, sendo muitos deles roteirizados por Ruth Praver Jhabvala.<sup>90</sup>

Quanto aos trabalhos adaptados dos romances de E. M. Forster, sua primeira produção foi em *A room with a view*, a qual descreve a vida simples em uma pacata cidade na Itália. Helena Bonham Carter, atriz que representa a personagem Lucy Honeychurch, e a personagem Helen Schlegel em *Howards End*. O cineasta manteve os mesmos atores nas outras produções de E. M. Forster, dando continuidade a esses grandes sucessos.

Esses três filmes foram responsáveis pelos números recordes de vendas nos cinemas nos Estados Unidos nos anos de lançamento, assim como garantia de premiações como o Oscar, Globo de Ouro, Festival de Cannes, BAFTA, dentre outros. Suas adaptações fazem um recorte fiel da narrativa dos romances, criando assim, legitimidade e semelhança aos trabalhos do escritor.

Quanto às adaptações cinematográficas do cinema, Ailson assinala que

a nostálgica reconstituição de época de filmes como exemplo: *Uma janela para o amor* (1985), da profícua produtora Merchant Ivory abriu espaço para a reflexão sobre a autenticidade e, conseqüentemente, a fidedignidade tanto no que tange às adaptações fílmicas, quanto ao passado inglês (AILSON, 2011, p.5).

<sup>89</sup> “XAVIER, Ismael. *O Olhar e a Cena*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 35”.

<sup>90</sup> Disponível em: <http://www.filmreference.com/film/51/James-Ivory.html>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2015.

Logo, percebe-se que as produções do diretor, ao utilizar o figurino, roteiro e trajes das personagens, reconstituem a típica vida dos vilarejos na Inglaterra, no início do século XX, o que facilita a compreensão do romance pelo leitor. Essas adaptações definem, nas telas, a noção real do estilo de vida de época, adaptado ao cinema e aos moldes da sociedade em questão. Cabe ainda ressaltar que Ailson Lemos (2012, p. 3) assinala que, no início da década de 1990, James Ivory, em sua longa parceria com o produtor Ismail Merchant e com a roteirista Ruth Praver Jhabvala, escreveu mais um romance de E. M. Forster para as telas. *Retorno a Howards End* (1992) [*Howards End* no original], é talvez a adaptação da obra de E. M. Forster que alcançou maior projeção de público e crítica, como resultado dos prêmios recebidos da Academia de Artes e Ciências de Hollywood. Sem sombra de dúvidas, James Ivory traz em sua adaptação de *Howards End*, um grande sucesso literário para as telas do cinema mundial, pois contextualiza todo o teor de sua narrativa.

### 3.2 Uma análise comparativa entre obra e o filme

O romance *Howards End*, de E. M. Forster descreve a história de três famílias, Os Wilcoxes, as irmãs Schlegels e os Basts, representando assim as respectivas classes sociais inglesas no início do século XX. A casa representa uma metonímia da Inglaterra e as personagens fazem alusão às respectivas classes sociais da época.

De fato, *Howards End* é considerado como o grande trabalho do autor que o consagrou como um dos grandes escritores do século XX. Aliás, vale ressaltar que a descrição da casa de campo faz alusão à antiga residência de E. M. Forster, quando era um adolescente. Frank afirma que:

Logo após o seu quarto aniversário, Forster e sua mãe se mudaram para Rooksnest, uma residência agradável próximo de Stevenage in Hertfordshire, Norte da Inglaterra. Naquela época, Stevenage era uma pequena cidade comercial circundada por campos e fazendas, e nesse tranquilo ambiente rural Forster parece ter tido uma adolescência segura e feliz. (a própria casa posteriormente passou a ser retratada como *Howards End*)<sup>91</sup> (FRANK, 2007, p.10).

---

<sup>91</sup> “Soon after his fourth birthday, Forster and his mother moved to Rooksnest, a pleasant house near Stevenage in Hertfordshire, North of England. At that time, Stevenage was a small market town surrounded by fields and farms, and in this peaceful, rural surroundings Forster seems to have spent a happy and secure childhood” (FRANK, 2007, p. 10).

E. M. Forster escreveu o romance, baseando-se em tudo aquilo que observou quando era um rapaz e transpõe alguns fatos e eventos que presenciou em tenra idade para a narrativa de *Howards End*. No romance, o clã dos Wilcoxes que representa a classe burguesa da época de 1910. Eles são ricos, articulados e extremamente materialistas. Aliás, esse é um traço distinto dele, pois colocam os negócios acima da própria felicidade.

Henry Wilcox, representado pelo ator Anthony Hopkins, é o líder majoritário da família. É ele quem decide qual dos filhos vai administrar os negócios no exterior (colônias) ou quem gerencia as diversas residências espalhadas por toda Inglaterra. As propriedades dos Wilcoxes têm uma significação muito peculiar ao romance, elas representam as colônias ocupadas pela Inglaterra. Outra possível interpretação é que esses vários imóveis representam a riqueza propriamente dita que a família tem e sua principal fonte de renda, pois certamente eles as alugavam. O clã dos Wilcoxes encontra-se na Alemanha, passando as férias quando conhece as irmãs no país. Helen Schlegel (Helena Bonham Carter) e Margaret Schlegel (Emma Thompson) são convidadas por Henry para passar suas férias com eles em *Howards End*. Entretanto, somente Helen aceita o convite, pois Margaret está prestando cuidados ao irmão mais novo que está acometido de uma enfermidade.

O filme faz uma adaptação dos detalhes descritos no romance e enriquece o enredo através do roteiro seguido pelos atores. O relacionamento entre Helen e Paul não é bem sucedido no prólogo da história e o casal decide romper esse súbito namoro por conta do apego de Paul ao dinheiro. Nesse momento, a jovem Schlegel percebe que os Wilcoxes são pessoas vazias e materialistas, conforme ela mesma cita na obra mais adiante.

Paul (Joseph Bennett) decide fazer sua fortuna nas colônias e dá continuidade aos negócios de seus pais na Nigéria. Essa prática lucrativa, que era desenvolvida pela Inglaterra, ainda perdurava até o início do século XX, subtraindo as riquezas dos países colonizados e enriquecendo o país colonizador. No filme, isso se torna evidente quando Paul e sua família conversam a respeito da sua viagem ao exterior.

A adaptação cinematográfica de James Ivory descreve visivelmente o estilo de vida da sociedade Eduardiana, quando seus protagonistas vestem roupas da época, tais como: paletó, chapéus e vestidos longos. As vestes das personagens, tia Juley (Prunella Scales) e Charles (James Wilby), no início do romance, mostram a caracterização perfeita desta época, ilustrando o estilo que definia a sociedade, pois suas roupas são sóbrias, destituídas de cores e em tom pastel, como ainda pregava o vestuário da Era Vitoriana. É interessante observar que os figurinistas Jenny Beavan e John Bright têm uma preocupação em distinguir os Wilcox das

Schlegel, pois as irmãs parecem usar roupas mais leves e diversificadas em textura e cor, justamente por representarem uma oposição a um estilo mais sóbrio e austero.

A câmera de James Ivory aproveita toda a possibilidade de representação do período, a partir da escolha de casas e propriedades extremamente preservadas em Londres e no interior da Inglaterra. Algumas das estações londrinas, como a St. Pancras e a da Hilton Railway, em Worcerstershire, são bem utilizadas pela direção de arte. Os responsáveis pela cenografia e direção de arte, Luciana Arrighi e Ian Whittaker, premiados com o Oscar, utilizam várias cidades interioranas inglesas para mostrar esse contraste entre o urbano e o rural, uma oposição que interessava bastante a E. M. Forster, assim como para alguns personagens de *Howards End*.

O roteiro de Ruth Praver Jhabvala busca reproduzir o encadeamento do enredo proposto pelo romance, ao fazer poucas alterações na ordem cronológica das ações. Chega a reproduzir o diálogo de algumas personagens na íntegra como se estivesse no romance. A adaptação, nesse caso, parece buscar sintetizar a narrativa para que o espectador não perca a essência do romance, sendo capaz de ser convertida em imagem, adaptada para a linguagem cinematográfica em um subgênero chamado “filme de época”.

Os filmes de época aparentemente possuem esse aspecto requintado e elegante para o espectador contemporâneo, afinal, eles parecem reproduzir uma visão de mundo nostálgico e distante. Aparentemente, essa estética pode acabar por se aproximar de um arquétipo de um mundo idealizado em perfeita harmonia, embora E. M. Forster procure, em *Howards End*, mostrar justamente o contrário. No romance, esse mundo parece estar em colapso e em constante transformação. Cabe a James Ivory buscar enquadramentos e editar o filme, tentando acompanhar a narrativa, como se fosse o mover da locomotiva de um trem. A trilha sonora de Richard Robbins busca marcar esse compasso, quando o filme dialoga com aspectos sugeridos pelo texto e seus contrapontos: a movimentação das personagens entre uma estação de trem e viagens, o barulho de Londres e o aspecto bucólico do campo.

Quando tia Juley vai a *Howards End* tentar impedir o relacionamento prematuro de sua sobrinha e, no caminho, confunde Charles com Paul. A música de Richard Robbins é precisa em descrever a confusão criada pelos telegramas, à música, a chegada e partida de trens, por exemplo. Essa confusão propicia a insatisfação de senhora Juley ao ver sua sobrinha ser desdenhada por Charles. Ao chegarem à residência, em meio a uma acalorada confusão, a senhora Ruth (Vanessa Redgrave) intervém entre o conflito e solicita que todos se acalmem.



Ao contrário do romance, o filme de James Ivory inicia com Ruth Wilcox (Vanessa Redgrave) passeando ao redor de *Howards End*, com uma música bem calma, enquanto o romance de Helen e Paul acontece na casa. Sabemos que o romance começa com o narrador apresentando os telegramas trocados entre as irmãs, mas isso ocorre logo em seguida, pois o diretor parece estabelecer que o conflito instaura-se a partir da propriedade como se *Howards End* fosse uma personagem tanto no romance, quanto no filme.

A partir daí, no capítulo V, a família Schlegels encontra-se reunida em um concerto de ópera, onde assiste a uma sinfonia de Beethoven. O envolvimento delas com grupos teatrais e concertos de ópera reflete o estilo de vida intelectual que elas têm e evidencia assim a boa educação que tiveram desde tenra idade. Ambas as irmãs são filhas de um professor universitário alemão que, apesar de ter morrido muito cedo, certamente investiu nos estudos de suas filhas, deixando-lhes aplicações financeiras para que pudessem viver tranquilamente.

Em um determinado momento da apresentação, Helen Schlegel decide ir embora do teatro e acidentalmente leva o guarda-chuva de Leonard Bast. E. M. Forster entrecruza os caminhos de ambas as famílias por meio deste simples equívoco e busca assim introduzir o terceiro grupo familiar do romance, os Basts. Após o término do concerto, Leonard (Samuel West) vai até a residência das irmãs a fim de recuperar seu pertence. O jovem é recebido pelas irmãs que pedem desculpas pelo ocorrido e o convidam a tomar chá numa outra ocasião. Elas passam a ser solícitas e solidárias as suas adversidades enfrentadas diariamente.

Como de costume, E. M. Forster atribui sua crítica social contra a sociedade que inviabiliza os direitos de igualdade dos proletários e restringe-lhes a dignidade merecida. Para o autor, expor as mazelas da sociedade e propor soluções que favoreçam os desfavorecidos foi sempre bandeiras que ele acenou em praticamente todos os seus romances. Segundo Turner (2000) deixa bem claro sua indignação contra a exploração dos proletários quando diz:

Ao discursar para um público na BBC em 1946 sobre o tema “desafios de nosso tempo” Forster ressaltou com sinceridade e ironia um dilema que ele sentiu sutilmente e assumidamente: Sua tentativa de reconciliar da “nova economia” com a “velha moralidade” que ele afirma estar desaparecendo a qual deveria permanecer tão indispensável para ele nos anos vindouros<sup>92</sup> (TURNER, 2004, p. 328).

---

<sup>92</sup> “Speaking to a BBC audience in 1946 on the top of the “Challenger of Our Time,” Forster addressed with candor and typical irony a dilemma that he felt keenly and unapologetically: His attempt to reconcile the ubiquity of the “New Economy” with the “Old Morality” that he felt it was disappearing and which was to remain so indispensable to him in later years” (TURNER, 2004, p. 328).

Apesar da ínfima posição social da personagem Leonard e de seu baixo nível cultural, as irmãs Schlegel pedem ao rapaz que passe a visitá-las, buscando assim socializar-se com ele. Analisando a personalidade delas, percebe-se que há visivelmente traços humanitários do autor que as utiliza a fim de transmitir sua mensagem de conexão. E. M. Forster parece estar fazendo um convite à socialização geral de uma sociedade que se encontra alicerçada no materialismo e egocentrismo.

Ao deixar Wickham Place, Leonard Bast segue em direção a sua simples residência na periferia da Londres. A partir daí, E. M. Forster descreve os detalhes de sua habitação e faz um recorte panorâmico das residências desses trabalhadores. De igual modo, James Ivory reconstitui o ambiente familiar de Leonard. Sua residência é simples e não possui muitos cômodos. Apresentando todos os detalhes da casa da personagem em sua adaptação cinematográfica. Ao retornar à Rua Camélia, ele cruza um bairro distante e mal iluminado, representando assim o lado desfavorecido da cidade, onde habitam as famílias de classe baixa.

Além disso, Leonard Bast dificilmente tem condições de manter uma boa alimentação. Devido a isso, ele passa constantes necessidades. Os detalhes da mobília de sua sala, as cortinas velhas e o sofá quebrado ilustram o arquétipo perfeito das residências dessa classe social. Leonard reside em uma área próxima às linhas férreas, simbolizando assim os cidadãos que residem em áreas desprivilegiadas do país, pois é sabido que as casas próximas às estações são mais baratas por conta das desvantagens como barulho dos trens e trânsito de passageiros.

Apesar de ter uma vida precária e não ter um futuro certo, Leonard busca ler grandes obras da literatura inglesa e lê poesia a fim de tornar-se tão culto quanto as irmãs Schlegels. Há um grande vão que separa ambos os ricos e proletários na sociedade e o entrecruzamento deles traz esse simbolismo ao romance. Leonard percebe que está diante de mulheres cultas e intelectuais que participam de grupos de saraus e debates políticos. O desejo dele em aprimorar sua educação lendo poesia mostra assim o desejo da classe em ascender profissionalmente.

E. M. Forster apropria-se do realismo social ao abordar aspectos vividos no dia a dia da sociedade e os transpõe ao enredo de *Howards End*. Isso quer dizer que os elementos descritos pelo autor em sua narrativa são imprescindíveis para enfatizar o diálogo das personagens e ligá-los aos fatos da época. Thom Chesney (1998, p. 36) afirma que: “Novamente E. M. Forster reforça que o realismo e a suspensão da descrença tão presente no

romance bem sucedido são igualmente elementos cruciais para uma apresentação bem sucedida”<sup>93</sup>.

Logo, para o autor, apresentar fatos e contextualizá-los é necessário para recriar o ambiente ficcional mais evidente no romance. Para tanto, E. M. Forster descreve as dificuldades e entraves impostos à vida de Leonard Bast que passa a ser assistido pelas Schlegls. Ao entrecruzar as vidas dessas personagens, o autor apresenta fatos ocorridos na época em voga, enfatizando o contexto narrativo. Leonard está diante de mulheres que erguem a bandeira do socialismo em prol das desigualdades sociais. Segundo AGUIAR e SILVA (2014) assinalam:

de acordo com a sociedade estratificada, a Inglaterra descrita no romance, como qualquer economia capitalista, expressa a discriminação social entre a classe dominante e dominada. Além das dificuldades de se conseguir um trabalho e a necessidade de mantê-lo dia após dia, o socialismo entre a classe rica e trabalhadora não era muito bem aceito. O exemplo disso, a personagem Henry Wilcox faz uma boa ilustração no romance [...] (SILVA e AGUIAR, 2014, p. 211).

Por conta desses fatores lastimáveis, E. M. Forster parece questionar a estrutura que surge na sociedade e que separa os ricos e proletários, tornando-os classes antagônicas em todas as suas peculiaridades. Para E. M. Forster, os aspectos humanitários eram fundamentais para construir uma sociedade com valores igualitários que favorecessem todos os cidadãos de igual modo. No âmbito social, há uma grande preocupação por parte do autor com a classe desprovida na sociedade. A Inglaterra é marcada por lutas de classes sociais que retomam as páginas da História desse país e que apontam as contínuas lutas dos cidadãos por melhores condições trabalhistas e sociais de épocas passadas.

Referentemente aos aspectos sociais e às constantes insatisfações dos trabalhadores ingleses, Edward Thompson assinala que:

nos anos entre 1780 e 1832, os trabalhadores ingleses, em sua maioria, vieram a sentir uma identidade de interesses entre si, e contra seus dirigentes e empregadores. Essa classe dirigente estava ela própria, muito dividida, e de fato só conseguiu maior coesão nesses mesmos anos porque certos antagonismos se dissolveram (ou se tornaram relativamente insignificantes) diante de uma classe operária insurgente. Portanto, a presença operária foi, em 1832, o fator mais significativo da vida política britânica (THOMPSON, 2011, p. 13).

---

<sup>93</sup> “Again Forster reinforces his position that realism and suspension of disbelief so present in the successful novel are equally crucial elements to a successful dramatic performance” (CHESNEY, 1998, p. 36).

Percebe-se que esses conflitos envolvendo trabalhadores já eram citados em décadas passadas e que fazem parte da história desse país, o qual tinha um fluxo imigratório bastante competitivo. O entrecruzamento entre classes sociais descritas por E. M. Forster em *Howards End* define, claramente, essa importante fase política e social que o país vive, na década de 1910, e que eram recorrentes no passado, os conflitos entre proletários e cidadãos de classe média eram motivos de constantes discordâncias entre eles. Nessa época, a regularização nos direitos trabalhistas passava por transformações, fazendo com que os proletários enfrentassem resistência e dificuldades para conseguirem alguns privilégios.

Logo, nota-se que o autor tece uma crítica quando introduz as irmãs Schlegels e a pré-disposição delas em defender essas temáticas sociais. Em *Howards End*, ele define claramente dois pontos em questão: primeiramente faz um recorte da atual situação da classe operária (proletariado) que almeja se inserir no meio cultural de igual modo aos membros de classe média por meio da cultura e da arte. “Eu te direi outra coisa também. Eu me preocupo muito em melhorar por meio da literatura e arte e assim ter uma melhor posição”<sup>94</sup> (FORSTER, 2012, p. 50).

Em um segundo momento, uma crítica contra o atual sistema trabalhista no país durante sua época. Os operários ainda eram vistos como “ferramenta de trabalho”, apesar de terem alguns direitos trabalhistas assegurados. Os proletários eram vistos pelos cidadãos da burguesia como meros cidadãos que lutavam pela subsistência própria e que desempenhavam atividades do cotidiano, apesar de haver um esforço por parte de alguns cidadãos que buscavam o socialismo e a ruptura nos ditames sociais, no início do século XX.

A descrição do cotidiano da vida dos Wilcoxes e a súbita mudança deles para um apartamento defronte do bloco de apartamentos das Schlegels mostram a pré-disposição de união entre eles nos capítulos seguintes. Essa concatenação de fatos e acontecimentos ocorridos entre ambas as famílias ocorre quando a senhora Ruth redige uma carta à Margaret dizendo que gostaria de encontrá-la. Todavia, Margaret em contrapartida, responde a carta de forma áspera e diz ser desnecessário o encontro, visto ter ocorrido um constrangimento com sua irmã Helen. Contudo, Ruth define sua carta como uma tentativa de afirmar que súbita mudança deles para as proximidades de Wickham Place não simbolizava uma afronta.

---

<sup>94</sup> “I’ll tell you another thing too. I care a good deal about improving myself by means of Literature and Art, and so getting a wider outlook” (FORSTER, 2012, p. 50).

Margaret percebe o equívoco que cometeu e vai até a residência da matriarca a fim de pedir desculpas. É nesse momento que o autor busca apresentar ao leitor as necessidades e entraves de ambas as famílias, assim como expõe suas características e personalidades. Elas tornam-se amigas e dialogam por várias horas, no primeiro encontro. Margaret diz que seu apartamento será demolido e que terá que se mudar em breve. Esse fato assusta a matriarca Ruth, uma vez que para ela, a residência simboliza a identidade de uma família. Logo, as irmãs não poderiam ficar sem seu imóvel, onde nasceram. É nesse momento que Ruth faz o convite para Margaret conhecer *Howards End*.

O cenário interiorano da Inglaterra é apresentado ao leitor nesse momento, pois ambas as personagens viajam ao interior do país para visitarem a residência de campo. No filme, a ida delas ao interior da Inglaterra faz um recorte do período Pós-Vitoriano, quando o progresso das máquinas a vapor se desenvolve no país, contribuindo com a distribuição de mercadorias por todo o Reino Unido.

As filmagens cinematográficas de James Ivory no país e as imagens da casa de campo trazem para as telas do cinema o reflexo perfeito das residências interioranas na Inglaterra. O cineasta mostra a calma e tranquilidade quando apresenta as filmagens das folhas das árvores sendo carregadas pelo vento. As cercas de madeira por toda a propriedade, as inúmeras árvores floridas que embelezam o quintal e os detalhes da casa são elementos que enfatizam a vida calma de lá.

Ruth Wilcox apresenta sua residência a sua nova amiga e mostra o local que herdou de geração a geração. Os dentes de porcos cravados nos troncos de uma específica árvore, o próprio local em si, perpassam a crença da personagem nas histórias e lendas contadas pelos antepassados. A matriarca representa a tradição e costumes repassados de família a família, continuado um ciclo hereditário entre os familiares. Tudo isso encantou Margaret que via em Ruth a beleza de uma mulher simples e agradável. Tal admiração foi tanta que ela decide oferecer um almoço a ela em sua residência e decide reunir amigos para realizar tal evento.

Em Wickham Place, no dia do almoço, Ruth Wilcox é surpreendida por vários questionamentos durante a reunião. A questão é que os próprios convidados de Margaret pedem à convidada que defina a beleza alemã em suas próprias palavras. Esse momento é oportuno para que o autor apresente um elemento muito importante ao romance: o ódio que cresce a cada dia entre os cidadãos ingleses e alemães. Ora, há uma grande tensão entre ambos os países em detrimento a uma iminente guerra entre essas nações. Sentados à mesa, Margaret (alemã) e Ruth (inglesa) representam essas respectivas nacionalidades e suas

diferenças. Além dessa metáfora, os diálogos das personagens definem o lado humanista do autor.

Ruth é questionada sobre a estética alemã e os convidados esperam seu ponto de vista sobre essa temática, visto ser ela uma senhora que pertence à classe aristocrata. Para eles, ela detém uma formação, já que convive na mesma camada social que eles frequentam. É nesse momento que ela surpreende a todos quando diz que prefere deixar as opiniões e decisões aos homens. Além disso, ela agradece a Deus por não ter o direito de voto “Eu às vezes penso que é mais sábio deixar as ações e discussões para os homens”<sup>95</sup> (FORSTER, 2012, p. 74). Tal afirmação abala a todos na mesa, inclusive, a Margaret que repreende sua convidada dizendo que as mulheres devem ter os mesmos direitos e opiniões que os homens na sociedade. A fala de Ruth mostra claramente que muitas mulheres ainda não se engajaram no movimento feminino que lutava pelo sufrágio e em prol de igualdade social, política e trabalhista na sociedade inglesa.

Apesar de discordar veementemente de sua amiga, Margaret percebe que está diante de uma mulher especial, uma pessoa boa e sensível que representa o oposto de sua família, que é extremamente materialista. Ruth Wilcox decide entregar sua residência a Margaret, após ser acometida de uma doença, e registra seu desejo em um pedaço de papel quando está no hospital. E. M. Forster define a conectividade da sociedade e a solidariedade mútua entre eles como únicos mecanismos capazes de unir uma nação extremamente estratificada. A decisão da matriarca é recebida como um soco entre seu clã que omite o fato à Margaret. Sentados à mesa, Dolly (Susie Lindeman) e seu marido passam a insultar a senhorita Schlegel, representando assim metaforicamente a ira entre ingleses e alemães.

O filme aborda claramente esse momento de comoção, no enterro de Ruth, e mostra a expressão triste das personagens. Após esse ocorrido, Henry passa a frequentar a casa das irmãs Schlegel e, com o passar do tempo, torna-se íntimo delas. Há um embate entre Henry e Leonard nesse momento. Para Henry, as irmãs não deveriam receber em sua residência pessoas de classe baixa (proletários) por não haver conexão alguma. Percebe-se que há uma discriminação por parte de Henry que tenta retirar Leonard de seu caminho a todo custo. Após um conselho mal intencionado do patriarca, o proletário perde o emprego e passa por várias privações. No filme, vemos claramente o desespero de Leonard Bast para conseguir um trabalho, pois não tem recursos para se alimentar corretamente.

---

<sup>95</sup> “I sometimes think it is wiser to leave the action and discussions to men” (FORSTER, 2012, p. 74).

Helen Schlegel descobre que Henry havia dado uma sugestão falsa e decide levar tanto Leonard quanto sua esposa à festa de casamento da família Wilcox e, chegando lá, questiona Henry e sua irmã, enquanto Jacky e seu Leonard se alimentam juntamente com os convidados. Durante a festa, Jacky começa a beber compulsivamente e fica bêbada. Os convidados presenciam a descompostura dela em meio ao baile, o que chama atenção do patriarca. Subitamente, ela reconhece Henry e o chama de amor. O filme mostra claramente essa cena de revelações, pois transpõe a fala das personagens para a tela do cinema, acirrando as expectativas do desfecho da obra. E. M. Forster parece estar mostrando a decadente sociedade que transgride a ética moral, conjugal e social da sociedade em 1910. Margaret fica sabendo do adultério que Henry cometeu anos atrás, quando esteve trabalhando nas colônias. A cena mostra claramente um recorte daquilo que acontecia lá.

Nesse ínterim, Helen Schlegel se envolve com Leonard Bast e tem uma relação sexual com ele. A gravidez da jovem surge com uma revelação para o romance. E. M. Forster entrecruza os caminhos de suas personagens e os une por meio de suas diferenças e distinções. Há visivelmente o envolvimento entre a classe rica e proletária que se unem por meio de laços afetivos.

Margaret pede a Henry que permita que sua irmã durma uma noite em *Howards End*. Porém, ele não o permite alegando que ela esteve envolvida com um proletário que não pertence ao seu nível social. O desejo de Helen Schlegel em adentrar na residência pode ser interpretado tanto como a ânsia dos estrangeiros em residir no país quanto o próprio desejo dos proletários em conseguir estabilidade. Se levarmos em conta que a casa representa uma metonímia da Inglaterra, as personagens que residem nela ou mesmo as que tentam ultrapassar suas portas simbolizam, assim os estrangeiros no país.

A conectividade que E. M. Forster tanto busca se consuma nas últimas linhas do romance, quando Henry encontra-se só e passível de perder sua segunda mulher (Margaret), por conta de sua postura irredutível. Margaret diz que o deixará e ficará com sua irmã que não tem para onde ir. Além disso, Charles, seu filho mais velho, é preso e sentenciado por três anos por assassinar Leonard Bast. Henry enfim permite que Helen Schlegel passe a residir com eles em *Howards End*, mostrando assim o entrelaçamento das respectivas classes sociais que E. M. Forster sugere. A epígrafe *Only Connect* (Junte Apenas) torna-se visível entre Margaret, Henry e Helen Schlegel que passa a conviver na casa com seu filho.

### 3.3 *Howards End* e *On Beauty* de Zadie Smith: uma releitura e análise comparativa

O romance *On Beauty*, da escritora Zadie Smith, é uma releitura da obra *Howards End*, de E. M. Forster, que descreve as principais mudanças na Inglaterra no início do século XX. A autora reescreveu a narrativa de *Howards End*, preservando assim, todos os detalhes e fatos contidos no enredo e os adaptou em sua nova versão. As personagens, o espaço e eventos em ambos as obras tornam-se similares e desenvolvem atividades muito parecidas, possibilitando com que o leitor possa fazer uma abordagem comparativa desses dois romances.



Todas as imagens foram extraídas da adaptação cinematográfica do Filme *Howards End*. Produção de Ismael Merchant. Direção de James Ivory. Roteiro de Ruth Prawer Jhabvala. Estados Unidos, 1992. DVD (136 min.). Figura 01. A residência dos Wilcoxes.

Na verdade, a autora refaz uma versão de *Howards End* (1910), modernizada para a sua época (século XXI), apropriando-se das mesmas concepções e ideias do autor como forma de homenagem a E. M. Forster. Se compararmos ambos os romances, perceberemos que os Belseys e os Kipps são analisados (comparados) com as Schlegels e os Wilcoxes em *Howards End*. Além disso, há outras coincidências visivelmente perceptíveis nessas obras, os quais se entrelaçam em uma cadeia de eventos e acontecimentos muito bem escritos pelos autores.

Coincidentemente, tanto *Howards End* quanto *On Beauty* foram romances publicados no início de séculos. Além disso, eles abordam as principais mudanças sociais, éticas históricas e culturais na sociedade em questão, respectivamente, o início do século XX (*Howards End*) e século XXI (*On Beauty*). Ao comparar esses dois romances, percebe-se logo uma nítida semelhança na descrição das personagens, nos acontecimentos históricos dessa época e na sociedade propriamente dita. Todas essas informações descritas pelos autores fornecem uma compreensão daquilo que está acontecendo em ambos os países (Inglaterra e Estados Unidos) em épocas distintas.





Figura 02: na cena, Paul Wilcox e Helen Schlegel iniciam um breve relacionamento de amor. Eles permanecem juntos por um período muito curto no romance e terminam com a partida de Paul para a Nigéria.

No prólogo de *Howards End*, há uma descrição de um casal de jovens que se apaixonam subitamente, mas que findam se separando e seguindo caminhos opostos. Helen Schlegel é surpreendida quando Paul Wilcox decide pôr fim ao romance partindo para as colônias. De igual modo em *On Beauty*, o jovem Jerome Belsey se apaixona pela filha da família Kipps, Victoria. À medida que a narrativa é descrita, surgem outros eventos nos romances que trazem fatos idênticos, os quais fundamentam os acontecimentos citados.

É importante assinalar não somente as semelhanças entre os dois romances, mas a própria descrição que os autores fazem desses dois períodos, os quais marcam toda a sociedade inglesa e norte-americana. Tanto E. M. Forster quanto Zadie Smith fazem um grande apelo humanitário, buscando assim alertar todos os cidadãos acerca do valor da conexão humana e o quanto as pessoas estariam interligadas, mesmo oriundas de diferentes classes socioculturais, posicionamentos políticos, dentre outros. Esse esforço que eles fazem em registrar as principais injustiças vividas pelos membros de classes inferiores (proletários) mostra a importância dos conceitos morais e éticos da sociedade, aspectos fundamentais para que se construa um futuro mais justo e igual.

Inicialmente, há a descrição de um telegrama escrito por Helen Schlegel a sua irmã Margaret, a qual está em Wickham Place com toda a família. Nela, ela conta um pouco sobre o seu maravilhoso período, em que está convivendo com os Wilcoxes, e compartilha com Margaret, descrevendo assim as principais características e personalidades desse clã:

Estou vivendo um momento glorioso. Eu gosto de todos eles. A senhora Wilcox, se está mais quieta do que estava na Alemanha, apresenta-se mais doce do que nunca e eu nunca vi algo como sua firme generosidade, e o melhor de tudo é que os demais não tiram proveito disto. [...] Eles são as famílias mais felizes, alegres que você possa imaginar. Eu realmente acredito que estamos nos tornando amigas. O divertido é que eles me veem como a líder, pelo menos o senhor Wilcox diz e quando isso acontece, ninguém se importa, é certamente uma forma de me testar, certo? Ele fala as coisas mais horríveis sobre os sentimentos das mulheres tão sutilmente, e quando eu disse que acreditava em igualdade ele simplesmente cruzou seus braços e deu-me um sermão como eu nunca tinha tido. Meg nós aprenderemos a nos expressar menos? [...]”<sup>96</sup> (FORSTER, 2012, p.3).

Na cozinha, Margaret faz a leitura do telegrama em voz alta para a tia Juley e seu irmão Tibby enquanto tomam chá e discutem assuntos relacionados à família. Todos são surpreendidos quando Margaret, em tom lento e emocionada, lê a última frase do telegrama quando Helen diz que está noiva de Paul Wilcox. A notícia de Helen não agrada sua tia que vê o relacionamento muito prematuro e inesperado. A tia Juley decide então ir à *Howards End* para conhecer um pouco mais sobre os Wilcoxes e conversar com sua própria sobrinha.

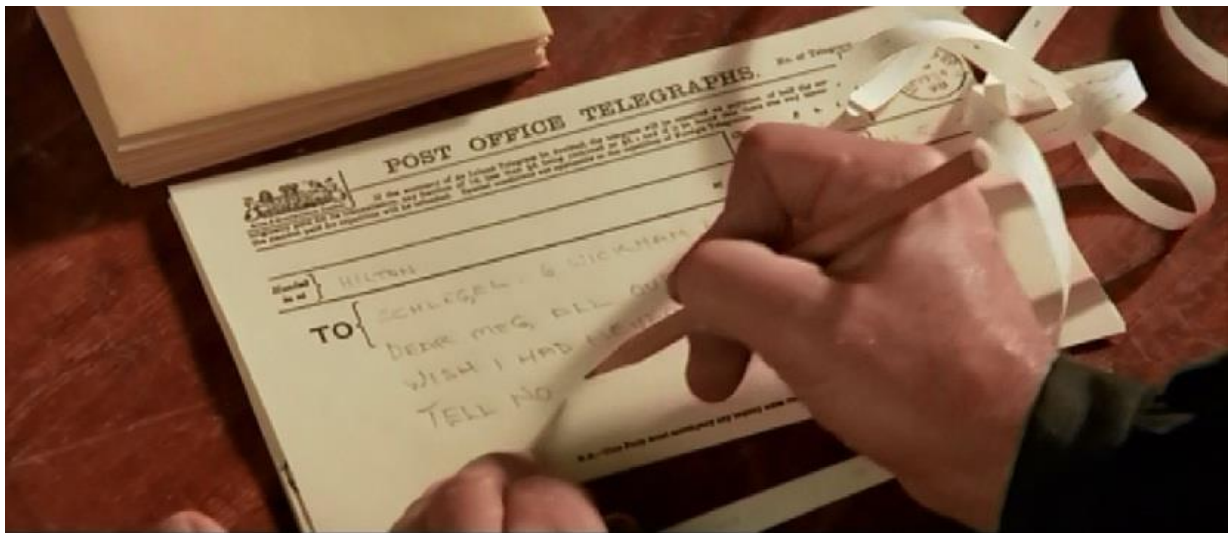


Figura 03: O telegrama enviado por Helen Schlegel a sua irmã Margaret. Na ocasião, Helen conta a sua irmã a grande decepção que teve com a família dos Wilcoxes e diz que eles são uma fraude.

Ao compararmos *Howards End* e *On Beauty*, percebemos que a descrição narrativa dos fatos e acontecimentos é idêntica, inclusive, na tomada de decisão das personagens e espaço onde elas se encontram. Em *On Beauty*, de igual modo, Howard lê o e-mail enviado pelo seu

<sup>96</sup> “I am having a glorious time. I like them all. Mrs. Wilcox, if quieter then in Germany, is sweeter than ever, and I never saw anything like her steady unselfishness, and the best of it is that the others do not take advantage of her [...] They are the very happiest, jolliest family that you can imagine. I do really feel that we are making friends. The fun of it is that they think me a noodle, and say so--at least Mr. Wilcox does-- and when that happens, and one doesn't mind, it's a pretty sure test, isn't it: he says the most horrid things about women's suffrage no nicely, and when I said I believe in equality he just folded his arms and game me such a setting down as I've never had. Meg, shall we ever learn to talk less? [...]” (FORSTER, 2012, p.3).

filho mais velho, Jerome, para sua esposa, Kiki e filhos. A mensagem soa como uma surpresa para todos ao descobrirem que Jerome está apaixonado por Vitória, filha da família Kipp, e que decide pedi-la em casamento.

Carlene ouve atentamente a leitura do e-mail do seu filho, atônita, mas não faz críticas, respeitando assim a decisão de Jerome. Howard, todavia, contrariando a decisão dele, diz que irá ministrar uma palestra na Universidade de Cambridge e, posteriormente, irá à Londres buscá-lo. É nesse momento que Kiki intervém em defesa do filho e diz que ele tem o direito de decidir, o que fazer com sua própria vida. Ela inclusive diz ao esposo que eles não estão vivendo em 1910, fazendo alusão a uma época passada, em que os pais tinham o poder de restringir a decisão dos filhos. Trata-se também de uma ironia muito sutil, já que *Howards End* foi publicado nessa época:

Howard acenou e virou o olhar. “farei uma palestra em Cambridge na Terça-Feira de qualquer forma- eu também voarei até Londres um dia antes, se tão somente” Kiki bateu na mesa. “Oh meu Deus, não estamos em 1910, Jerome pode se casar com quem infernos ele quiser casar- ou vamos começar a preparar cartões de visita e pedir-lhe que conheça somente as filhas da academia que você conhece”<sup>97</sup> (SMITH, 2005, p. 15).

De igual modo, Jerome descreve para o seu pai tudo o que está presenciando na casa da família Kipps e fala um pouco sobre eles no seu e-mail. Jerome diz ao seu pai que o senhor Monty, além de ser um especialista em Rembrandt, administra uma igreja que promove ações de caridade, em Barbados, Jamaica, Haiti, e em outros lugares. O convívio do jovem na residência dos Kipps influenciou drasticamente o seu conceito de religiosidade, visto que o próprio jovem diz estar muito mais alegre e satisfeito com a atmosfera da casa.

O senhor Monty faz contínuas orações, antes das refeições, devido a sua fé cristã. Jerome, inclusive, pede ao pai que recomende a sua irmã, Zora, que leia a passagem da Bíblia em Mateus 24, a qual ela gosta muito, segundo ele. O e-mail do jovem evidencia tudo o que ele está vendo e vivenciando na casa dessa família:

Bem, estou adorando tudo. Eu trabalho no próprio escritório de Monty Kipps (você sabia que é chamado de senhor Monty?), o qual fica na área Green Park. [...] Eu sei

---

<sup>97</sup> “Howard signed and looked away. “I’m giving a paper in Cambridge on Tuesday anyway – I might as well fly to London a day earlier, if only to” – Kiki slapped the table. “Oh my God, this isn’t 1910- Jerome can marry who the hell he wants to marry – or are we going to start making up visiting cards and asking him to meet only daughters of academics that you happen to” (FORSTER, 2012, p.3).

que você quer que eu te conte que é um pesadelo, mas eu não posso- Eu adoro viver aqui. É um universo diferente. A casa é simplesmente demais [...]”<sup>98</sup> (SMITH, 2005, p. 3).

Coincidentemente, assim como a Helen Schlegel, Jerome Belsey se frustra sentimentalmente e decide notificar isso aos seus confidentes, pedindo que não fosse dito aos demais membros da família. Porém, o telegrama de Helen Schlegel já havia sido enviado quando Paul Wilcox foi até aos correios buscá-lo e como consequência, todos ficaram sabendo do noivado. “Tudo terminado. Desejaria nunca ter escrito. Não diga a ninguém. Helen”<sup>99</sup> (FORSTER, 2012, p. 10).



Figura 04: Na cozinha, Margaret lê o telegrama enviado por sua irmã e fica chocada com a notícia de que ela estava noiva. Na ocasião, Tia Juley fica surpresa com as palavras da sobrinha e decide ir à Howards End romper o noivado.

Semelhantemente, em *On Beauty*, Jerome se frustra com sua pretendente Victória, após conhecê-la. A jovem decide não continuar o relacionamento. O rompimento do relacionamento é informado ao seu pai por e-mail: “papai, foi um erro. Eu não deveria ter dito nada. Terminado definitivamente. Se tivesse acontecido. Por favor, por favor, por favor, não diga a ninguém. Simplesmente esqueça [...]”<sup>100</sup> (SMITH, 2006, p. 26).

O telegrama de Helen Schlegel fornece informações preliminares sobre a família dos Wilcoxes tal qual o email que Jerome envia ao seu pai e, assim, descrevem os mesmos acontecimentos vividos pelas personagens, nas respectivas residências distintas. Zadie Smith

<sup>98</sup> “Well, I’m really enjoying everything. I work in Monty Kipp’s own office (did you know that he’s actually sir Monty??), which is in the Green Park area. [...] I know you want me to tell you it’s a nightmare, but I can’t- I love living here. It is a different universe. The house is just wow [...]” (SMITH, 2005, p. 3).

<sup>99</sup> “All over. Wish I had never written. Tell no one. Helen” (FORSTER, 2012, p. 10).

<sup>100</sup> “Dad mistake. Shouldn’t have said anything. Completely over- if it ever began. Please, please, please don’t tell anybody, just forget about it [...]” (SMITH, 2006, p. 26).

assinala alguns fatos semelhantes aos de *Howards End* no e-mail da personagem Jerome. Ele diz que trabalha com uma mulher chamada Emily, na oficina dos Kipps, fazendo alusão à irmã da tia Juley. Além disso, assim como Helen Schlegel menciona haver uma grande árvore, no fundo da residência dos Wilcoxes, Jerome também diz que há uma árvore na casa dos Kipps e cita o nome Evie, referindo-se, assim, à irmã de Charles Wilcox. O próprio nome do pai de Jerome, Howard, faz alusão ao título do romance de E. M. Forster. Com isso, a escritora parece apontar não somente fatos e acontecimentos idênticos a *Howards End*, mas também os nomes de personagens.

Quanto à linguagem atribuída às personagens, elas variam de acordo com a época, as quais os romances foram escritos, contrastando entre a formalidade e informalidade. Zadie Smith faz essa comparação linguística, apropriando-se dos mesmos contextos descritos em *Howards End*, mas em uma adaptação de acordo com a sua época no século XXI. Além dos meios de comunicação propriamente ditos, os romances citam períodos sociais distintos, fazendo um recorte dos principais fatos e acontecimentos dessas respectivas épocas.

Os conflitos sociais enfrentados pelos proletários, no início do século XX, descritos por E. M. Forster dão lugar aos conflitos raciais sofridos pela mesma classe proletária no século XXI. Helen Schlegel e Jerome dizem que as novas famílias com as quais eles estão residindo, momentaneamente, são agradáveis e acolhedores. Isso se torna evidente quando a senhorita Schlegel informa a sua irmã por meio de um telegrama. De igual modo, Jerome cita os Kipps em seu e-mail e diz que eles são perfeitos e muito unidos.

Ele descreve os Kipps como pessoas honestas que mantêm os valores éticos, cristãos e humanitários, assemelhando-se a uma família estruturada. Essa súbita religiosidade em Jerome causava sobremodo temor em Howard, que temia que seu filho se tornasse um assíduo cristão, assim como os Kipps: “ele temia a nova religiosidade do adolescente, a seriedade moral e silêncio, de alguma forma sempre implicitamente crítica. Howard criou coragem e telefonou”<sup>101</sup> (SMITH, 2005, p. 30).

A postura do patriarca da família Belsey em relação à criação de seus filhos, não é exemplar e sua esposa constantemente o exorta e discute com ele a respeito disso, acarretando diversas intrigas entre eles. Essa combinação de valores opostos se torna essencial para que ambos os autores possam descrever a sociedade da época, por meio de suas personagens. Ao compararmos os respectivos patriarcas Henry Wilcox e Howard Belsey percebemos que eles

---

<sup>101</sup> “He feared the new adolescent religiosity, the moral seriousness and silences, always somehow implicitly critical. Howard took courage and dialed” (SMITH, 2005, p. 30).

têm características similares, são materialistas e egocêntricos. Eles diferem das demais personagens, Monty Kipps e as próprias irmãs Schlegels, criando assim um embate entre o materialismo e os valores cristãos em ambos os romances.

Howard fica extremamente indignado quando vê seu vizinho Monty alcançando projeção social primeiro. Ademais, ele é suscetível a relações extraconjugais e tem um histórico de constantes traições no romance. Zadie Smith descreve essa personagem como alguém que não se importa com os movimentos sociais e humanitários, apesar de trabalhar como professor em uma universidade e, aparentemente, ser um intelectual que deveria questionar o sistema ou ser mais progressista.



Figura 05: a família Wilcox reunida. No carro, Henry Wilcox (Anthony Hopkins) e seu filho Charles (James Wilby) se despedem de Ruth (Vanessa Redgrave). Esse é o exato momento que ocorre o término do relacionamento do Paul (Joseph Bennet) e a Helen Schlegel (Helena Bonham).

Em *Howards End*, ao regressarem as suas residências, tanto Helen Schlegel quanto Jerome compartilha suas experiências com seus familiares e essas descrições enriquecem as análises das personagens do romance. Helen Schlegel diz que os Wilcoxes não participam de programas sociais e não fazem a menor questão de discorrer acerca de temáticas literárias. Ela reitera que os Wilcoxes são extremamente materialistas, visando somente lucros e bens materiais. A título de exemplo, conforme já citado anteriormente, Paul decide dar continuidade aos negócios da família nas colônias, ao passo que Charles administra as residências da família, no país, com seus pais. Esse fato define claramente o perfil do clã que destrata os proletários, não se sensibilizando com a situação calamitosa deles. É importante a cena como Charles trata os lacaios, na estação de trem, logo no início de *Howards End*,

demonstrando sua arrogância e insensibilidade ao expressar que o autoritarismo é a linguagem que os “criados” entendem melhor.

Por sua vez, Jerome diz ao seu pai que os Kipps são pessoas íntegras e tradicionais que guardam valores éticos e cristãos. Sua afirmação ao pai é fruto de sua experiência nos dias em que conviveu com eles na casa e, em todos os momentos, Monty constantemente fazia menção às obras sociais. A religiosidade de seu filho, Jerome, surge como um choque para Howard que, sendo ateu, passa a discutir com sua esposa (Kiki), por conta dessa súbita conversão.

O comentário de Jerome acerca dos Kipps deixa isso evidente, quando os descrevem como família cristã que preserva o hábito de orar, antes das refeições, e organizar movimentos sociais em diversas igrejas, buscando assim contribuir com a socialização de toda a comunidade.



Figura 06: momento em que Henry Wilcox visita a residências das Schlegels. Na ocasião, o patriarca encontra o proletário Leonard Bast na residência das irmãs e fica enciumado. A partir daí, E. M. Forster entrecruza os caminhos dos ricos e proletários no romance.

Não somente E. M. Forster aponta os conflitos sociais de sua época, mas, de igual modo, Zadie Smith parece reiterá-los em seu romance *On Beauty*. Descrever os principais eventos presenciados pelos cidadãos dessas épocas distintas parece ser uma tarefa muito importante para os autores, já que ambos assinalam a importância dos valores humanitários, como único caminho para coibir a discriminação, visivelmente presente em uma sociedade extremamente estratificada e fazem um alerta quanto a possíveis calamidades que se sucederão em detrimento desses conflitos.

A fim de expor esses conflitos sociais, E. M. Forster entrecruza os Wilcoxes e Leonard Bast, na residência das irmãs em Wickham Place, durante uma visita. Esse encontro faz menção simbólica entre a conectividade da classe rica e proletária da sociedade inglesa. Durante uma visita repentina do patriarca à residência das irmãs Schlegels, Henry conhece Leonard e fica estupefato com a presença dele na casa das irmãs. A partir daí, conforme citado antes, Henry passa a adverti-las sobre o rapaz e sua incompatível projeção social, fato que não agregaria a elas valor algum. “você se comporta muito bem com esse tipo de gente e então eles se impõem com você. Eu conheço o mundo e aquele tipo de homem assim que entrei na sala [...]”<sup>102</sup> (FORSTER, 2012, p. 141).

Assim como E. M. Forster, Zadie Smith também assinala os pontos negativos em sua sociedade norte-americana no século XXI, descrevendo por meio de suas personagens. A autora ratifica a importância de coibir tal prática que fora descrito por E. M. Forster e que se torna recorrente em sua época atual.

A título de exemplo, nota-se que a autora elenca a questão étnica quando o cita na conversa entre Howard e seu melhor amigo, Erskine. Na ocasião, Howard encontra uma fotografia que fora tirada ao lado de Nelson Mandela,<sup>103</sup> com todos os membros do departamento da faculdade. Ele e Erskine debatem sobre o motim de Brixton,<sup>104</sup> ocorrido em 1981, em Londres e que fora noticiado pela BBC.

Há uma preocupação dela em notificar esses eventos que fizeram parte da sociedade para criticá-los. Assim como E. M. Forster, ela sugere a união e socialização como único meio de manter a harmonia em uma sociedade não inclusiva. A inserção de personagens negras oriundas de países haitianos, caribenhos e africanos, no romance, traz a importante representação deles no contexto social do século XXI, já que o racismo torna-se um assunto importante para se discutir, levando em conta questões pós-coloniais e um novo rearranjo

<sup>102</sup> “you behave too well to people and then they impose on you. I know the world and that type of man, as soon as I entered the room. [...]” (FORSTER, 2012, p. 141).

<sup>103</sup> Nelson Mandela foi o primeiro presidente negro da África do Sul, nascido em 18 de Julho de 1918, em Mveso, Transkei, no mesmo país. Ele se tornou ativamente envolvido no movimento *anti apartheid* que lutava contra a discriminação racial. Mandela ingressou no congresso nacional em 1942 e por 20 anos liderou o movimento de paz contra as políticas racistas na África do Sul. Ele recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1993 por lutar contra o sistema opressor do *Apartheid*. Disponível em <http://www.biography.com/people/nelson-mandela-9397017>. Acesso em: 10/12/2014.

<sup>104</sup> A conspiração que aconteceu na Brixton, no bairro de Lambeth, em Abril de 1981, em Londres, chocou a nação. Durante três dias, integrantes do motim, predominantemente negros, lutaram contra a polícia e atearam fogo contra veículos nas ruas. Mais de 300 pessoas ficaram feridas e os danos estimados foram de 7.5 milhões de libras esterlinas. Foi chocante para a sociedade inglesa o súbito surgimento do motim que teve em sua maioria negros oriundos do Caribe que já residiam em Londres. Disponível em: [http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/4854556.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/4854556.stm). Acesso em: 10/12/2014.



geopolítico, dialogando com os recentes atentados na França, o conflito entre os imigrantes das antigas colônias de países, como a já citada França e a Inglaterra.

Em se tratando de datas, o romance *On Beauty* não precisa nenhuma delas, as quais definam o exato período em que a narrativa acontece, mas elenca fatos que norteiam o leitor a ter uma noção de tempo em relação a eles. Se analisarmos o estilo musical de *hip hop* e o rap, mencionados pelos filhos de Howard e o grande fluxo de imigrantes oriundos do Haiti e Caribe, conforme citado anteriormente, podemos inferir que os eventos se sucedem, na década de 1990, quando houve um grande processo migratório nos Estados Unidos e o destaque do estilo de música citado.

Para embasamento dessa afirmação temporal, MARINNUCI (2006, p. 1) afirma que, nos últimos anos, tornou-se comum abordar questões sobre o fenômeno da imigração da América Latina e Caribe. De fato, essa prática cresceu entre as décadas de 1980 e 1990. Mais adiante, na página 10, o autor afirma que a massa de imigrantes oriundos do Caribe e Haiti para os Estados Unidos foi muito significativa nessa época. Os Belseys, inclusive, têm uma empregada oriunda do Haiti, fazendo alusão a essa época migratória.

O conflito entre ambas as famílias se inicia quando Howard vê seu vizinho adiantar-se artisticamente na publicação de seu livro sobre o pintor Rembrandt. A partir daí, a competitividade passou a tornar-se uma obsessão para ele que desejava tornar-se superior ao seu oponente:

Howard sempre odiou Monty, assim como qualquer homem liberal o detestaria outro homem que tinha dedicado sua vida à perversa iconoclastia de direita, mas ele não tinha o odiado até ouvir a notícias, três anos atrás, que Kipps também estava escrevendo um livro sobre Rembrandt<sup>105</sup> [...]. Acredita-se que o livro e o seu provável destino (comparado com a própria obra inacabada de Howard, na melhor das hipóteses, poderia somente terminar nas prateleiras de milhares de estudantes da História da Arte)<sup>106</sup> (SMITH, 2006, p. 29).

O egocentrismo da personagem passa a crescer à medida que a família Kipps se torna íntima da sua e isso o incomoda de sobremodo. Ele passa a tecer críticas e tenta advertir o

<sup>105</sup> Rembrandt (1606- 1669) foi um pintor holandês considerado um dos maiores artistas da História europeia. Ele se aprofundou no gênero de pinturas bíblicas, histórias e imagens alegóricas de formas complexas. Fonte: <http://www.biography.com/people/rembrandt-9455125>.

<sup>106</sup> “Howard had always disliked Monty, as any sensible liberal would dislike a man who had dedicated his life to the perverse politics of right-wing iconoclasm, but he had never really hated him until he had heard the news, three years ago, that Kipps too was writing a book about Rembrandt [...] it was thought of that book, and of its likely fate (compared to Howard’s own unfinished work, which, in the best of all worlds, could only ever end up in the bookshelves of a thousand art history students)” (SMITH, 2006, p. 29).

Michael, filho de Monty, sobre o envolvimento de seu próprio filho com Victoria. Michael, transtornado, ao ouvir seu relato critica o senhor Belsey veementemente dizendo que sua irmã possui princípios éticos e cristãos. É nesse ponto que a autora introduz as personagens e suas respectivas qualidades. “Desculpe, tire suas mãos de mim, tudo bem? Minha irmã é virgem, entendeu? você compreendeu? Essa é a maneira pela qual ela foi criada, certo? Colega. Eu nem sei o que seu filho tem dito a você”<sup>107</sup> (SMITH, 2006, p. 38).

Curiosamente, Em *Howards End*, tia Juley saiu em defesa de sua sobrinha Helen Schlegel, quando ela ficou sabendo do súbito relacionamento dela. Na ocasião, no caminho a residência dos Wilcoxes, ela havia confundido o Charles pelo Paul e furiosa o repreendeu severamente. “[...] você não é digno de limpar as botas de minha sobrinha, de sentar no mesmo lugar com ela e você ousa, na verdade ousa. Eu recuso o diálogo com tal pessoa”<sup>108</sup> (FORSTER, 2012, p. 16).

Os conflitos gradualmente passam a acontecer à medida que as personagens apresentam suas diferenças sociais e culturais. Em *Howards End*, a posição social de Leonard Bast influencia bastante em sua aceitação na sociedade, visto que para Henry Wilcox, os proletários não deviam dividir o mesmo espaço que os cidadãos de classes superiores, fato que fica bem nítido no romance. Zadie Smith, de igual modo, introduz o conflito em *On Beauty*, abordando o súbito relacionamento de Jerome e Victória, similar ao relacionamento entre Paul Wilcox e Helen Schlegel. Ademais, em se tratando de conflitos propriamente ditos, a temática étnica surge em questão. Há personagens negras que são citadas no romance e elas não exercem atividades com projeção social. Além disso, os bairros que elas residem têm, em sua maioria, personagens negras, levando a crer que a autora está fazendo uma abordagem social dessas pessoas e contrastando com a estratificação social vivida por elas.

Não só *Howards End*, mas também *On Beauty* descrevem a ida de ambas as famílias ao concerto teatral e citam dois grandes músicos alemães. No primeiro, as Schlegels vão assistir a uma sinfonia de Beethoven e dentro do teatro encontram o Leonard Bast. No término da apresentação, as irmãs Schlegels começam a debater sobre o estilo de música desse autor e expressam suas opiniões e críticas. É nesse momento que o proletário Leonard Bast percebe o alto grau de intelectualidade das irmãs Schlegel tem quando os acompanham até a residência de Wickham Place: “O Beethoven é ótimo” disse Margaret, que não era uma

<sup>107</sup> “Excuse-me? Get your hands off me, all right? My sister is a virgin, yeah? you get me? that is how she was brought up, yeah? Mate. I don’t even know what your son has been telling you” (SMITH, 2006, p. 38).

<sup>108</sup> “[...] You’re not fit to clean my niece’s boots, to sit in the same room with her, and you dare—you actually dare—I decline to argue with such a person” (FORSTER, 2012, p. 16).

mulher do tipo encorajador. “eu não gosto de Brahams, muito menos de Mendelssohn que se apresentou primeiro e ah! Eu não gosto do Elgar que está vindo”<sup>109</sup> (FORSTER, 2012, p. 33).

No segundo romance, há uma similar descrição da ida dos Belseys ao concerto, assim como fora descrito em *Howards End*. Contudo, eles assistem a uma sinfonia de Mozart, fato que traz outra semelhança em relação à música descrita na obra. “Os Belseys estavam a caminho para assistir a uma missa de réquiem de Mozart, em Boston, o qual era um passeio de saída clássico entre a família [...]”<sup>110</sup> (SMITH, 2006, p. 60). Ao saírem do concerto, eles discutem a respeito de Mozart e sua influência na música, assim como as irmãs Schlegels discutem Beethoven, no primeiro romance.

Em *On Beauty*, Zadie Smith apresenta Howard, como um sucessor de Henry Wilcox em *Howards End*, e utiliza essa personagem como forma de expor a quebra de valores morais da sociedade. As suas ações e gestos no lar, não seguem os padrões estabelecidos pela sociedade tradicional, que se bastem do adultério e que guardam os dogmas de uma religião específica. Entretanto, para ele, não há um compromisso com seu cônjuge propriamente dito e são vários os deslizes cometidos por ele com outras mulheres.

A autora busca interligar fatos de *On Beauty* com as descrições de *Howards End*, seguindo uma cadência de fatos e acontecimento similares e que contrastam com séculos distintos (XX e XXI). A título de exemplo, cita-se o próprio nome da personagem Howard quando faz uso da palavra *and* que ressoa como /e/ para se referir a *Howards End* de E. M. Forster: “Acredito” disse [*Howard And*], como ele disse se sentiu dividido<sup>111</sup> (SMITH, 2006, p. 120).

Os eventos continuam e a autora entrecruza os caminhos dos Belseys e Kipps em uma festa. Os Belseys realizam uma festa e são surpreendidos com a chegada de seus novos vizinhos, os Kipps. A esposa de Howard, Kiki recepciona a senhora Kipps, que faz vários elogios aos seus filhos dizendo que eles são muito parecidos um com o outro. A partir daí, ambas as famílias passam a se conhecer e tornam-se íntimas.

---

<sup>109</sup> “The Beethoven’s fine, Said Margaret, who was not a female of the encouraging type. I don’t like the Brahms, though, nor the Mendelssohn that came first and uh! I don’t like this Elgar that is coming” (FORSTER, 2012, p. 33).

<sup>110</sup> “The Belseys themselves were on their way to hear Mozart’s requiem performed on Boston Common. It was a classic family outing [...]” (SMITH, 2006, p. 60).

<sup>111</sup> “Believe”, said Howard and, as he said it, felt shattered (SMITH, 2006, p. 120).



Figura 07: o almoço oferecido por Margaret a sua nova amiga Ruth Wilcox. Nesse momento, todos os convidados reunidos ouvem atentamente as palavras da matriarca que expõe sua concepção sobre a população alemã.

*Howards End* assinala um momento muito importante, quando Margaret convida a senhora Ruth Wilcox a um almoço como forma de agradecimento. Conforme já citado anteriormente, E. M. Forster parece querer reafirmar a importância das relações pessoais, como forma de unir toda a sociedade que caminha para uma iminente guerra. De igual modo, Zadie Smith readapta essa cena a qual todos estão sentados à mesa discutindo sobre socialismo e política e que, na ocasião, Ruth Wilcox menciona a importância da conectividade entre as pessoas. Ao que parece, a autora introduz essas personagens e descreve suas rotinas trabalhistas, como forma de chamar a atenção da sociedade quanto às questões étnicas e sociais que os negros viviam nessa época.

Assim como E. M. Forster descreve *Howards End* e como as irmãs Schlegels tornam-se proprietárias, após o gesto nobre da senhora Ruth Wilcox, igualmente, Zadie Smith reconstrói uma narrativa similar à *Howards End* em seu romance. A residência construída, em 1856, foi entregue aos familiares de Kiki por um benevolente médico branco que conhecia a família dela por 20 anos. Esse fato aponta novamente a semelhança nos episódios dos romances que têm múltiplos acontecimentos idênticos que interagem em todos os aspectos.

A cena que descreve Ruth padecendo de uma enfermidade em um leito de hospital dá lugar a um médico que se compadece com a simplicidade da família Belsey. Ao comparar os padrões sociais das avós de Kiki, percebe-se que elas são mulheres trabalhadoras que sofrem as restrições impostas pela sociedade da época. A autora assinala que elas viviam no lar e eram escravas, mostrando assim as desigualdades étnicas sofridas pelos negros. “A tataravós

de Kiki, uma escrava do lar, a bisavó, uma empregada e então a avó, uma enfermeira. Foi a Lily quem herdou a casa toda por um benevolente médico branco”<sup>112</sup> (SMITH, 2006, p. 17).

Esse fato traz uma reflexão muito relevante ao romance, visto que mostra claramente a quebra do julgo racial comumente ocorrido entre brancos e negros. Zadie Smith parece reforçar a discriminação citada por E. M. Forster no século XX e que se torna recorrente no século XXI. Além disso, a autora nomeia a avó de Kiki com o mesmo nome da mãe de E. M. Forster, fato similar à personagem Lily, no romance *Where the angels fear to tread*, também do autor.

Na festa dos Belseys, torna-se visível a indiferença dos convidados em relação a Monique, a empregada da família, que é negra e traz em uma mão um prato de comida e em outra uma garrafa de bebida: “isto é desagradável: uma negra com um lenço se aproximando com uma garrafa em uma mão e um prato de comida em outra, como uma empregada em um velho filme”<sup>113</sup> (SMITH, 2006, p. 98). Para Zadie Smith, abordar as desigualdades vistas na sociedade é algo relevante e suas personagens fazem isso perfeitamente quando expõem por meio de suas falas e atuações.

O romance *On Beauty* narra várias questões que foram citadas anteriormente por E. M. Forster em *Howards End*. A título de exemplo citam-se: as questões morais da academia (universidade), a discriminação racial sofrida pela família Kipps, o sexo e a quebra de valores conjugais na sociedade e a política, além de expor uma nova imagem da América nos dias atuais. Em relação aos aspectos morais propriamente ditos no romance, vê-se que a personagem Howard deixa muito a desejar, apesar de ser uma personagem que detém uma posição importante na universidade de Wellington. Ele é rival de Monty e se sente frustrado pela sua incapacidade de desenvolver um trabalho tão relevante quanto do seu oponente. Percebe-se que a inveja motiva a personagem, pois Howard não se conforma em ver Monty tornar-se famoso.

Howard faz questão de deixar claro seu descaso por datas comemorativas ou religiosas. Essa personagem não gosta do período natalino e muito menos se socializa com pessoas que professem a fé cristã. A personagem não interage com a tecnologia e não faz uso nem ao menos de um celular para ficar em contato com seus filhos e esposa. Ele detesta Mozart, mas vai assistir ao concerto (*Mozart's Requiem*) com sua família.

---

<sup>112</sup> “Kiki’s great-great grandmother, a house-slave; great-grandmother, a maid; and then her grandmother, a nurse. It was Lily who inherited this whole house from a benevolent white doctor” (SMITH, 2006, p. 17).

<sup>113</sup> “This one was unpleasant: a Black woman in a head wrap approaching with a bottle in one hand and a plate of food in the other, like a maid in an old movie” (SMITH, 2006, p. 98).

O patriarca da família Belsey tem características similares às de Henry Wilcox, quando desdenha de alguns valores morais e éticos da sociedade. Tanto um quanto o outro são suscetíveis à infidelidade conjugal e envolveram-se com outras mulheres fora do casamento. Howard já havia se envolvido com várias mulheres e, inclusive, a própria amiga de sua filha, apesar de ter sido perdoado por sua esposa anteriormente.

Essa quebra de valores citados por ambos os autores mostra um recorte interessante da sociedade em épocas distintas, retrabalhando os mesmos temas. É interessante citar que Zadie reescreve os acontecimentos vividos pelos Belseys e Kipps na sociedade norte-americana do século XXI, baseando-se em fatos discriminatórios descritos por E. M. Forster e os transpõem ao enredo de sua obra. Logo, *Howards End* e *On Beauty* descrevem em suas narrativas temáticas que fazem recortes da sociedade em um espaço de cem anos.

Outro fato interessante a ser citado nos romances é o feminismo presente neles. Tal como em *Howards End*, há personagens femininas em *On Beauty* que são protagonistas da narrativa que sobrepõem às masculinas, mesmo que o patriarcado ainda seja o ponto de partida como visão sociopolítica. Margaret e Helen Schlegel são mulheres emancipadas e intelectuais que promovem discussões e debates políticos, culturais e literários. Elas têm seus caminhos entrecruzados com outras personagens, no romance, que contribuem com a concatenação dos fatos. Concomitantemente, a matriarca da família Belsey interage com a senhora Carlene Kipps em *On Beauty*, além de acontecer com as próprias filhas de ambas as famílias e outras personagens que surgem no decorrer da narrativa.



Figura 08: a irmãs Schlegels e Tibby. A representação das mulheres emancipadas e intelectuais.

As personagens femininas em ambos os romances representam o importante papel delas na sociedade em épocas distintas. Margaret e Helen lutam por igualdade social e preservam os valores sociais e humanitários. De forma semelhante, a senhora Kipps e a matriarca Kiki são personagens que têm consciência do amor e socialização entre as pessoas. Em *Howards End*, as irmãs Schlegels se sensibilizam com Leonard Bast quando se encontra desprovido de recursos financeiros e tentam a todo instante ajudá-lo a fim de restabelecê-lo no mercado de trabalho. Em *On Beauty*, a própria esposa de Howard, a matriarca, também tenta compreender seu marido e ajudá-lo, mesmo tendo cometido transgressões conjugais e atitudes reprováveis diante da sociedade.

A propósito, em *Howard End* e em *On Beauty*, há duas mulheres que morrem nos romances. Ruth Wilcox e Carlene são mulheres que têm qualidades louváveis e dignas de apreciação, constantemente buscam a resolução de conflitos familiares e são personagens extremamente simpáticas com todo o seu círculo familiar. Elas são responsáveis pelo equilíbrio de praticamente todos os conflitos e buscam intermediação entre eles. Carlene é descrita como uma pessoa simples que preserva os valores morais e éticos com sua família.

Similarmente, Ruth Wilcox vive em harmonia com todos em sua residência. Ela é o esteio de sua casa, no tocante à preservação dos costumes e tradições. Outro fato interessante em *On Beauty* é que ambas as filhas das famílias não preservam os valores éticos e virtuosos, pois desempenham situações que deixam isso bem claro. Após conhecer Howard, Victoria passa a se insinuar e apresenta-se como uma jovem promíscua para o pai do seu ex-namorado. Seu comportamento, gestos e maneira de agir deixam isso bem claro: “Ela estava bem atrás com seus saltos, usando somente seu top com metade exposto a ele. Eles sorriram um ao outro. O coração de Howard espontaneamente simpatizou com seu filho mais velho [...]”<sup>114</sup> (SMITH, 2006, p. 124). Em contrapartida, Zora, a filha de Howard, manipula seu pai quando descobre sua traição, forçando-o a realizar todos os seus desejos e vontades. Isso faz com que essas personagens se assemelhem em qualidades e características, servindo de crítica por parte da autora sobre as imposições da sociedade.

O principal conflito existente no romance *On Beauty* gira em torno desses grupos familiares citados; os Belseys e os Kipps. Eles têm visões políticas divergentes e acreditam em valores distintos. Aliás, para os Kipps, a religiosidade e crença nos valores cristãos são a

---

<sup>114</sup> “She was right back on her heels, with only her top half turned to him. They smiled at each other. Howard’s heart spontaneously went out in sympathy to his eldest son [...]” (SMITH, 2006, p. 124).

base de sua formação. Essa doutrina que eles cultuam é repassada aos seus filhos como elemento fundamental para o equilíbrio.

Ressalta-se que os primeiros conflitos presenciados entre os Belseys e os Kipps em *On Beauty* acontecem no âmbito acadêmico. Há uma competitividade entre Howard e Monty acerca da projeção profissional que ambos buscam ter na universidade de Wellington. Conforme citado anteriormente, Howard busca destacar-se no meio científico e frustra-se quando percebe que seu oponente publicará um livro que lhe consagrará como escritor. Além disso, os Belseys enfrentam problemas internos entre eles mesmos, quando surgem discussões envolvendo Kiki e seu marido.

As contínuas traições de Howard geram brigas e discórdias entre ele e sua esposa, pois suas atitudes desestabilizam o relacionamento conjugal, obrigando o casal a uma separação. Ele parece ignorar os valores morais e desdenha sua esposa, quando a trai por diversas vezes. Da mesma forma, em *Howards End*, os conflitos entre Henry Wilcox e Margaret são, em sua maioria, internos e desestabilizam a relação do casal, quando Henry se recusa a hospedar a cunhada por ela ser uma “mãe solteira”, fato imperdoável para a sociedade puritana em 1910. Margaret busca incessantemente hospedar sua irmã por uma noite na residência, após o envolvimento dela com Leonard Bast, fato esse que contraria a aceitação do marido.



Figura 09: em cena, Jacky Bast reencontra Henry Wilcox e relembra de seu relacionamento extraconjugal com ele há dez anos.

Quanto à temática de infidelidade propriamente dita, ambos os romances descrevem a transgressão conjugal de suas personagens e as respectivas consequências de seus atos. Henry Wilcox teve uma relação com Jacky, há dez anos, quando ele estava trabalhando em Chipre.



Essa relação acarretou em uma revelação surpreendente diante de todos os convidados, em uma festa de casamento. Na ocasião, sua segunda esposa, Margaret fica ciente do fato, deixando o patriarca demasiadamente envergonhado. Howard, concomitantemente com Victoria passa a ter relações sexuais, que culminam no desprezo veemente de sua filha que vê o pai como uma vergonha acadêmica.

Esse dismantelamento dos valores sociais e éticos é exposto por ambos os autores que descortinam as hipocrisias intrínsecas na sociedade da época. Em 1910, E. M. Forster dismantela a moral do patriarcado de Henry com o seu envolvimento conjugal com a esposa de Leonard Bast. Esse fato expõe uma prática comumente ocorrida entre os cidadãos aristocratas que viam o sexo feminino como objeto de posse, ainda mais oriunda de uma classe social mais baixa, no caso de Jacky. Vale ressaltar a submissão de Ruth Wilcox que representa assim as tradicionais mulheres que viviam, em plena atividade do lar, dedicando-se aos cuidados de toda a família e afazeres domésticos.

Em contrapartida, Zadie Smith descreve Howard como a visível hipocrisia do pai de família, em pleno século XXI, que desempenha atividades importantes na sociedade, mas que desrespeita todos os valores morais e éticos. Os múltiplos relacionamentos dessa personagem apontam essa característica desleal que muitos homens têm, nos dias atuais. O fato de Howard ser um educador deveria representar um modelo a ser seguido. Todavia, ele inviabiliza a ética profissional com suas atitudes errôneas. Percebe-se, portanto, que Zadie Smith traça o panorama da sociedade norte-americana do século XXI, fazendo uma analogia com a sociedade inglesa do século XX, de E. M. Forster e, assim, apresenta os fatos históricos, problemas e eventos que marcam essa época.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os eventos descritos por E. M. Forster em *Howards End* são importantes e servem como reflexão para futuras gerações, uma vez que a obra foi reescrita em *On Beauty*, de Zadie Smith, a qual descreve acontecimentos similares ocorridos em praticamente um século depois.

O romance permite outras interpretações, quer seja nessa obra, tema desta dissertação, quer seja em algum das demais obras do autor. É imprescindível mostrar a importância de E. M. Forster para a Literatura Inglesa, pois suas temáticas contextualizam fatos e acontecimentos visivelmente inseridos na sociedade em questão. Logo, seus trabalhos, artigos e ensaios fornecem amplas possibilidades de pesquisas científicas.

A concretização de sua obra se consolida com a contínua propagação de sua mensagem através dos anos. Seu legado e humanitarismo se tornam frutíferos no campo literário quando oferecem variadas temáticas de conectividade e relação interpessoal. A obra se immortaliza com a famosa epígrafe *Only Connect* (Junte apenas) entre o rico e o proletário, entre o branco e afrodescendente, entre cidadãos de países diferentes, entre indianos e ingleses, conforme exposto em outro romance *A passage to India*.

E. M. Forster descreve claramente as consequências da segregação social, racial e cultural não somente na sociedade inglesa quanto em outras e busca mudar os ditames sociais em relação a essa prática. Os seus romances abordam, em sua maioria, a imposição da cultura, convenções e sanções impostas aos países ocupados “colonizados” que se tornam fonte de extração de recursos e abastecimento aos colonizadores. O autor assinala que o equilíbrio harmônico entre os povos só se concretizaria se todos se unissem *Only Connect* (Junte Apenas), evitando assim o surgimento discriminatório de grupos étnicos e sociais.

É importante considerar sua epígrafe como a chave de abertura para se evitar conflitos não somente na sociedade inglesa, mas também nas demais culturas, antevendo conflitos iminentes e ratificando os valores igualitários. Parafraseando as palavras de Daise Fonseca (2008, p. 1) que diz: “as colônias não eram terras virgens, mas territórios independentes, uma vez que primeiramente pertenciam aos seus habitantes originais, e não eram simplesmente terras desabitadas à disposição de qualquer país poderoso” (FONSECA, 2008, p. 1), confirmando assim a necessidade de respeitar a cultura, costumes e hábitos de outras nações.

Os legados da colonização inglesa deixaram marcas latentes em diversos países os quais a Inglaterra e outros países ocuparam. E. M. Forster faz um recorte dessa época como testemunha ocular, residindo na Índia por vários meses e nos traz uma grande lição sobre isso.

Em *Howards End*, há o apelo para a sensibilidade em prol das dificuldades alheias e traz uma importante reflexão: a importância do humanismo como equilíbrio de toda sociedade, pois sem ela, segundo o autor, não é possível viver em paz.

E. M. Forster ratifica nas entrelinhas de seu romance as consequências nocivas que a estratificação social pode trazer para toda a sociedade inglesa, e adverte o mundo quando antevê uma iminente guerra entre a Inglaterra e Alemanha, por conta dessas discriminações. Os entraves vividos por Leonard Bast contrastam com as facilidades que os cidadãos de classes mais favorecidas (burgueses) desfrutavam, ilustrando assim o desejo que os proletários tinham em conquistar uma vida confortável em uma época a qual não havia estabilidade empregatícia.

Em *Howards End*, percebe-se o apelo humanista do autor e seu desejo de unificar os povos e culturas afins que são representados pelas personagens que são descritas no romance. Elas evidenciam os desejos, idealizações e preocupações do autor, que vê a humanidade caminhando a destruição. Ele questiona, reflete e adverte a todos sobre os valores igualitários tão necessários nos dias atuais, os quais são fundamentais para o equilíbrio da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Zina. *Luta das mulheres pelo direito do voto- Movimentos sufragistas na Grã Bretanha e nos Estados Unidos*, 2002. Disponível em: <[https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/380/1/Zina\\_Abreu\\_p443-469.pdf](https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/380/1/Zina_Abreu_p443-469.pdf)> acesso dia 18/03/2015 às 15:00
- AGUIAR, Alexandre e SILVA, Lajosy. *Os conflitos de classes sociais na sociedade inglesa do século XX em Howards End* de E. M. Forster. Manaus, Amazonas: Revista Folhas, 2014.
- AVELAR, Mario. *Alexandria, revendo a (as) 'cidade (s) de Kavafis*. Babilônia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Traduções. Nr. 4:73:83, 2006. Disponível em: <<http://www.ulices.org/g3-estudos-americanos/mario-avelar-colaborador.html>> acesso dia 02/01/2015 às 08:00
- BEAUMAN, Nicola. *E. M. Forster A Biography*. New York: Alfred A. Knopf, inc. 1994.
- CHESNEY, Thom D. *Forster on Film: What he believed*. Texas Wesleyan University, USA, 1998. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/LinksLetters/article/download/22695/22530>> acesso dia 05/08/2014 às 15:00
- ENDERS et. al, *História em Curso Da Antiguidade à Globalização*. São Paulo: editora do Brasil, 2008.
- FRANK, Jeffrey Teachout. *Only Connect*. United Sate of America: Wichita State University, 2007. Disponível em: <<http://soar.wichita.edu/bitstream/handle/10057/1179/t07055.pdf?sequence=3>> acesso dia 10/07/2014 às 13:00
- FORSTER, Edward Morgan. *Howards End*. USA: Signet Classics, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A passage to India*. London: Everyman's Library, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos do romance*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A room with a view*. London: The Project Gutenberg, 2001.
- Disponível em: <<http://www2.hn.psu.edu/faculty/jmanis/em-forster/room-view.pdf>> acesso em 12/11/2014 às 14:00
- \_\_\_\_\_. *Where the angels fear to tread*. New York: Vintage, 1947.
- FONSECA, Daise Lilian Dias. *A ideologia imperialista na Literatura colonial inglesa*. Rio Grande do Norte: Revista de Humanidades. V.9, n. 24. 2008. Disponível em: <[http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st\\_suma\\_pg/st11.html](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_suma_pg/st11.html)> acesso dia 18/03/2014 às 14:00
- HOBBSAWM, Eric. J. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária: Tradução Donaldson Magalhães Garschagen, 2009.
- KRONKA, Eleni. *A Cobertura de Moda nos Jornais Diários*. Revista Ulusofona. 4 p.73,2006. Disponível em: <[http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/bdt/2006/2006-me-kronka\\_eleni.pdf](http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/bdt/2006/2006-me-kronka_eleni.pdf)> acesso dia 15/12/2014 às 11:00

- LEMOS, Ailson. *Adaptação de Howards End no contexto Britânico*. Bahia, 2011. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/08/HOWARDS%20END%20corrigido.pdf>> acesso dia 20/06/2014
- MARINNUCI, Roberto. *Migrações Internacionais Intra- Regionais na América Latina e no Caribe*. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Santiago do Chile, 2006. Disponível em:  
<[http://www.csem.org.br/pdfs/migracoes\\_em\\_america\\_latina\\_e\\_caribe\\_roberto\\_marinucci.pdf](http://www.csem.org.br/pdfs/migracoes_em_america_latina_e_caribe_roberto_marinucci.pdf)> acesso dia 04/10/2014 às 22:00
- MINICUCCI, Agostinho. *Relações humanas psicologia das relações Interpessoais*. São Paulo: Editora Atlas, 1982.
- OLIVEIRA, Karina da Rocha. *A Voz Feminina do Século XIX através das páginas do jornal da família*. Fundação Biblioteca Nacional, 2009.
- PROENÇA, Graça. *Descobrimo a História da Arte*. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- ROCHA, Karina de Oliveira. Josefina Alvares de Azevedo: *A Voz Feminina no Século XIX através das páginas do jornal a família*. Fundação Biblioteca Nacional, 2009. Disponível em:<[http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Karine\\_da\\_Rocha.pdf](http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Karine_da_Rocha.pdf)> acesso dia 10/10/2014 às 08:00
- ROSENBAUM, S. P. *The Bloomsbury Group- A Collection of Memoirs and Commentary*. London, Lawrence Public Library, 1995.
- SARKER, Sunil Kumar. *A companion to E. M. Forster*. India: Atlantic, 2007.
- SMITH, Zadie. *On Beauty*: New York, Penguin Books, 2006.
- THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária inglesa 1*. São Paulo: Editora Paz e Terra: Tradução Denise Bottmann, 2011.
- TRILLING, Lionel. *E. M. Forster*. Norfolk Conn.: New Direction, 1943.
- TURNER, Henry S. *Empires of Objects: Accumulation and Entropy in E. M. Forster 's Howards End*. United States of America: Hofstra University, 2000. Disponível em:  
<<http://rci.rutgers.edu/~hsturner/pdfs/EmpiresofObjects.pdf>> acesso dia 15/12/2014 às 16:00.
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, tradução: Roberto Schawarz, 1990.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo, Círculo do livro, tradução: Vera Ribeiro, 1928.
- XAVIER, Ismail. *O Olhar e a Cena*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.